

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÍDIA E TECNOLOGIA – MESTRADO
PROFISSIONAL**

FERNANDA DE FRANÇA GATTO

**PRETUGUÊS:
ORALIDADE E RESISTÊNCIA AFROBRASILEIRA
COMO ENFRENTAMENTO AO RACISMO RELIGIOSO**

**BAURU
2023**

FERNANDA DE FRANÇA GATTO

**PRETUGUÊS:
ORALIDADE E RESISTÊNCIA AFROBRASILEIRA COMO
ENFRENTAMENTO AO RACISMO RELIGIOSO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – FAAC, Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho” - UNESP, para obtenção do título de Mestre em Mídia e Tecnologia sob a orientação do Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier.

BAURU

2023

G263p

Gatto, Fernanda de França

Pretuguês : oralidade e resistência afrobrasileira como
enfrentamento ao racismo religioso / Fernanda de França
Gatto. -- Bauru, 2023

141 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual
Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes,
Comunicação e Design, Bauru

Orientador: Juarez Tadeu de Paula Xavier

1. Tecnologia. 2. Racismo. 3. Tradição oral. 4. Cultos
afro-brasileiros. 5. Umbanda. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE FERNANDA DE FRANÇA GATTO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÍDIA E TECNOLOGIA, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN.

Aos 29 dias do mês de março do ano de 2023, às 19:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de FERNANDA DE FRANÇA GATTO, intitulada **Pretuguês: oralidade e resistência afrobrasileira**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. JUAREZ TADEU DE PAULA XAVIER (Participação Presencial) do(a) Departamento de Comunicação Social / UNESP/FC-Bauru, Profa. Dra. RONILDA IYAKEMI RIBEIRO (Participação Virtual) do(a) Universidade de São Paulo (USP), Professor Doutor DORIVAL CAMPOS ROSSI (Participação Presencial) do(a) Departamento de Design da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Universidade Estadual Paulista . Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: Aprovada . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.


Prof. Dr. JUAREZ TADEU DE PAULA XAVIER

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Exu, aquele que me propôs esse desafio e trabalho.

Agradeço aos Guias da Umbanda e aos Orixás por estarem sempre comigo.

Agradeço aos meus pais e ao meu irmão por serem a minha base.

Agradeço ao Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier por sempre acreditar em mim e me fornecer o substrato para as reflexões necessárias.

Agradeço às amigas e pesquisadoras do NeoCriativa, Isabela, Paola e Débora, por serem exemplo de persistência, intelecto e doçura.

Agradeço ao meu companheiro Giovanni por ter me acompanhado nesse processo.

Agradeço aos irmãos do Terreiro por serem família e terem contribuído ativamente para essa pesquisa.

Agradeço a minha leitora oficial, Isabeli, por todo profissionalismo e olhar cuidadoso.

Agradeço a todos que de alguma forma fizeram parte desse trabalho.

Com amor e axé, deixo o meu muito obrigada!

*“Exu foi pro inferno com sapato de algodão
Exu foi pro inferno com sapato de algodão
O sapato pegou fogo, Exu ficou de pé no chão
O sapato pegou fogo, Exu ficou de pé no
chão” (Cantiga da Umbanda)*

RESUMO

Esta pesquisa buscou contribuir para o debate acerca do racismo religioso, um problema concreto da sociedade brasileira. Para isso, investigou-se os mecanismos de resistência existentes nas tradições afrobrasileiras sob o ponto de vista de mídias e tecnologias. Nesse sentido, a oralidade assumiu o protagonismo enquanto tecnologia capaz de manter os saberes afrobrasileiros vivos até a atualidade. A partir do conceito de pretuguês de Gonzales (1984), compreende-se a tradição oral presente nos Terreiros, a partir dos pontos cantados. O pretuguês tornou-se um aspecto central da pesquisa, conduzindo-a ao confronto de estereótipos construídos sobre a negritude, como o da mãe preta e a sua resignificação através da Preta Velha da Umbanda. Por fim, com a finalidade de aprimorar o conhecimento acerca do Terreiro e da oralidade, foi realizado um trabalho de campo sob o ponto de vista da antropologia cultural e da etnografia, culminando no diálogo com sujeitos que compõem um Terreiro de Umbanda da cidade de Bauru - SP.

Palavras-chave: Mídia; Tecnologia; Tradições Afrobrasileiras; Oralidade; Racismo Religioso.

ABSTRACT

This research aims to contribute to the debate about religious racism, a real problem in Brazilian society. For this purpose, it investigated the resistance mechanisms existing in Afro-Brazilian traditions from the point of view of media and technologies. Therefore, it was possible to identify the orality as a technology capable of keeping Afro-Brazilian knowledge alive. Based on Gonzales' (1984) concept of *pretuguês*, it was possible to understand the oral tradition present in the *Terreiro* based on the Umbanda songs. The *pretuguês* became a central aspect of the research, leading it to confront stereotypes about blackness, such as the Mammy and its re-signification through the *Preta Velha* in Umbanda. In order to improve the knowledge about the *Terreiro* and orality, a fieldwork was carried out from the point of view of cultural anthropology and ethnography, resulting in interviews with subjects that are part of a *Terreiro* of Umbanda in the city of Bauru, state of São Paulo.

Keywords: Media; Technology; Afro-Brazilian traditions; Orality; Religious Racism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 POR UMA CULTURA PROPRIAMENTE AFROBRASILEIRA	11
2.1 INTRODUÇÃO	11
2.2 JUSTIFICATIVA	13
2.3 OBJETIVOS	15
2.3.1 Objetivo geral	15
2.3.2 Objetivos específicos.....	15
2.4 METODOLOGIA.....	16
3 RACISMO RELIGIOSO E ÈŞÙ.....	19
3.1 A POLÍTICA DA EXTREMA DIREITA	19
3.2 “ISSO PODE, NÉ! EU FALAR DE DEUS, NÃO!”	20
3.2.1 Cristofascismo brasileiro	24
3.3 A DEMONIZAÇÃO COMO ALICERCE DA BRUTALIDADE	25
3.3.1 A linguagem e a demonização de Èşù.....	25
3.3.2 A demonização e o Ògò de Èşù	30
3.3.3 Exu na Umbanda	33
3.3.4 Racismo religioso	40
4 DA MÃE PRETA A PRETA VELHA	44
4.1 A EXPERIÊNCIA DA MULHER NEGRA ESCRAVIZADA	44
4.2 O PAPEL HISTÓRICO DA MUCAMA	46
4.3 O ESTEREÓTIPO DA MÃE PRETA	48
4.4 A PRETA VELHA NA UMBANDA	53
4.5 O PRETUGUÊS NO TERREIRO	56
5 ENTREVISTAS	59
5.1 O TERREIRO	60

5.2 O IRMÃO MAIS VELHO	62
5.3 A IRMÃ MAIS VELHA.....	63
5.4 A IRMÃ MAIS NOVA	63
5.5 PROCESSOS.....	64
5.6 PESSOAS	69
5.7 PLATAFORMAS.....	74
5.8 PROTOCOLOS	81
5.9 DIÁRIO DE BORDO DA PESQUISADORA	85
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
APÊNDICE A – Termo de Consentimento	103
APÊNDICE B – Roteiro da entrevista.....	105
APÊNDICE C – Entrevista Irmão Mais Velho.....	107
APÊNDICE D – Entrevista Irmã Mais Velha.....	117
APÊNDICE E – Entrevista Irmã Mais Nova.....	130

1 INTRODUÇÃO

Em novembro de 2022, esta pesquisa foi premiada pelo Programa Ancestralidades de Valorização à Pesquisa 2022, do Itaú Cultural e da Fundação Tide Setubal. O Edital selecionou doze pesquisadores negros, pretos e pardos, com pesquisas em andamento ou concluídas, cujas temáticas se alinhavam com o conceito de ciências e tecnologias em perspectivas com os saberes afrobrasileiros. No caso deste trabalho, o eixo temático alinhado foi “tecnologias ancestrais afro-brasileiras aplicadas à contemporaneidade”.

O programa revela a importância da visibilidade e da promoção das pesquisas afro-centradas e decoloniais no âmbito acadêmico. Tal aspecto é de extrema necessidade, na medida em que a ciência existe para atender às carências da sociedade, não apenas no quesito técnico, mas também social e cultural. Porém, é inegável o fato de que a Universidade ainda mantém características eurocêtricas e hierarquizadoras de saberes, trazendo dificuldades para aqueles que desafiam essa estrutura.

Enquanto pesquisadora negra de pele clara, não binária, umbandista, alinhada ao combate ao racismo, essa premiação foi um grande incentivo à pesquisa e à conclusão deste trabalho, além de reafirmar a necessidade e a magnitude do caminho trilhado enquanto participante do NeoCriativa, grupo de pesquisa que se propõe a debater as questões das desigualdades no Brasil, coordenado pelo Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier, orientador desta pesquisa.

Sendo assim, deixo meus agradecimentos especiais ao Itaú Cultural e à Fundação Tide Setubal, por terem acreditado e apoiado a realização desta pesquisa através do Programa Ancestralidades.

2 POR UMA CULTURA PROPRIAMENTE AFROBRASILEIRA

2.1 INTRODUÇÃO

Em seu artigo “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”, Lélia Gonzales (1984) traz questionamentos fundamentais acerca da forma como o embranquecimento busca esconder os traços negro-africanos da cultura brasileira. Ela afirma que “se a gente detém o olhar em determinados aspectos da chamada cultura brasileira a gente saca que em suas manifestações mais ou menos conscientes ela oculta, revelando, as marcas da africanidade que a constituem”.¹

Dentre os estereótipos racistas e sexistas criados sobre a mulher negra brasileira, Gonzales (1984) explicita o caráter circulatório da mãe preta, caracterizada pela negra escravizada que, ao assumir o papel de mãe na criação dos filhos de seu senhor, transmitiu adiante sua raiz cultural.

E quando a gente fala em função materna, a gente tá dizendo que a mãe preta, ao exercê-la, passou todos os valores que lhe diziam respeito *prá* criança brasileira [...] Essa criança, esse infans, é a dita cultura brasileira, cuja língua é o pretuguês. A função materna diz respeito à internalização de valores, ao ensino da língua materna e a uma série de outras coisas que vão fazer parte do imaginário da gente (Gonzales, 1979c).²

A partir do conceito de pretuguês, é possível expandir a percepção para além da estrutura linguística e compreendê-la como uma manifestação completamente vinculada à oralidade e a sua importância na transmissão dos valores africanos e na consequente constituição de uma cultura afrobrasileira.³ Assim, a mãe preta, sobretudo, é aquela que utiliza da oralidade para educar.

Sobre a tradição oral, observa-se que é um traço originário da cultura africana, que se reproduziu no Brasil e encontrou novas formas de expressão através das Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTro). Para tal discussão, faz-se necessário trazer à tona as reflexões de Hampatê Bâ (2010), que alega que “os primeiros arquivos e bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens”.⁴

¹ GONZALES, 1984, p. 226.

² GONZALES, 1984, p. 235.

³ Optou-se pela grafia sem hífen de modo a denominar uma cultura completa por si só e não apenas uma característica cultural. O mesmo mecanismo se aplica ao mencionar as tradições afrobrasileiras.

⁴ HAMPATÉ BÂ, 2010, p.168.

Através dessa reflexão, é possível identificar a preciosidade dos valores e da cultura que são agregados através da experiência, preservados pela memória e transmitidos pela oralidade. Quanto à temática da memória, que é um ponto de infusão entre a oralidade e os sonhos⁵, que serão abordados mais adiante, Gonzales (1984) delimita que “a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção”.⁶

Ao refletir sobre a abrangência do pretuguês, compreende-se que se trata de uma língua falada sobretudo nos territórios de Terreiro. Estes espaços são guardiões da oralidade e dos saberes africanos, transmitindo-os de diversas formas, por exemplo, através das cantigas ou pontos cantados. Dessa forma, cantar as cantigas também é falar o pretuguês.

Há um ponto da Umbanda, dedicada a Exu, que diz⁷:

Exu foi pro inferno com sapato de algodão
Exu foi pro inferno com sapato de algodão
O sapato pegou fogo, Exu ficou de pé no chão
O sapato pegou fogo, Exu ficou de pé no chão

Dentre os múltiplos significados dessa cantiga, está o alerta de que é necessário vestir-se de forma adequada à situação que será enfrentada. Ela alerta para o fato de que ao ir ao inferno com sapato de algodão, que pode ser compreendido como uma situação de adversidade, se queimar é inevitável. Logo, faz-se necessário que haja um preparo anterior ao enfrentamento⁸.

Visa-se, a partir desta cantiga de Exu, ilustrar a riqueza das lições que são transmitidas nos Terreiros e sua importância para a sobrevivência, humanização e construção de identidade de sujeitos negros. Dessa forma, delimita-se que a própria oralidade é uma tecnologia de resistência, capaz de articular mídias, como os pontos cantados e os sonhos, transmitindo e ressignificando os saberes ancestrais.

⁵ RIBEIRO, 2019.

⁶ GONZALES, 1984, p. 226.

⁷ Autor desconhecido. Cantiga grafada conforme é cantada no Terreiro Guardiões da Lei Divina, locus da presente pesquisa.

⁸ As reflexões propostas sobre a cantiga são resultado de uma reunião de orientação com o Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier.

Os sonhos, por sua vez, são mídias que só podem ser transmitidas através do testemunho do sonhador.⁹ Dessa forma, eles estão intrinsecamente ligados à oralidade. Ao considerar que o Terreiro é um território que mobiliza a tradição oral em prol do compartilhamento de saberes e constitui-se como um local de valorização da ancestralidade africana, torna-se um espaço privilegiado para o compartilhamento de sonhos, tanto oníricos quanto da vigília, e, conseqüentemente, para sua realização através da coletividade.

Por fim, ressalta-se que a pesquisa visa trabalhar sobre a hipótese de que as tradições afrobrasileiras, como a Umbanda, apresentam mídias (linguagens artísticas articuladas a partir da tradição oral) e tecnologias (sociais, transgeracionais, de mobilidade e de produção de conteúdos) fundamentais para o combate ao racismo e à desigualdade no país.

Destaca-se que o conceito de tecnologia abrange sistemas intangíveis, por consistir em um mecanismo social. A oralidade em si é entendida como tecnologia, na medida em que possibilitou a perpetuação da cultura africana no Brasil, resultando no pretuguês e em um espaço imaterial e cultural afrobrasileiro.

Já enquanto mídia, compreende-se os frutos dessa tecnologia em ação, abrangendo a linguagem, as características da comunicação presente no Terreiro, os pontos cantados e as imagéticas que compõem os Guias e Orixás, como será tratado mais adiante no caso de Exu e da Preta Velha.

2.2 JUSTIFICATIVA

Justamente por serem espaços de resistência e preservação dos valores afrobrasileiros, as Comunidades Tradicionais de Terreiro são constantemente alvo da brutalidade do racismo religioso, conforme constata Sidnei Nogueira (2020) em sua obra “Intolerância Religiosa”.

O racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta. O racismo não incide somente sobre pretos e pretas praticantes dessas religiões, mas sobre as origens da religião, suas práticas, crenças e rituais. Trata-se da alteridade condenada à não existência. Uma vez fora dos padrões hegemônicos, um conjunto de práticas culturais,

⁹ RIBEIRO, 2019.

valores civilizatórios e crenças não pode existir; ou pode, desde que a ideia de oposição semântica a uma cultura eleita como padrão, regular e normal seja reiteradamente fortalecida. (NOGUEIRA, 2020, p. 89)

Um exemplo concreto é a recente notícia da mãe que perdeu a guarda da filha adolescente por levá-la à Umbanda, em Belo Horizonte. O Conselho Tutelar apontou, dentre os motivos para tal, que a mãe havia violado a escolha religiosa da filha, alegando que ela teria tido contato com sangue de galinha. Além disso, no boletim de ocorrência, a mãe foi acusada de sequestrar a filha e mantê-la em cárcere privado.¹⁰

Situação semelhante ocorreu em agosto de 2020, quando uma mãe perdeu a guarda da filha de 12 anos por iniciá-la no Candomblé, após denúncias da avó. As acusações foram de lesão corporal, envolvendo maus-tratos e possível abuso sexual. Apesar da própria jovem afirmar que “estava em tratamento espiritual e que não sofria maus-tratos”¹¹ e de explicar que havia raspado a cabeça por conta do ritual, o delegado responsável pelo caso compreendeu que a cabeça raspada era uma forma de lesão corporal.

A partir dessas notícias, é possível perceber a demonização das tradições afrobrasileiras e como a estigmatização as coloca como práticas maldosas no imaginário popular. A supremacia racial branca e a hegemonia cristã promovem a violação desses espaços, em exemplo, o incêndio a um Terreiro em São Luís - MA. Tratou-se do terceiro e mais extremo ataque ao Terreiro do Babalorixá Pai Samuel, no qual ele perdeu todos os itens da casa, restando-lhe apenas as roupas do corpo.¹²

Em entrevista, o importante teórico negro Kabengele Munanga comenta a situação dos Terreiros em decorrência do racismo e questiona: “quantos Terreiros de candomblé estão sendo incendiados em alguns lugares clandestinamente?”

¹⁰ LACERDA, Victor. “Tiraram um pedaço de mim”, diz mãe que perdeu a guarda da filha por levá-la à Umbanda. **Alma Preta**, 2022. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/tiraram-um-pedaco-de-mim-diz-mae-que-perdeu-a-guarda-da-filha-por-leva-la-a-umbanda>. Acesso em: 15 jun. 2022.

¹¹ G1. Mãe perde guarda da filha adolescente após denúncia de maus-tratos em ritual do candomblé. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2020/08/07/mae-perde-guarda-da-filha-adolescente-apos-denuncia-de-maus-tratos-em-ritual-do-candomble.ghtml>. Acesso em: 15 jun. 2022.

¹² BARROS, Marcello; BORGES, Pedro. Terreiro é incendiado em São Luís (MA): “A justiça para o candomblecista é zero”. **Alma Preta**, 2022. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/terreiro-e-incendiado-em-sao-luis-ma-a-justica-para-o-candomblecista-e-zero>. Acesso em: 15 jun. 2022.

Incendiados de colocar fogo e fugir, como a KKK (*Ku Klux Kan*) fazia nos EUA. Quantos são caçados no seu território?”¹³

Por fim, torna-se necessário destacar a importância da Universidade Pública na defesa de grupos dissidentes como as Comunidades Tradicionais de Terreiro. A compreensão acadêmica acerca desses espaços, além de contribuir para o combate ao racismo religioso, abre as possibilidades de que os valores ancestrais venham ao encontro das necessidades contemporâneas, a exemplo dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável nº 16, paz, justiça e instituições eficazes, e nº 10, redução das desigualdades, estabelecidos pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 2015.

2.3 OBJETIVOS

2.3.1 Objetivo geral

Discutir e apresentar o racismo religioso no país e a desumanização dos sujeitos praticantes das tradições afrobrasileiras a partir de dados coletados através dos meios de comunicação corporativos; e demonstrar o processo de resistência destas tradições e seus sujeitos a partir do estudo da oralidade presente em um Terreiro de Umbanda.

2.3.2 Objetivos específicos

Compreender como a população negra se organiza em espaços sagrados, a partir da conexão com a ancestralidade, para resistir à violência do racismo religioso.

Estudar o protagonismo das pessoas praticantes das tradições afrobrasileiras a partir de suas especialidades no Terreiro.

Pesquisar como as mídias e tecnologias presentes no Terreiro transmitem os valores das tradições afrobrasileiras.

¹³ BORGES, Pedro. “Os Terreiros estão sendo incendiados como a KKK fazia nos EUA”, diz Kabengele Munanga. **Alma Preta**, 2022. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/politica/os-terreiros-estao-sendo-incendiados-como-a-kkk-fazia-nos-eua-diz-kabengele-munanga>. Acesso em: 15 jun. 2022.

Observar como as tradições afrobrasileiras ressignificaram estereótipos negativos construídos sobre a população negra.

2.4 METODOLOGIA

A reflexão metodológica proposta baseia-se na obra de Maria Immacolata Vassalo Lopes (1994), intitulada “Pesquisa em Comunicação”, na qual ela propõe as seguintes fases de pesquisa: definição do sujeito de pesquisa; observação; descrição; e interpretação.

Durante a primeira fase da pesquisa, foi realizada a construção do sujeito de pesquisa a partir do estudo da Umbanda, explorando aspectos como a cosmogonia, a oralidade, a relação com a sociedade e a origem negro-africana. A observação foi realizada a partir da amostragem de indicadores de violência contra os sujeitos das CTTro e suas crenças, levando em consideração notícias veiculadas pelos meios de comunicação digitais; além disso, foi realizado um estudo etnográfico, explicitado posteriormente.

Já a descrição dos dados coletados foi feita através dos seguintes critérios: pessoas, processos, plataformas e protocolos. Por fim, a interpretação baseia-se no ponto de vista do materialismo histórico-dialético, a fim de unir os dados teóricos e os dados da observação.

Lopes (1994) explicita a construção da Comunicação como disciplina de estudo a partir do arcabouço teórico herdado das Ciências Sociais. Dentro deste está o paradigma escolhido, o marxista, que compreende a realidade como um processo constante de mudanças, no qual o sujeito de estudo deve ser vinculado ao período histórico no qual está inserido. Visa-se, a partir da escolha do paradigma, delimitar possibilidades teóricas, metodológicas e técnicas.¹⁴

Além disso, considera-se que as opções metodológicas podem ser feitas a partir do critério epistemológico, que considera a escolha do paradigma e abrange a possibilidade de combinar práticas de outros paradigmas para a construção dos métodos; além do critério operacional, a partir do repertório de metodologias, práticas e técnicas.

¹⁴ LOPES, 1994, p. 79.

Faz-se necessário explicitar que a concepção da metodologia proposta parte da intenção de gerar reflexões sobre a prática da pesquisa, para que seja construída uma atitude pensante, crítica e consciente sobre os métodos escolhidos ou, um “bom sistema de hábitos intelectuais”.¹⁵

Sendo assim, aliado às reflexões metodológicas de Lopes (1994), a presente pesquisa utilizou como método a etnografia, que tem sua origem na Antropologia, conforme explicitada e sintetizada por Urpi Montoya Uriarte (2012). A escolha do método provém da intenção de compreender os sujeitos de estudo no seu contexto cultural, histórico e sagrado, na medida em que o locus da pesquisa é um Terreiro de Umbanda.

Visa-se atingir um olhar questionador e real sobre o Terreiro, mantendo a humanização da pesquisa, uma vez que esse locus faz parte de um conjunto de tradições que já sofre com opressões do sistema patriarcal, capitalista e supremacista branco. Além disso, trata-se de uma alternativa que incentiva um olhar propiciador de rupturas epistemológicas para a pesquisadora.

Nota-se que a própria pesquisadora é também sujeito de pesquisa, sobretudo, por ser umbandista e participar do Terreiro em questão. Dessa forma, as reflexões e experiências autorais foram levadas em consideração ao longo do trabalho de campo e da escrita da dissertação. Tal caminho foi possibilitado através do percurso etnográfico, que compreende a vivência, em seus aspectos conceituais e subjetivos, como parte da pesquisa.

Tratando-se do método em si, para Uriarte (2012), ele ocorre em três etapas. A primeira é um mergulho na teoria, nas informações e interpretações já feitas sobre a temática e a população específica de estudo. A segunda fase consiste num longo tempo vivendo entre os “nativos” (rurais, urbanos, modernos ou tradicionais); ou seja, o conhecido “trabalho de campo”. A terceira fase consiste na escrita, que se faz de volta para a casa.¹⁶

O mergulho na teoria visa, a partir do paradigma marxista, situar o Terreiro de Umbanda em seu processo histórico e social, principalmente para compreender as origens e conceituar o fenômeno do racismo religioso. Trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa, que abrange autores como Achille Mbembe, Sidnei Nogueira,

¹⁵ LOPES, 1994, p. 80.

¹⁶ URIARTE, 2012, p. 5.

bell hooks¹⁷, Hampaté Bâ, Cornel West, Sidarta Ribeiro, Síríkù Sàlámi e Ronilda Iyakemi Ribeiro.

O trabalho de campo foi realizado no Terreiro Guardiões da Lei Divina, situado na cidade de Bauru – SP, na região do Mary Dota. A escolha desse Terreiro de Umbanda envolve sua localização em uma região periférica, que possibilita reflexões acerca da ocupação dos territórios da cidade e a periferização de corpos e culturas de origem negra.

O local possui uma curimba, composta de tambores e sujeitos, a partir da qual serão estudados os pontos cantados. Além disso, ele possui uma gestão coletiva, sem hierarquias entre os indivíduos que fazem parte da corrente. Essa configuração difere da maior parte dos Terreiros de Umbanda, que costumam apresentar Pai ou Mãe de Santo, um fator que chama a atenção para a observação.

O trabalho de campo, portanto, consistiu na participação dos rituais desse Terreiro com o objetivo de anotar observações e questionamentos relevantes à pesquisa e à discussão temática. Foram realizadas conversas com os sujeitos que ali frequentam, além da catalogação dos pontos cantados e seus significados.

A escrita, por sua vez, apresenta-se na forma de diário de bordo, durante o trabalho de campo, visando relatar as experiências para posterior organização a partir dos critérios: processos, pessoas, plataformas e protocolos, apresentados anteriormente. Com o material coletado, aliado às reflexões teóricas, foi desenvolvida a argumentação temática dessa dissertação.

Para dar início à reflexão, optou-se por discutir o fenômeno da demonização das tradições afrobrasileiras. A demonização é um aspecto que traz consequências para a cultura e os sujeitos através, por exemplo, da estigmatização, do discurso de ódio e da violência, resultantes de um amplo processo de racismo religioso. A fim de ilustrar, escolheu-se a perspectiva sobre Orixá Èṣù, desde a origem africana até as transformações decorrentes da diáspora.

¹⁷ A grafia em letras minúsculas é uma escolha da própria bell hooks.

3 RACISMO RELIGIOSO E ÈÈÙ

3.1 A POLÍTICA DA EXTREMA DIREITA

Em novembro de 2022, as ruas e estradas de Bauru – SP foram tomadas por manifestações antidemocráticas em resposta à vitória de Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais.¹⁸ Os opositores, cidadãos aliados ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, manifestaram-se contra o resultado das urnas e clamaram por intervenção militar.¹⁹ As estradas foram interditadas, interferindo no direito de ir e vir de milhares de pessoas. Estima-se que tal cenário esteve presente em 20 estados da Federação.²⁰ Um evento desse porte possibilita diversas análises, cabendo ressaltar que se trata de um momento histórico inserido na esfera pública do ódio.

Tem-se observado, na política atual, um movimento global de ascensão da extrema direita, que abrange países como Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, França, Chile, Bolívia e Argentina. Em 2018, o Brasil oficializou-se como parte desse bloco ao eleger Bolsonaro para a Presidência da República. Desde então, foi possível observar o chamado “Gabinete do Ódio”, grupo ligado ao Palácio do Planalto, responsável por espalhar *fake news* e conteúdos agressivos contra opositores do ex-presidente e seus aliados.²¹ Tal estratégia vai de encontro com as observações de Levitsky e Ziblatt (2018) acerca dos mecanismos de desmonte da democracia: rejeição às regras democráticas, negação da legitimidade de oponentes políticos, encorajamento à violência e restrições de direitos.²²

No Brasil, os movimentos de extrema direita agem embasados por um viés fundamentalista religioso que adota um discurso cristão e sua imposição para toda a

¹⁸ BELTRAMIN, Luiz. Manifestantes 'Pró-Bolsonaro' travam a Rondon em Bauru durante protesto. **94 FM**, 2022. Disponível em: <https://94fm.com.br/manifestantes-pro-bolsonaro-travam-a-rondon-em-bauru-durante-protesto-nesta-2a/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

¹⁹ MANIFESTANTES interditam ruas na frente de prédios militares em protesto contra resultados das eleições. **G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2022/11/02/manifestantes-interditam-ruas-na-frente-de-predios-militares-em-protesto-contrar-resultado-das-eleicoes.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2022.

²⁰ GRUPOS fazem atos antidemocráticos e pedem intervenção militar diante de quartéis. **CNN**, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/grupos-fazem-atos-antidemocraticos-e-pedem-intervencao-militar-diante-de-quarteis/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

²¹ LAGO, Rudolfo. DOCUMENTO DO STF EXPLICA COMO FUNCIONA O “GABINETE DO ÓDIO”. **Congresso em Foco**, 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/documento-do-stf-explica-como-funciona-o-gabinete-do-odio/>. Acesso em: 03 nov. 2022.

²² LOPES; GATTO; XAVIER, 2021, p. 3.

sociedade. Dessa forma, princípios hegemônicos são impostos e considerados superiores às demais manifestações religiosas. Um exemplo é a forma como as igrejas, sobretudo as protestantes, incorporam o “bolsonarismo” na pregação, constringendo fiéis contrários a esse posicionamento. Dentre os argumentos utilizados pelos sacerdotes estão uma gama de *fake news*, como a legalização do aborto em caso de vitória do representante petista, além da ameaça de fechamento dos templos.²³

3.2 “ISSO PODE, NÉ! EU FALAR DE DEUS, NÃO!”

Em agosto de 2022, a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro compartilhou em suas redes sociais um vídeo de Luiz Inácio Lula da Silva recebendo um banho de pipoca de praticantes das tradições afrobrasileiras. O registro é oriundo de um evento realizado na Assembleia Legislativa da Bahia, em Salvador, no ano de 2021. Junto ao vídeo, a Michelle escreveu: “Isso pode né! Eu falar de Deus, não!” (Figura 1) .

A Vereadora Sonaira Fernandes também compartilhou o vídeo em suas redes sociais, acompanhado do seguinte comentário: “Lula já entregou sua alma para vencer essa eleição. Não lutamos contra a carne nem o sangue, mas contra os principados e potestades das trevas. O cristão tem que ter a coragem de falar de política hoje, para não ser proibido de falar de Jesus amanhã”.²⁴

²³ MARQUES, Júlia; VARELLA, Thiago. 'Quem não vota em Bolsonaro não é bem-vindo': evangélicos abandonam igrejas. **UOL**, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/10/24/nao-consigo-ir-a-uma-igreja-evangelica-que-nao-demonize-a-esquerda.htm>. Acesso em: 06 nov. 2022.

²⁴ FERNANDES, Sonaira. [Sem título]. São Paulo. 08 ago. 2022. Instagram: @sonaira_sp. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ChA2iP0F5r3/>. Acesso em 07 nov. 2022.

Figura 1 - Publicação de Michelle Bolsonaro



Fonte: Poder 360²⁵

Ambos os episódios retratam o profundo desrespeito com o qual as tradições afrobrasileiras são tratadas na esfera pública. Nota-se a estigmatização em voga através da criação de uma dicotomia entre bem e mal, entre o cristianismo e as tradições de matriz africana. Dessa forma, constrói-se um discurso de demonização e de outridade²⁶, que, nesse caso em específico, visa questionar a legitimidade do então candidato à presidência.

O preconceito, a discriminação, a intolerância e, no caso das tradições culturais e religiosas de origem africana, o racismo se caracterizam pelas formas perversas de julgamentos que estigmatizam um grupo e exaltam outro, valorizam e conferem prestígio e hegemonia a um determinado “eu” em detrimento de “outrem”, sustentados pela ignorância, pelo moralismo, pelo conservadorismo e, atualmente, pelo poder político – os quais culminam em ações prejudiciais e até certo ponto criminosas contra um grupo de pessoas com uma crença considerada não hegemônica. (NOGUEIRA, 2020, p. 35)

²⁵ MICHELLE publica vídeo de Lula em cerimônia Umbanda: “Isso pode”. **Poder 360**, 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/michelle-publica-video-de-lula-em-ritual-de-Umbanda-isso-pode/>. Acesso em: 07 nov. 2022.

²⁶ A palavra é utilizada com o sentido de constituição do outro, de colocar alguém na posição de “outro” em relação ao referencial do “eu”.

Nota-se a facilidade com que sujeitos são utilizados como meios²⁷ para atacar a democracia, como no episódio apresentado. Agrupados na massa da subalternidade, sujeitos praticantes das tradições afrobrasileiras foram demonizados, como se suas práticas fossem semelhantes a “entregar a alma”.

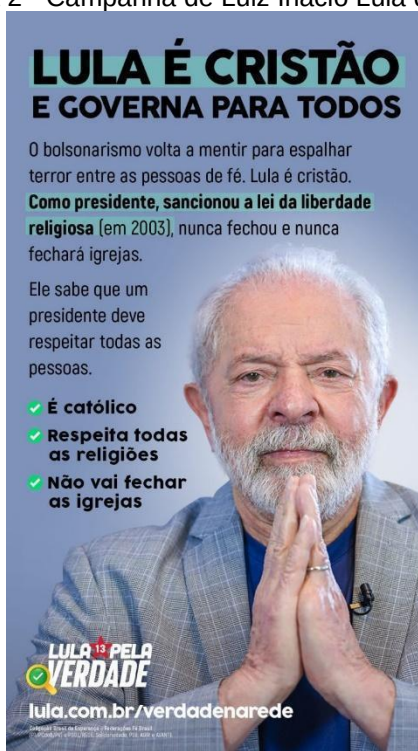
No cerne da noção de intolerância religiosa, está a necessidade de estigmatizar para fazer oposição entre o que é normal, regular, padrão e o que é anormal, irregular, não padrão. Estigmatizar é um exercício de poder sobre o outro. Estigmatiza-se para excluir, segregar, apagar, silenciar e apartar do grupo considerado normal e de prestígio. (NOGUEIRA, 2020, p. 35)

Devido ao impacto dos ataques de adversários, a própria campanha de Luiz Inácio Lula da Silva reafirmou o seu alinhamento cristão (Figura 2). Porém, a diferença esteve na concomitante defesa de outras práticas religiosas, embasada na Lei nº 10.825, de 2003, que garante que organizações religiosas e partidos políticos sejam vistos como “pessoas jurídicas de direito privado”. Dessa forma, é garantido que instituições religiosas sejam criadas, sem que o Estado tenha o poder de negar o registro.²⁸

²⁷ Dentre as definições ocidentais de ética, faz-se útil o conceito de Imperativo Categórico de Immanuel Kant, “age de tal maneira que trates a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de outrem, sempre como um fim e nunca como um meio”. Porém, ao longo do trabalho serão apresentadas outras visões sobre a ética, pautadas na afrocentricidade. Para saber mais sobre Kant, ver: MENEZES, Pedro. A Ética de Kant e o Imperativo Categórico. **Toda Matéria**, [20--]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/etica-kant-imperativo-categorico/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

²⁸ CATALDI, Luana. Fatos Primeiro: Lula erra sobre criação de lei da liberdade religiosa. **CNN**, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/fatos-primeiro-lula-erra-sobre-criacao-de-lei-da-liberdade-religiosa/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

Figura 2 - Campanha de Luiz Inácio Lula da Silva



Fonte: Lula²⁹

Em virtude do atual momento histórico do Brasil, situado na transição de um governo de extrema direita e fundamentalista religioso para outro que representa o retorno à democracia³⁰, torna-se importante destacar que, desde a Constituição de 1988, o país é um Estado Laico.

De um lado, a Constituição de 1988 garante expressamente em seu artigo 5º, tanto no *caput* quanto no inciso VI, a liberdade de crença não apenas como o direito de acreditar no que lhe convier, mas também numa perspectiva de que cada indivíduo pode professar sua fé e ela será protegida, dentro dos parâmetros legais, por meio da proteção aos templos e cultos que dela emanarem. (NOGUEIRA, 2020, p. 25)

Deve-se ter isso em mente, pois o discurso proferido por Bolsonaro e seus apoiadores ao longo de seu mandato foi contrário à Constituição, uma vez que definiu

²⁹ LULA é cristão. Não existe qualquer relação com satanismo. **Lula**, 2022. Disponível em: <https://lula.com.br/lula-e-cristao-nao-existe-qualquer-relacao-com-satanismo/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

³⁰ ROLLEMBERG, Marcello. “Eleição de Lula traz o Brasil de volta à política e à democracia”. **Jornal da USP**, 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/eleicao-de-lula-traz-o-brasil-de-volta-a-politica-e-a-democracia/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

o Brasil como um país cristão³¹ e incitou o ódio contra as demais manifestações religiosas, sobretudo as afrobrasileiras.

3.2.1 Cristofascismo brasileiro

Ressalta-se que o Governo de Bolsonaro inaugurou uma nova forma de divulgar e agregar a ideologia cristã ao discurso político ao conquistar o eleitorado protestante e se fortalecer através da Frente Parlamentar Evangélica (FPE). Esta, por sua vez, conta com representantes associados, sobretudo, aos grupos pentecostais que defendem as pautas fundamentalistas religiosas, envoltas no discurso da “família tradicional” e do “cidadão de bem”.³² O resultado foi a instauração do “cristofascismo brasileiro”, cujas decisões políticas são embasadas pelo fundamentalismo evangélico e o conservadorismo católico.³³

Indico que o “cristofascismo brasileiro” se relaciona com a reflexão da teóloga alemã Dorothee Sölle (1970), que criou a expressão diante da análise do nazismo alemão e dos supremacistas brancos dos EUA. Hitler, como Bolsonaro, tinha uma relação próxima com os evangélicos. Ao cunhar o termo, Sölle se preocupou em apontar as relações de integrantes do partido nazi com as igrejas cristãs no desenvolvimento do estado de exceção alemão, quando o governo nazista se utilizou das relações e das terminologias cristãs para sua composição, assim como se reconhece hoje no bolsonarismo. (PY, 2020, p. 29)

As reflexões acerca do cristofascismo ilustram a forma como o cristianismo tem sido utilizado como estratégia política no país na escalada ao poder. Dessa forma, são fortalecidos valores etnocêntricos, baseados na concepção de que há uma hegemonia branca e cristã, simbolizada pelo “cidadão de bem”, que deve se manter no poder em detrimento dos “outros”, pretos e pardos, LGBTQIAP+, mulheres, praticantes das tradições afrobrasileiras, entre outros grupos considerados dissidentes. As pautas levantadas pelo cristofascismo são excludentes, negacionistas e buscam impor a moralidade cristã sobre toda a população.

³¹ EFRAIM, Anita. Bolsonaro na ONU: ‘Brasil é um país cristão e conservador e tem na família sua base’. **Yahoo! Notícias**, 2020. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/bolsonaro-na-onu-brasil-e-um-pais-cristao-e-conservador-e-tem-na-familia-sua-base-141526978.html>. Acesso em: 14 nov. 2022.

³² PY, 2020.

³³ PY, 2020, p. 10.

A incitação à intolerância, sobretudo em relação às religiões de matrizes africanas, parte de discursos proferidos por pastores, padres e até autoridades políticas. Tudo em nome de uma agenda moral transformada em uma crença que se resume ao desejo de se encontrar uma solução rápida e mítica – no mau sentido da palavra – para os problemas de segurança pública, em busca de uma educação de qualidade, da manutenção de valores da suposta família tradicional e de uma política anticorrupção. Se a agenda moral é apenas uma ilusão que serve a um proselitismo eleitoral, a violência simbólica é real e segue fazendo suas vítimas. (NOGUEIRA, 2020, p. 67)

3.3 A DEMONIZAÇÃO COMO ALICERCE DA BRUTALIDADE

3.3.1 A linguagem e a demonização de Èṣù

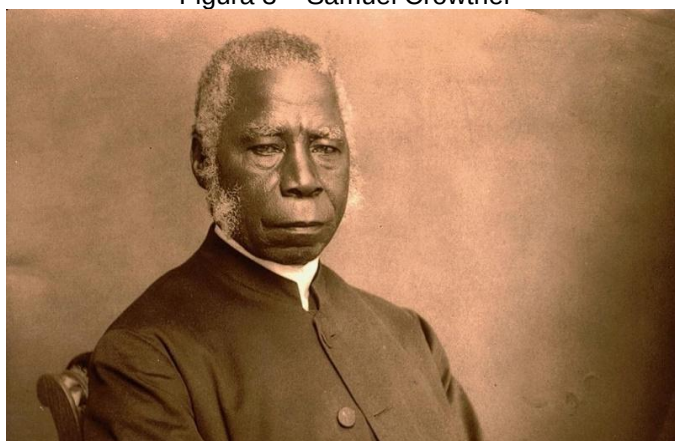
Há um fato histórico capaz de ilustrar alguns aspectos fundamentais para a compreensão da demonização das tradições de origem africana, oriunda da influência do colonizador e a dominação através da linguagem. Trata-se da trajetória do iorubá Ajayi³⁴, originário de Osogun, na Nigéria. Sabe-se que quando era muito jovem, com cerca de onze anos, ele foi capturado por escravizadores e colocado a bordo de um navio negreiro. Este foi interceptado por uma patrulha da Marinha Britânica, que o libertou e o levou para Freetown, capital de Serra Leoa.

O que se prosseguiu foi a conversão de Ajayi para o cristianismo e a adoção de um novo nome de batismo, Samuel Crowther (Figura 3). Já adulto, Samuel tornou-se pastor e, em 1827, iniciou uma carreira docente ministrando as disciplinas de Língua Inglesa e Teologia na *Church Missionary Society*³⁵, instituição missionária existente até os dias atuais. Posteriormente, em 1864, tornou-se o primeiro bispo anglicano de origem africana.

³⁴ A história de Ajayi foi contada por Rodrigo Ribeiro Frias no prefácio da “2ª” edição de “Exu e a Ordem do Universo” (SÀLÀMI; RIBEIRO, 2011).

³⁵ CHURCH MISSION SOCIETY. **Church Mission Society**, 2022. Homepage da instituição. Disponível em: <https://churchmissionsociety.org/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

Figura 3 – Samuel Crowther



Fonte: Orisa Brasil³⁶

Samuel Crowther teve uma atuação incisiva ao longo de sua vida em prol da catequização e educação de outros africanos. Dentre seus feitos estão diversas traduções bíblicas para o Iorubá, além da construção de um grande dicionário bilíngue, do Inglês para o Iorubá e do Iorubá para o Inglês. Entre as palavras utilizadas está “*Devil*”, ou Diabo, que foi traduzido para Èṣù (Figura 4); e “*God*”, ou Deus, traduzido como Olorun.

Figura 4 - Devil

Devil, n. eṣu.

Fonte: “Dictionary Of Yoruba Language”³⁷

A dicotomia entre Deus e Diabo aplicada aos vocábulos Iorubás representa o apagamento da cosmovisão africana, na medida em que os conceitos representados pelas figuras judaico-cristãs são inexistentes, sobretudo para os Iorubás. Para ilustrar essas diferenças, torna-se viável compreender alguns³⁸ dos significados de Èṣù.

³⁶ BARCELOS, Renata. Por Jornal Pulse Nigeria: Conheça Samuel Ajayi Crowther, um escravizado que se tornou o primeiro bispo anglicano da África. **Orisa Brasil**, 2020. Disponível em: <https://orisabrasil.com.br/Loja/por-jornal-pulse-nigeria-conheca-samuel-ajayi-crowther-um-escravizado-que-se-tornou-o-primeiro-bispo-anglicano-da-afrika/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

³⁷ CROWTHER, Samuel. **Dictionary of the Yoruba Language**. Disponível em: http://edeyoruba.com/uploads/3/0/0/1/3001787/yoruba_dictionary.pdf. Acesso em: 22 nov. 2022.

³⁸ Alguns apenas, pois as definições são amplas e serão utilizados os aspectos considerados fundamentais para a revisão proposta.

Èṣù³⁹, em suas amplas definições, constitui-se como o Orixá⁴⁰ primordial (Figura 5). Sua abrangência perpassa toda a ordem do universo e se encontra quando tudo passa a existir, até quando tudo se dissolve. É a “boca que tudo come”. É aquele que “matou um pássaro ontem, com a pedra que jogou apenas hoje”. Constitui-se como “detentor dos princípios básicos da paz e da harmonia, regula a ordem, a disciplina e a organização, opostos da desarmonia, da desordem e da confusão”.⁴¹

Figura 5 – Exu



Fonte: MASP⁴²

Assim como os demais Orixás, Èṣù não pode ser definido como exclusivamente benevolente ou malévolo, na medida em que se entende que todos os seres, sagrados ou profanos, são dotados de contradição.

Essas forças da natureza (Orixás) não são boas e nem más em si mesmas: são forças neutras que podem sujeitar-se à vontade humana, de modo que os homens podem servir-se delas para atingir seus objetivos, sejam eles benéficos ou não. Este é o contexto a ser considerado quando nos propormos a debater a questão de ser Exu um ser de natureza benevolente ou malévola. (SÂLÂMI; RIBEIRO, 2011, p. 139)

³⁹ Utilizarei a grafia Èṣù para me referir ao Orixá e, posteriormente, Exu, para me referir às entidades da Umbanda.

⁴⁰ “Os Orixás, divindades, ganham forma visível nos fenômenos da natureza. Por exemplo, Iemanjá e Olokum, Senhores do Mar, o animam e através dele manifestam o seu axé. Os Orixás acham-se, pois, relacionados à natureza. São genitores divinos que definem a pertença do ser humano à ordem cósmica. Assim sendo, representam valores e forças de caráter universal e regulam as relações com o sistema como totalidade”. (SÂLÂMI; RIBEIRO, 2011, p. 54)

⁴¹ SÂLÂMI; RIBEIRO, 2011, p. 139.

⁴² IORUBÁ. Exu. MASP, [s.d.]. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/exu>. Acesso em: 23 nov. 2022.

Para compreender a questão acerca da neutralidade de Èṣù, é importante olhar para a responsabilidade atribuída ao próprio ser humano em sua trajetória, escolhas e manejo dos conhecimentos que venha a adquirir ao longo de sua vida. A cosmovisão africana atua no sentido de empoderar o indivíduo para que ele assuma as consequências de suas ações, sejam elas boas ou más. Sendo assim, a decisão de fazer o bem ou o mal é de responsabilidade exclusiva do sujeito.

Porém, nota-se que existem condutas que são incentivadas através dos ensinamentos e das histórias, como o cuidado com o próprio ori, que significa cabeça, e ìwà, caráter e personalidade. Compreende-se que “o indivíduo escolhe abraçar a prática do mal ou trabalhar a favor de sua neutralização e realiza essa escolha a partir de determinações de seu Ori e de seu Iwá” (SÀLÁMI; RIBEIRO, 2022).

Ori é considerado a divindade pessoal, sendo aquele que acompanha o indivíduo em todos os momentos de sua existência. Para além de ser a cabeça física, ori significa a “essência real do ser”⁴³ e é capaz de apoiar ou não o ser humano, de acordo com a sua simpatia. Ao nascer, o sujeito pode apresentar um ori rere ou ori buruku, respectivamente, um ori bom e dotado de sorte e um ori considerado azarado.

Os efeitos de ori rere ou ori buruku podem ser enfraquecidos ou fortalecidos através do desenvolvimento de ìwà. Através da dedicação e das orientações ancestrais⁴⁴, o sujeito pode desenvolver para si um ìwà pèlé que representa uma pessoa de atitude responsável, amistosa, serena, equilibrada, paciente e bondosa; ou um ìwà burúkú, no caso de uma personalidade perturbada, de mau caráter, irresponsável, inquieta e irreverente.⁴⁵

O caráter e a personalidade dependem da decisão do sujeito de cultivar um bom comportamento e de utilizar as forças dos Orixás e ancestrais para o seu aprendizado. Nesse aspecto, Èṣù desempenha um papel primordial, incentivando a organização, a disciplina e a ordem.

Todos os Orixás zelam pelos valores éticos. O que compete particularmente a Exu nessa tarefa coletiva? Em Exu se reconhece o poder de melhorar o comportamento humano. Embora outros Orixás também realizem essa tarefa, é ele quem, por sua natureza e atributos, reúne maiores condições para trabalhar no sentido de favorecer mudanças pessoais, indispensáveis à

⁴³ SÀLÁMI; RIBEIRO, 2022

⁴⁴ Tais orientações são indicadas através do jogo de búzios.

⁴⁵ SÀLÁMI; RIBEIRO, 2011, pp. 172-173.

prática dos valores e virtudes acima enunciados, visando a conquista do bem-estar humano. Ele fortalece as pessoas para que possam enfrentar as dificuldades da vida e se tornem capazes de promover em si e em seu entorno as mudanças necessárias. [...] Exu apoia aquele que se dispõe a tornar-se mais disciplinado e organizado e se propõe a melhorar, sob todos os pontos de vista. Apoia, sustenta e fortalece o empenho pessoal daquele que quer adquirir ou desenvolver virtudes que o tornarão mais feliz e mais solidário. Como o ideal iorubá é o de viver forte e feliz no aqui-e-agora, busca-se junto a esse Orixá a necessária cumplicidade para a conquista de uma vida de qualidade. (SÀLÁMI; RIBEIRO, 2011, p. 176)

Nessa perspectiva, observa-se como a correspondência entre Èṣù e o Diabo judaico-cristão é errônea. Tal equívoco representa uma deturpação de saberes, apagamento de memórias e demonização da cosmovisão africana. Trata-se da imposição etnocêntrica realizada através do vocabulário e da adoção da língua de uma nação colonizadora.⁴⁶

Quando se adota um idioma para se expressar, absorve-se também a forma de ver o mundo contida nessa linguagem. Ter o domínio sobre o idioma de um colonizador é também estar sob o domínio de sua cultura.⁴⁷ Em outras palavras, a colonização também está presente no processo de ensinamento da linguagem do colonizador.

Todo povo colonizado – isto é, todo povo em cujo seio se originou um complexo de inferioridade em decorrência do sepultamento da originalidade cultural local – se vê confrontado com a linguagem da nação civilizadora, quer dizer, da cultura metropolitana. O colonizado tanto mais se evadirá da própria selva quanto mais adotar os valores culturais da metrópole. (FANON, 2020, p. 32)

Observe a história de Samuel Crowther: um sujeito negro que se converteu ao cristianismo e adotou a língua inglesa, não apenas para sua própria expressão, como também a ensinou para outros africanos com a finalidade de catequizá-los. Esse exemplo retrata como a brutalidade da colonização afasta o sujeito de suas origens e entendimento sobre o mundo. Após retornar para os territórios iorubás, Crowther passou a enxergar sua cultura originária com os olhos do colonizador e expressou sua visão ao propagar o desentendimento sobre Èṣù.

De onde vem essa alteração de personalidade? De onde vem esse novo modo de ser? Todo idioma é uma forma de pensar, diziam Damourette e Piccho; e, para o negro recém-desembarcado, a adoção de uma linguagem

⁴⁶ FANON, 2020.

⁴⁷ FANON, 2020, p. 31.

diferente daquela da coletividade que o viu nascer revela um deslocamento, uma clivagem. (FANON, 2020, p. 39)

Cabe ressaltar que Crowther não foi o único responsável pela associação de Èṣù com o Diabo. Tal confusão também foi propagada por cristãos europeus, entre os séculos XVII e XIX. Ademais, quando foram realizadas as traduções dos livros sagrados cristãos e islâmicos, outros nomes também foram associados à Èṣù, como Lúcifer, Belzebu, Satã e Shaitan.⁴⁸

Nota-se que o erro foi calculado para incentivar a demonização de tradições africanas, não apenas no Continente Africano, mas também nos países de diáspora. Sendo assim, destaca-se que “essa tradução indevida e incorreta, que daria origem a tantos equívocos, de fato cumpriu uma função estratégica muito importante no conjunto de ações depreciativas contra a Religião Tradicional Iorubá e, particularmente, contra a figura de Exu”.⁴⁹

3.3.2 A demonização e o Òḡo de Èṣù

Dentre seus aspectos fundamentais, Èṣù está associado à fertilidade, seja ela relacionada à concepção de filhos, que para a tradição iorubá é sinônimo de grandes bênçãos, na medida em que os descendentes podem perpetuar a sua ancestralidade; ou referente à criação de novos projetos, oportunidades e movimentos. Dessa forma, Èṣù é visto como o fecundador do universo (XAVIER, RIBEIRO, 2000).

Tal característica é mencionada em orikis⁵⁰ dedicados à Èṣù, isto é, nomes que são utilizados para evocar e saudar o Orixá, destacando suas qualidades. Por exemplo, Alángájígá⁵¹ refere-se às características de apoiador e protetor, sendo aquele que traz vida e promove o crescimento humano. Já Òrìṣà-òlómọ significa aquele que traz filhos e se refere “à fertilidade favorecida por Exu, à vitória sobre a esterilidade de qualquer natureza e à virilidade”.⁵² Sentidos associados à corporeidade estão presentes também nos orikis Bará, que menciona a agilidade do Orixá, sua

⁴⁸ SÀLÀMI; RIBEIRO, 2011, pp. 211-212.

⁴⁹ SÀLÀMI; RIBEIRO, 2011, p. 212.

⁵⁰ Oriki significa “saudação ao ser, uma evocação, que faz referência à origem desse ser, suas qualidades e seus ancestrais”. (SÀLÀMI; RIBEIRO, 2011, p. 455)

⁵¹ SÀLÀMI; RIBEIRO, 2011, p. 142.

⁵² SÀLÀMI; RIBEIRO, 2011, p. 145.

força, sendo ele “eternamente vigoroso”; e Arábándé, que é aquele que traz “todo o vigor de sua natureza” para o corpo das pessoas.⁵³

Nesse sentido, um dos símbolos de Èṣù é o Òḡo-Ìléwọ-Èṣù, que se caracteriza como um bastão, feito de madeira sagrada, com tamanho aproximado de 20 a 30 cm (Figura 6 e 7). Costuma apresentar a imagem de Èṣù esculpida e, às vezes, uma figura humana masculina ou feminina. Pode conter também cabaças associadas, referindo-se à fertilidade feminina (XAVIER, RIBEIRO, 2000).

Esse bastão, preparado para evocar a presença e a força de Exu, serve também como elemento para a identificação de seus devotos. Nos momentos de dificuldade, o Òḡo é usado como defesa. Pode ser enriquecido com detalhes, búzios abertos por exemplo, ou ter seu cabo revestido com contas brancas, vermelhas e pretas. Constitui elemento de identificação, símbolo de poder e recurso de defesa e de ataque, de benção e de maldição. Durante os rituais, os iniciados carregam e ostentam esse objeto sagrado. (SÀLÀMI; RIBEIRO, 2011, p. 188)

Figura 6 - Òḡo



Fonte: Cabaret de Marie⁵⁴

O Òḡo de Èṣù possui múltiplos significados, na medida em que representa o falo, que é o agente fecundador, e se constitui como um instrumento de batalha. Com o Òḡo em mãos, o Orixá enfrenta seus adversários, com vigor e coragem (XAVIER, RIBEIRO, 2000). Esse aspecto é ressaltado no oriki Èlẹgbàá-Òḡo, que significa

⁵³ SÀLÀMI; RIBEIRO, 2011, p. 142.

⁵⁴ OGÓ de Exu. **Cabaret de Marie**, [s.d.]. Disponível em: <https://cabaretdemarie.com.br/produtos/ogo-de-exu/>. Acesso em: 06 dez. 2022.

“possuidor de centenas de porretes na nuca”.⁵⁵ Nesse sentido, o porrete ou Ògò situado na parte posterior do pescoço representa o direcionamento para a ancestralidade e a defesa contra o que não se pode ver, como inimigos que atacam pelas costas e eventos do passado.

Faz-se necessário destacar que quando os colonizadores entraram em contato com os símbolos e significados de Èṣù, especialmente em relação à fertilidade e ao falo, os interpretaram como demoníacos. A deturpação desses aspectos característicos da cultura Iorubá é outro fator que levou à tradução de Èṣù como o Diabo judaico-cristão.



Fonte: Pierre Verger⁵⁶

Nota-se que a imposição de significados cristãos aos elementos africanos, em oposição ao entendimento, revela a brutalidade da colonização. O que está implícito é que, para os colonizadores, os indivíduos africanos são vistos como objetos e, logo, podem e devem ter seus símbolos destruídos.

Magia Negra, mentalidade primitiva, animismo, erotismo animal, tudo isso reflui para mim. Tudo isso caracteriza povos que não acompanharam a evolução da humanidade. Trata-se aí, conforme se queira, de uma

⁵⁵ SÀLAMI; RIBEIRO, 2011, p. 141.

⁵⁶ Imagem de um cartão postal adquirido em Salvador – BA pela pesquisadora, na Fundação Pierre Verger em 2019. Através da presente pesquisa, pode-se compreender os elementos presentes na imagem, como o Ògò.

humanidade rebaixada. [...]. Sim, nós (os negros) somos primitivos, diretos, livres nas nossas manifestações. É que o corpo para nós, não se contrapõe ao que vocês chamam de mente. Estamos no seio do mundo. E viva o casal Homem-Terra! (FANON, 2020, p. 140).

Além disso, é possível observar que por trás do fenômeno da demonização de Èṣù, devido ao seu aspecto fálico, reflete-se o viés racista sobre a masculinidade e a sexualidade do homem africano. Para a branquitude cristã, os aspectos relacionados ao corpo e ao sexo encontram-se no território do profano e do pecado. Ao projetar esses significados sobre o sujeito negro, o colonizador construiu relações violentas e desumanizadoras, que justificaram a escravização.

A celebração da fertilidade e a concepção de sexo das populações africanas acabaram sendo interpretadas de forma demasiadamente equivocada pelos clérigos contrarreformistas que propuseram a catequização e aculturação de africanos e afro-brasileiros para civilizá-los, e a submissão destes ao trabalho forçado compulsório para exorcizá-los de seus “pecados” e “práticas demoníacas”. (DOS SANTOS, 2014, p. 11)

A redução do homem negro ao genital no imaginário branco europeu, no posterior contexto da escravização, resultou em violências sexuais e castração. Tais práticas brutais perduraram até o pós-abolição, a exemplo dos ataques de seitas supremacistas brancas norte-americanas, como a Ku Klux Kan.⁵⁷ Outro dado a ser considerado é o fato de que os estereótipos racistas sobre a masculinidade e a sexualidade do homem negro, principalmente envolvendo o falo, continuam presentes na contemporaneidade.

Em relação ao negro, na realidade, tudo se desenrola no plano genital. Há alguns anos, costumávamos dizer aos amigos com quem conversávamos que, de modo geral, o branco se comporta em relação ao negro como um primogênito reage ao nascimento de um irmão [...]. Os negros, por sua vez, têm a potência sexual. Imaginem só, com toda a liberdade de que desfrutam no meio do mato! Ao que parece, fazer sexo não importa o lugar nem a hora. São genitais. Eles têm tantos filhos que até perdem a conta. Precisamos ser cautelosos, pois acabarão nos inundando de pequenos mestiços. (FANON, 2020, pp. 171-172)

3.3.3 Exu na Umbanda

O portão do cemitério arrebentou a fechadura

⁵⁷ DOS SANTOS, 2014.

O diabo tá solto, tá fazendo diabura

Arreia diabo, arreia capeta

*Arreia Exu da Capa Preta*⁵⁸

A Umbanda é formada por conceitos de diversas origens, como indígenas, espíritas e africanos. Para além do seu mito de fundação, centrado na figura de Zélio de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas, nota-se que o seu surgimento está atrelado às mudanças sócio-históricas brasileiras, sobretudo, a partir da década de 1930. Com a Era Vargas, instaurou-se uma nova ordem social influenciada pela crescente urbanização que deslocou o poder produtivo e político do campo para a cidade.⁵⁹

A Umbanda não é uma religião do tipo messiânico, que tem uma origem bem determinada na pessoa do messias, pelo contrário, ela é fruto das mudanças sociais que se efetuam numa direção determinada. Ela exprime assim, através de seu universo religioso, esse movimento de consolidação de uma sociedade urbano-industrial. (ORTIZ, 1999, p. 32)

Em seus aspectos, a Umbanda representou a conservação de elementos africanos, a partir dos valores da sociedade da época. O resultado foi a modificação de símbolos através de um processo de embranquecimento.⁶⁰ Um exemplo disso é a utilização das imagens sincretizadas dos Orixás, frutos de um processo de resistência dos negros escravizados que precisaram esconder seus Orixás em imagens de santos permitidas pelos senhores. Além da aproximação com o Espiritismo de Allan Kardec e a ausência de tambores nos primeiros Terreiros.

Dentro deste processo de transformação social, a macumba corresponde à marginalização do negro numa sociedade de classes em formação. Este sincretismo negro-católico-espírita é ao mesmo tempo sinal e resposta à desagregação social. Enquanto sinal, ele denota a posição marginal do negro no seio da sociedade brasileira; enquanto resposta, ele é o resultado de uma melhor integração cultural no conjunto da sociedade. (ORTIZ, 1999, p. 29)

Por um lado, o Candomblé, em suas diversas nações, simbolizou a conexão mantida com a África e seus símbolos, resultante da resistência negra. Já a Umbanda

⁵⁸ Autor desconhecido. Cantiga grafada conforme é cantada no Terreiro Guardiões da Lei Divina, locus da presente pesquisa.

⁵⁹ ORTIZ, 1999, p. 31.

⁶⁰ ORTIZ, 1999, p. 33.

constituiu-se conforme ocorreu a marginalização de sujeitos negros no contexto urbano-industrial. Em outras palavras, entende-se que “a Umbanda corresponde à integração das práticas afrobrasileiras na moderna sociedade brasileira; o candomblé significaria justamente o contrário, isto é, a conservação da memória coletiva africana no solo brasileiro” (ORTIZ, 1999, p. 16). Sendo assim, faz-se necessário perceber que as consequências do racismo da sociedade brasileira estão presentes na constituição de ambas as tradições formadas pela diáspora africana.

Observa-se que a ação do Estado, desde a escravização, teve como objetivo desagregar os cultos e as tradições africanas que se estabeleceram no país, a fim de apagar a identidade negra. O aparato jurídico serviu para essa finalidade, como o Livro V do Código Filipino, ativo entre 1603 e 1830, responsável por proibir as práticas culturais e religiosas negras, criminalizando-as como heresia, blasfêmia e feitiçaria, bem como festas, reuniões e bailes organizados pela população negra.⁶¹

Já o Código Criminal de 1830, em seu art. 276,⁶² definiu a punição para toda forma de culto ou celebração litúrgica contrária à religião oficial, a Religião Católica Apostólica Romana, além de proibir a rebeldia de negros escravizados, livres e libertos. Posteriormente, com a Proclamação da República, o Código Penal de 1890 criminalizou a capoeiragem, o curandeirismo e o Espiritismo.

Percebe-se que a perseguição às tradições africanas tem como contexto a convicção na inferioridade dos negros, justificativa para a escravização, e a demonização de suas crenças, argumento para a catequização e desagregação de grupos de cultura não hegemônica. Com o fortalecimento da sociedade urbano-industrial, os ex-escravizados e seus descendentes passaram a ocupar regiões marginalizadas das cidades e muitos deles foram encarcerados devido às proibições da Lei.

Nesse sentido, nota-se como a experiência do homem negro influenciou a construção das figuras presentes no plano religioso. Ao sair do campo para a cidade, afastando-se das memórias do navio negreiro e aproximando-se das favelas, o sujeito negro também carregou para a sua realidade seus ancestrais e Orixás.

Chegando à cidade, a negritude passou a encarar, não apenas as encruzilhadas da senzala, mas também os cruzamentos e ruas pelas quais a

⁶¹ SILVA JR., 2015, p. 305.

⁶² SILVA JR., 2015, pp. 307-308.

perseguição policial e eurocêntrica se deu. Foi necessário trazer para mais próximo de si os seus protetores e guardiões, agrupados na ideia do “povo de rua”, como Malandros, Exus e Pombo Giras.

Os diferentes tipos integrantes do complexo povo de rua são em grande parte produzidos como subalternos, pois são tidos como aqueles que praticam ou estão marcados pela condição do desvio, do desregramento e da imoralidade. Dessa forma, povo de rua compreende desde referenciais identitários produzidos a partir de modos de vida afetados pelas problemáticas tangenciadas nas interseções entre raça/gênero/classe, como também nas identificações relativas à compreensão de desvio moral pautada em uma ética cristã a serviço da ordem colonial. (RUFINO, 2019, p. 111)

Além disso, tornou-se essencial a construção de espaços seguros para o compartilhamento de saberes e realização dos cultos. Há uma cantiga de proteção que, em alusão a Exu, diz:

Encruzilhada do caminho

Esse congá tem segurança

Ô na porteira tem vigia

*Meia noite o galo canta*⁶³

Nesse contexto, os atributos de Orixá Êṣù, como a responsabilidade em relação à ordem do universo, a proximidade com os seres humanos e a comunicação entre o sagrado e a humanidade foram incorporados na figura de um homem, que pode usar capa, carregar um tridente ou um punhal e apresentar as mãos contraídas em garras (Figura 8).

Para a Umbanda, Exu se tornou uma entidade, um espírito que já viveu na Terra, possui conhecimento para compartilhar com os encarnados⁶⁴ e representa a proteção contra toda desavença e maldade. Entende-se que “sendo Exu o dono da rua por excelência, aquele que compreende os princípios e potências que a dinamizam enquanto campo de possibilidades, é também ele que resguarda e imanta os saberes/fazeres daqueles que a habitam e praticam” (RUFINO, 2019, p. 110).

⁶³ Autor desconhecido. Cantiga grafada conforme é cantada no Terreiro Guardiões da Lei Divina, locus da presente pesquisa.

⁶⁴ Aqueles que estão vivos em Terra são chamados de encarnados, em oposição aos desencarnados, aqueles que já morreram.

Figura 8 - Escultura de Exu Caveira



Fonte: Imagens Da Fé⁶⁵

São diversas as roupagens de Exu na Umbanda, assim como os seus nomes: Exu Tranca Ruas das Sete Encruzilhadas, Exu Pantera Negra, Exu Caveira, Exu Marabô, Exu da Boca da Mata, Exu Sombra, Exu Sete Encruzilhadas, Exu Sete Sombras, Exu Gato Preto, Exu Meia Noite, Exu Capa Preta, Exu Lúcifer e Exu Satanás. Alguns desses nomes são resquícios da confusão entre Èṣù e o Diabo, ressaltando o caráter *trickster*⁶⁶ de Exu. Nota-se que a essência dessa entidade está nas transgressões e na possibilidade de utilizar diversas artimanhas, até mesmo o caos, para cumprir o seu papel como comunicador e promotor da ordem do universo.⁶⁷

Nesse sentido, Exu é capaz de manipular uma imagem preconceituosa, de demônio, construída sobre si e utilizá-la para sua comunicação.

Considerando o papel ativo também da agência africana nesse processo de contato cultural, parece-me que o “Exu-Demônio” é muito mais africano do que sua face aparenta. Em primeiro lugar, porque esses “Exus-Demônios” continuam sendo seres da mediação, tal como o Exu africano. Alguns de seus nomes foram extraídos da Bíblia, mas a grande maioria faz referência aos pontos de passagem (encruzilhadas, porteiras), de intercessão entre o mundo

⁶⁵ Disponível em: <https://www.elo7.com.br/escultura-exu-caveira-imagem-100-em-gesso-puro-natural/dp/AC5390>. Acesso em: 19 dez. 2022.

⁶⁶ O *trickster*, ou “trapaceiro” é aquele que prega peças, subverte a ordem e desobedece às condutas pré-estabelecidas, agindo através de uma lógica própria que une o caos à harmonia.

⁶⁷ DA SILVA, 2012.

dos vivos e dos mortos (cemitérios, catacumbas, caveiras), aos estados intermediários da matéria (lodo, lama, sombra), ou à duplicidade das coisas (sua capa é preta de um lado e vermelha de outro, como o chapéu bicolor que Exu usa). Ele é também um mediador entre distintos universos míticos e sociais, um “ser duplo” que traz em si as partes mediadas. (DA SILVA, 2012, p. 1091)

Em relação às construções imagéticas de Exu, observa-se que algumas das imagens comercializadas na atualidade trazem representações que se aproximam do diabo do imaginário europeu, existente em gravuras da Idade Média e histórias de terror do século XX.⁶⁸ Alguns aspectos principais são os chifres, tridente e vestimentas pretas, como pode ser observado na Figura 9.

Figura 9 – Mulheres adorando um demônio



Fonte: Seguindo os Passos da História⁶⁹

Tanto o nome, quanto a representação imagética de Exu estão associados aos domínios da entidade, como a encruzilhada e o cemitério. A primeira consiste em um local onde os múltiplos caminhos se encontram, representando as potencialidades da vida. A encruzilhada “emerge como disponibilidade para novos rumos, poética, campo de possibilidades, prática de invenção e afirmação da vida, perspectiva transgressiva

⁶⁸ DA SILVA, 2012, p. 1089.

⁶⁹ Gravura de Agnes Sampson, 1591. Disponível em: <https://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2017/04/o-diabo-e-sociedade-europeia-na-baixa.html>. Acesso em: 19 dez. 2022.

à escassez, ao desencantamento e à monologização do mundo” (RUFINO, 2019, p.13). Há uma cantiga que anuncia a morada de Exu:

*A sua casa não tem parede, não tem janela e não tem nada
Aonde é, onde é que Exu mora?
Exu mora na encruzilhada⁷⁰*

Já o cemitério constitui-se como um local que abriga a morte, mas também a vida. É onde tudo se inicia. Sob a terra, o corpo se desintegra e o espírito é capaz de seguir novos rumos. Porém, no imaginário popular, há uma associação do cemitério com a morbidez e ideias negativas, tornando-o um lugar considerado inadequado para um passeio. Trata-se do tema da seguinte cantiga, de Exu Sete Sombras:

*Cemitério é praça linda
Mas ninguém quer passear
Lá tem 7 catacumbas
Sete Sombras mora lá
Mora lá, mora lá
Mora lá, mora lá
Mora lá, mora lá
Sete Sombras mora lá*

Por fim, ressalta-se que Exu na Umbanda existe enquanto transgressão dos espaços opressores construídos sobre a população negra no Brasil. Ao agregar os valores ancestrais do Orixá Èṣù ao imaginário do Diabo, Exu brincou com a ideia de que “já que acham que eu sou o demônio, serei o demônio”, revelando que o aprendizado e a resistência podem surgir de locais aparentemente inóspitos. Essa estripulia é fundamental para que a própria população negra perceba que ela em si não está presa aos estereótipos construídos pela mentalidade supremacista branca, sendo capaz de transgredi-los.

⁷⁰ Autor desconhecido. Cantiga grafada conforme é cantada no Terreiro Guardiões da Lei Divina, locus da presente pesquisa.

No campo das possibilidades, Exu revela a potência dos Terreiros enquanto espaços políticos e de enfrentamento coletivo do *status quo*. Porém, para além das possibilidades, torna-se necessário encarar as consequências concretas da política de demonização resultante do racismo religioso.

3.3.4 Racismo religioso

Observa-se na prática, que o racismo religioso é um fenômeno que produz vítimas no Brasil. Em outras palavras, trata-se de um problema concreto da sociedade brasileira.

O racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta. O racismo não incide somente sobre pretos e pretas praticantes dessas religiões, mas sobre as origens da religião, sobre as práticas, sobre as crenças e sobre os rituais. Trata-se da alteridade condenada à não existência. Uma vez fora dos padrões hegemônicos, um conjunto de práticas culturais, valores civilizatórios e crenças não pode existir; ou pode, desde que a ideia de oposição semântica a uma cultura eleita como padrão, regular e normal seja reiteradamente fortalecida. (NOGUEIRA, 2020, p. 89)

Porém, é importante perceber que o conceito de racismo religioso é um recorte do racismo estrutural e sistêmico necessário para o entendimento e a denúncia da violência. O que está por trás da demonização das tradições afrobrasileiras e, consequentemente, do racismo religioso, é a visão europeia que impõe ao negro e a sua cultura um lugar de inexistência. Ao se colocarem como o centro do mundo e como o ápice da civilização, os colonizadores transferiram para as populações negras as oposições necessárias para a manutenção de sua soberania.

Formou-se nas profundezas do inconsciente europeu um recôncavo excessivamente negro, onde repousam as pulsões mais imorais, os desejos menos confessáveis. E, como todo ser humano sobe em direção à brancura e à luz, o europeu quis rejeitar esse incivilizado que tentava se defender. Quando a civilização europeia travou contato com o mundo negro, com esses povos selvagens, todo mundo estava de acordo: esses negros eram o princípio do mal. (FANON, 2020, p. 201)

O maniqueísmo existente na cultura europeia é o fenômeno que constrói oposições para a compreensão do mundo, como Branco-Negro, Bem-Mal, Bonito-

Feio.⁷¹ No exercício do colonialismo, os europeus condenaram os povos africanos a existirem apenas como base para suas oposições, destituindo-os da condição de sujeitos e transformando-os em objetos para exploração e comercialização. É importante ter isso em mente, pois foram criadas metáforas sobre as culturas negras existentes até a atualidade, a exemplo da demonização de Èşù discutida anteriormente.

É preciso ir com calma, e é dramático ter que expor pouco a pouco mecanismos que se apresentam em sua totalidade. Seremos capazes de compreender esta proposição? *Na Europa, o Mal é representado pelo negro*. É preciso ir com calma, sabemos disso, mas é difícil. O carrasco é o homem negro, Satã é negro, falamos de trevas, estamos pretos quando estamos sujos – aplique-se isso à sujeira física ou à sujeira moral. Causaria espanto se nos déssemos ao trabalho de reuni-las, tamanho é o número das expressões que fazem do negro o pecado. (FANON, 2020, p. 200)

Outro aspecto é que o Brasil, por ter sido colônia de Portugal, absorveu a noção de supremacia branca em sua cultura. Trata-se da imposição cultural, observável também em outros países colonizados que mantiveram em sua sociedade resquícios do inconsciente coletivo europeu, a exemplo de Martinica:

Na Europa, o negro tem uma função: representar os sentimentos inferiores, as más índoles, o lado obscuro da alma. No inconsciente coletivo do *Homo occidentalis*, o negro, ou a cor preta, se assim se preferir, simboliza o mal, o pecado, a miséria, a morte, a guerra, a fome. Todas as aves de rapina são pretas. Na Martinica, que é um país europeu em seu inconsciente coletivo, diz-se quando um negro “azul” chega de visita: “Que desgraça ele vem trazer?” (FANON, 2020, pp. 201-202)

A presença do inconsciente coletivo europeu no Brasil é uma explicação possível para o fato de um país, que tem mais da metade da população negra, preta e parda, perseguir as tradições religiosas de origem africana. Tais aspectos revelam que, na atualidade, a população negra brasileira continua a enfrentar obstáculos para tornar-se sujeito, uma vez que seus símbolos ancestrais estão sob constante ameaça de ataque. Tal violência é resultado do racismo, responsável pela manutenção das oposições que colocam os sujeitos negros e a cultura de seus antepassados como sinônimo de maldade.

Com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito

⁷¹ FANON, 2020, p. 195.

soberano de morte”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para a aceitabilidade do fazer morrer”. (MBEMBE, 2016, p. 128)

O racismo religioso, por sua vez, ao direcionar-se para a origem negra das tradições afrobrasileiras, visa acabar com os resquícios da cultura africana existente no país. Além disso, os estereótipos construídos sobre as tradições e seus símbolos, que resultam na demonização, incitam o ódio e colocam os sujeitos praticantes e Terreiros como pessoas e espaços que precisam ser exterminados para que a cultura branca, cristã e patriarcal hegemônica continue soberana.

O racismo evidencia igualmente como as agressões não se circunscrevem a um caráter puramente religioso, mas a uma dinâmica civilizatória repleta de valores, saberes, filosofias, sistemas cosmológicos, em suma, modos de viver e existir negro-africano amalgamados nas CTTro.⁷² [...] Trata-se de um racismo que se pretende racional, individual, determinado pelo genótipo e pelo fenótipo, mas transforma-se facilmente em um racismo cultural. Nesse caso, o objeto do racismo já não é o homem particular, mas certa forma de existir. (NOGUEIRA, 2020, p. 88)

Enquanto discurso vindo de grupos que ocupam posições de poder na sociedade, como políticos e líderes religiosos, a demonização instaura um estado de ameaça constante para seus seguidores através do medo de Exu, dos Terreiros, da “macumba”, da roupa branca, dos tambores e dos sujeitos praticantes das tradições afrobrasileiras. Cria-se uma situação em que tradições fundamentais para a compreensão do Brasil e humanização de sujeitos, sobretudo, negros são violentamente perseguidas. Trata-se de um exemplo de como a Necropolítica⁷³ está presente na atualidade, condenando a existência de grupos considerados socialmente acêntricos, como as Comunidades Tradicionais de Terreiro.

A percepção da existência do outro como um atentado contra minha vida, como uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria o potencial para minhas vida e segurança, eu sugiro, é um dos muitos imaginários de soberania, característico tanto da primeira quanto da última modernidade. (MBEMBE, 2016, pp. 128-129)

O Disque 100 é um serviço do Governo Federal responsável por coletar denúncias de violações dos direitos humanos 24 horas por dia. Nota-se que desde o

⁷² Comunidades Tradicionais de Terreiro.

⁷³ MBEMBE, 2016.

segundo semestre de 2019, o Disque 100 parou de divulgar relatórios acerca de intolerância religiosa e, por isso, os dados existentes abrangem de 2011 a 2018. Neste período, foram coletados 660 casos de racismo religioso contra as tradições de matriz africana, totalizando quase dois terços das denúncias de intolerância religiosa no Brasil.⁷⁴

O trabalho “Racismo Religioso no Brasil: Um Relatório Sobre As Religiões Afro-Brasileiras”, de Boaz (2022), coletou dados a partir de registros escritos ou audiovisuais, construindo uma base com 500 casos, do ano 2000 a 2021. Dentre os dados coletados estão algumas reflexões, de caráter não conclusivo, acerca do gênero e idade das vítimas de racismo religioso. No caso de pessoas com 61 anos ou mais, havia duas vezes mais probabilidade de que a vítima fosse mulher.⁷⁵

Considerando a presença de pessoas negras nas tradições afrobrasileiras, é possível observar a vulnerabilidade à qual as senhoras negras estão expostas devido ao racismo religioso. Sendo assim, o próximo capítulo trará reflexões acerca da mulheridade negra, levando em consideração a violência e os estereótipos decorrentes do pensamento supremacista racial branco.

⁷⁴ BOAZ, 2022

⁷⁵ O estudo não traz uma indicação clara acerca da cisgeneridade, mas por não apontar dados acerca de pessoas transgênero, entende-se que se referiu às mulheres e homens cis. Embora não seja o foco do presente trabalho, cabe dizer que a Academia ainda apresenta um déficit nas reflexões acerca de gênero e na discussão da pauta trans.

4 DA MÃE PRETA A PRETA VELHA

O estereótipo da mãe preta é uma construção patriarcal, capitalista e supremacista branca (HOOKS, 2021) que perpetua uma visão estigmatizada sobre a mulher negra, pautada nas experiências brutais da escravidão (GONZALES, 1984). Neste capítulo, pretende-se discutir a formação desse estereótipo, sob a ótica racista e sexista, e suas relações com a figura da Preta Velha presente na Umbanda.

Compreende-se que a preta velha sintetiza e ressignifica o estereótipo da mãe preta, a partir de uma lógica emancipatória e amorosa. Além disso, tanto a mãe preta quanto a preta velha carregam em si uma língua própria, construída da encruzilhada entre a ancestralidade africana e a realidade brasileira: o pretuguês.

4.1 A EXPERIÊNCIA DA MULHER NEGRA ESCRAVIZADA

Em um primeiro momento, torna-se fundamental ressaltar que no Ocidente, desde o período colonial, a mulher negra foi duplamente brutalizada pelo racismo e sexismo a fim de ser transformada em objeto e mercadoria a serviço do imperialismo. Desde o momento de sua captura em sua terra-mãe até a chegada às Américas, ela foi alvo do exercício do poder absoluto do branco escravizador que, por não a ver como ameaçadora, a mantinha solta e disponível para que qualquer homem a violentasse.⁷⁶

Dentre os métodos utilizados pelo escravizador, a fim de subjugar as negras africanas, estava uma série de violências físicas e estupro. Como resultado, mulheres negras vítimas de violência sexual engravidavam de seus agressores a bordo do navio negreiro. Para as grávidas, tanto as que já estavam antes de embarcar quanto as que engravidaram durante o percurso, as condições eram brutais, resultando na morte de diversas mulheres negras e seus filhos.⁷⁷

O contexto do navio negreiro era particularmente violento, pois a travessia, para além de superar a distância geográfica, também servia para que o escravizador, através da brutalidade, transformasse a personalidade de ser livre das pessoas africanas na de ser escravizado, correspondendo aos ideais mercadológicos de

⁷⁶ HOOKS, 2021, p. 41.

⁷⁷ HOOKS, 2021, p. 42.

submissão, obediência e docilidade. Tratando-se da experiência da mulher negra na embarcação, a amplitude das atividades que poderiam ser realizadas por ela na colônia tornou esse processo ainda mais degradante.

Mulheres africanas recebiam a pior parte dessa violência e desse terror em massa, não somente porque poderiam ser vitimadas pela sexualidade, mas também porque eram mais propensas a trabalhar intimamente com a família branca do que os homens negros. O escravizador considerava a mulher negra cozinheira, ama de leite, governanta comercializável; por isso, era crucial que ela fosse tão aterrorizada a ponto de se submeter passivamente à vontade do senhor, da senhora e das crianças brancas. A fim de tornar seu produto vendável, o escravizador precisava garantir que nenhuma criada negra recalcitrante envenenasse a família, matasse crianças, incendiasse a casa ou oferecesse resistência de qualquer forma. A única garantia que ele poderia dar era baseada na sua habilidade de domar a pessoa escravizada. (HOOKS, 2021, p. 44)

Já em terra, a mulher negra poderia exercer qualquer forma de ofício, desde os trabalhos no campo, que na época eram considerados masculinos, até os femininos que ocorriam dentro da casa do senhor e sua família. Algumas das funções ocupadas por ela, além das lavouras, envolviam cuidar dos doentes e feridos, cozinhar, lavar e costurar. Ressalta-se que o trabalho dentro da casa do senhor de forma alguma era mais brando do que o realizado no campo, pois ali a negra escravizada estava sob constante vigilância da mulher e do homem branco.

Deve-se levar em consideração que, no ambiente doméstico, ela estava constantemente exposta ao assédio e abuso sexual do homem branco. Apesar de terem existido tentativas de aliar-se à mulher branca em busca de proteção contra as investidas sexuais indesejadas do senhor, a mulher negra estava completamente sozinha, sem ninguém para defendê-la.⁷⁸ Parte dos motivos envolve o fato de que ela era vista como sexualmente desinibida, sendo culpabilizada pela violência sexual sofrida. Nota-se que essa visão construída sobre a mulher negra permanece ativa na sociedade atual.

A designação de todas as mulheres negras como depravadas, imorais e sexualmente desinibidas surgiu no sistema de escravidão. Mulheres e homens brancos justificaram a exploração sexual de mulheres negras escravizadas, argumentando que elas iniciavam o envolvimento sexual com homens. Desse pensamento emergiu o estereótipo de mulheres negras como selvagens sexuais e, em termos sexistas, uma selvagem sexual, não humana, animal não é estuprada. (HOOKS, 2021, p. 93)

⁷⁸ HOOKS, 2021, p. 64.

4.2 O PAPEL HISTÓRICO DA MUCAMA

Do intercurso do trabalho doméstico dentro da senzala e da exploração sexual da negra escravizada pelo homem branco, surge no Brasil a figura da mucama. A etimologia⁷⁹ da palavra revela sua origem na língua quimbunda e sua semântica remete à jovem negra escravizada, doméstica, responsável por acompanhar a senhora branca em seus passeios, cuidar das crianças brancas, inclusive como ama de leite, e servir de objeto sexual para o homem branco.⁸⁰

Foi a exploração da mucama que permitiu que a mulher branca ocupasse o espaço social de senhora virtuosa, pura e inocente, pois era canalizada para a mulher negra escravizada a persona da pecadora, selvagem sexual e provocadora.⁸¹ Além disso, o trabalho de babá realizado pela mucama permitiu que a mulher branca ficasse livre até mesmo da função materna e seus desdobramentos, como o aleitamento. Nota-se que “a branca, a chamada legítima esposa, é justamente a outra que, por impossível que pareça, só serve *prá* parir os filhos do senhor. Não exerce a função materna. Esta é efetuada pela negra. Por isso a ‘mãe preta’ é a mãe”. (GONZALES, 1984, p. 235).

Na medida em que a ama de leite⁸² era uma mulher negra puérpera, deve-se considerar que enquanto ela exercia a função materna para a criança branca, seu próprio filho estava vulnerável à brutalidade da escravidão e do pós-abolição. Tal situação foi retratada pelo artista piauiense Lucílio de Albuquerque, em pintura exibida primeiramente no Salão de Belas Artes de 1912 no Rio de Janeiro, e que hoje compõe o acervo do Museu de Arte da Bahia.⁸³

⁷⁹ MUCAMA - *O que há num nome?* Disponível em: <https://youtu.be/DbugRXRrl3U>. Acesso em: 07 ago. 2022.

⁸⁰ GONZALES, 1984, p. 2293.

⁸¹ HOOKS, 2021, pp. 63-64.

⁸² Para saber mais: *COMO ERA A TRISTE VIDA DAS ESCRAVAS AMA DE LEITE*. Disponível em: <https://youtu.be/rGXvXu3SERc>. Acesso em: 07 ago. 2022.

⁸³ FREITAS, Conceição. Ama de leite, a mãe preta que criou o Brasil e os brasileiros. **Metrópoles**, 2019. Disponível em: <https://www.metrópoles.com/conceicao-freitas/ama-de-leite-a-mae-preta-que-criou-o-brasil-e-os-brasileiros>. Acesso em: 07 ago. 2022.

Figura 10 – Mãe Preta



Fonte: Hora do Povo⁸⁴

A mãe preta é, enquanto figura histórica, a jovem mucama que exerceu a função materna na família do senhor, sendo que:

Ela não é esse exemplo extraordinário de amor e dedicação totais como querem os brancos e tampouco essa entreguista, essa traidora da raça como querem alguns negros muito apressados em seu julgamento. Ela, simplesmente, é a mãe. (GONZALES, 1984, p. 235)

Tratando-se das características intrínsecas à função materna, deve-se levar em consideração a transmissão de valores e a construção de um imaginário na mente da criança que se dá, sobretudo, a partir da língua materna. Sendo assim, ao ensinar os seus valores e saberes à criança branca, a mãe preta gestou uma nova língua chamada pretuguês (GONZALES, 1984, pp. 235-236).

O conceito de pretuguês trazido por Gonzales (1984) identifica uma língua que possui em sua morfologia heranças dos idiomas africanos trazidos para o Brasil e que é falada pela população preta no país. Embora o registro científico de Gonzales (1984) seja datado do período de transição para a pós-modernidade, ainda é possível observar na atualidade as marcas do pretuguês na fala das pessoas.⁸⁵

⁸⁴ Mãe Preta, Lucílio de Albuquerque, 1912. Óleo sobre tela, C.S.E, 180x130 cm. Disponível em: <https://horadopovo.com.br/um-ensaio-a-mulher-negra-na-pintura-brasileira-no-inicio-do-seculo-xx-2/>. Acesso em: 07 ago. 2022.

⁸⁵ Ao longo do trabalho de campo no Terreiro (que será apresentado posteriormente na dissertação), conheci uma mulher negra, de cinquenta anos de idade, que fala exatamente como a Lélia descreve. De origem humilde, do campo, e com baixa escolaridade, a mulher ficou conhecida no Terreiro como a

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é do que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês. (GONZALES, 1984, p. 238)

4.3 O ESTEREÓTIPO DA MÃE PRETA

No imaginário moderno, construído a partir das experiências da escravidão e do período pós-abolição, a mãe preta configura-se como um estereótipo racista e sexista imposto à mulher negra. Deve-se levar em consideração a intenção de manutenção de uma hierarquia social, construída durante a escravidão, que estabeleceu a seguinte ordem de poder: homem branco, mulher branca, homem negro e mulher negra.⁸⁶ Ao longo do pós-abolição, hooks (2021) descreve que

Em todos os lugares aonde mulheres negras iam, nas ruas públicas, em lojas ou no local de trabalho, eram abordadas e sujeitadas a comentários obscenos e até mesmo violência física pelas mãos de homens e mulheres brancos. As mulheres negras que mais sofriam eram aquelas cujo comportamento mais se aproximava do da “senhora”. Uma mulher negra bem-vestida e limpa, portando-se de maneira digna, era, com frequência, objeto de insultos vindos de homens brancos que ridicularizavam e zombavam de seus esforços para progredir. Eles a lembravam de que, aos olhos das pessoas brancas em geral, ela jamais seria digna de consideração ou respeito. (HOOKS, 2021, p. 97)

Observa-se que houve uma tentativa deliberada de desvalorização da mulher negra, a fim de minar sua autoestima e reduzir suas chances de ser reconhecida. Dessa forma, o discurso dominante agiu em prol da construção de estereótipos e a posterior circulação através da mídia. Até a atualidade, a mídia de massa é responsável por veicular imagens negativas da mulher negra⁸⁷, causando impactos na psique tanto de pessoas negras quanto de pessoas brancas. O resultado é o reforço do pensamento supremacista racial branco na cultura.

Ressalta-se que a noção de igualdade negra em beleza, intelecto e cultura ainda é recente e controversa no Ocidente. Considera-se que

que trocava os “l” pelos “r”, sendo motivo de risada por parte das outras pessoas. Porém, ela não demonstrava se incomodar e ria junto.

⁸⁶ HOOKS, 2021, p. 93.

⁸⁷ HOOKS, 2021, p. 113.

O encontro afro-americano com o mundo moderno foi moldado primeiro e principalmente pela doutrina da supremacia branca, que está incorporada em práticas institucionais e promulgada nos costumes cotidianos sob circunstâncias variadas e condições que vão se modificando. (WEST, 2002, p. 1)

Conforme o pensamento de West (2002), a estrutura do discurso moderno é constituída de metáforas dominantes, categorias, noções e normas que intercedem na percepção do que é considerado verdade e conhecimento válido no Ocidente moderno. Destacam-se como pilares da construção desse discurso três momentos históricos: a revolução científica, a transformação cartesiana da filosofia e o renascimento clássico.

Sintetiza-se que o primeiro momento, a revolução científica, foi responsável por instaurar a ciência como autoridade máxima na construção de saberes. A partir disso, as demais formas de produção de conhecimento, a exemplo das organizações de saberes construídas pelos povos africanos⁸⁸, foram oficialmente desconsideradas.

Em um segundo momento, a transformação cartesiana da filosofia, edificou para a ciência um método capaz de, além de observar a realidade, produzir uma cópia considerada verdadeira. Dessa forma, houve a fusão entre o “objetivo científico de prever e explicar o mundo ao objetivo filosófico de retratar e representar o mundo” (WEST, 2002, p. 6). Por fim, o renascimento clássico teve a função de instaurar as metáforas oculares gregas através dos ideais clássicos de beleza e proporção.

A partir do discurso moderno da supremacia racial branca, é possível compreender o cerne das representações que sistematicamente desvalorizam a mulher negra e tudo que ela produz. Dentre eles está o estereótipo da *Aunt Jemima* ou *Mammy*. Aunt Jemima era uma marca norte-americana de alimentos para o café da manhã, da empresa Quaker, que vigorou por 130 anos, encerrando em meados de 2021.⁸⁹ Seu rótulo é baseado no estereótipo da *Mammy*, que traz em si a figura da mulher negra que trabalhava na casa dos senhores brancos e amamentava as

⁸⁸ Um exemplo que chegou até a atualidade é a filosofia hermética que surgiu no Egito e é considerada propulsora do pensamento filosófico grego. Dentre os seus axiomas, está a noção de que “o que está no alto é como o que está embaixo e o que está embaixo é como o que está no alto”. Apesar de sua existência, convém para o pensamento científico a ideia de que a filosofia enquanto organização do pensamento nasceu na Grécia Antiga.

⁸⁹ ALCORN, Chauncey. Marca Aunt Jemima muda de nome nos EUA após acusações de racismo. **CNN**, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/quaker-oats-substitui-marca-aunt-jemima-apos-acusacoes-de-racismo/>. Acesso em: 08 ago. 2021.

crianças dessa família (Figura 11). Porém, ao contrário da realidade das mucamas, ela é descrita como velha e obesa, além de carregar os ideais de amabilidade, obediência e submissão.

Figura 11 – Aunt Jemima



FONTE: Mundo ao Minuto⁹⁰

A *Mammy* também está presente nos desenhos animados, que deixam ainda mais evidente o estereótipo através da representação cartunesca. É o caso da série em desenho animado norte-americano “Tom e Jerry”, que teve sua estreia na TV aberta do Brasil na década de 1970.⁹¹ A personagem Mamãe Dois Sapatos (Figura 12) é a doméstica que cuida da casa dos animais e é retratada como uma senhora negra e gorda. Além disso, seu rosto não aparece no seriado, de modo que o espectador não conheça sua identidade.

Figura 12 – Mamãe Dois Sapatos



⁹⁰ Rótulo de um produto com a marca Aunt Jemima. Disponível em: <https://www.noticiasaoiminuto.com/mundo/1511290/aunt-jemima-famosa-marca-norte-americana-decide-mudar-de-imagem>. Acesso em: 08 ago. 2022.

⁹¹ TADEU, Deoclécio. TOM E JERRY: CONHEÇA A HISTÓRIA DA ANIMAÇÃO. **RioMar Recife**, 2021. Disponível em: <https://vivariomarrecife.com.br/cine/tom-e-jerry-conheca-a-historia-da-animacao/>. Acesso em: 08 ago. 2022.

Fonte: Observatório do Cinema⁹²

A mídia brasileira, por sua vez, também é fonte do estereótipo da *Mammy*, ou mãe preta. A obra literária de Monteiro Lobato, “Sítio do Picapau Amarelo”, teve sua primeira adaptação para a TV aberta entre 1977 e 1986⁹³. Tia Nastácia (Figura 13), personagem interpretada pela atriz Jacira Sampaio, é uma senhora negra, gorda e cozinheira de mão cheia. Sua principal virtude é servir à família branca de Dona Benta, senhora branca proprietária do sítio. Além disso, ela exerce o papel maternal tanto em relação aos cuidados com as crianças brancas quanto ao criar a boneca de pano Emília.

Figura 13 – Tia Nastácia



Fonte: Acervo/Globo⁹⁴

Para além da representação imagética, a canção tema da Tia Nastácia, de Dorival Caymmi, deixou como legado um retrato da personagem que demonstra a construção do estereótipo da mãe preta. Os valores transmitidos são os de subserviência diante da família branca, sendo a Tia Nastácia aquela que está sempre disponível para atendê-los e agradá-los. Outro aspecto retratado é a questão da contação de histórias para as crianças brancas.

⁹² Recorte de cena do desenho animado “Tom e Jerry”. Disponível em: <https://observatoriodocinema.uol.com.br/listas/2017/12/personagens-da-ficcao-que-voce-conhece-mais-nunca-viu-seus-rostos>. Acesso em: 08 ago. 2022.

⁹³ Sítio do Picapau Amarelo (1977). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADtio_do_Picapau_Amarelo_\(1977\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADtio_do_Picapau_Amarelo_(1977)). Acesso em: 09 ago. 2022.

⁹⁴ Jacira Sampaio em Sítio do Picapau Amarelo 1ª Versão. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/infantojuvenil/sitio-do-picapau-amarelo-1a-versao/noticia/personagens.ghtml>. Acesso em: 09 ago. 2022.

Na hora em que o sol se esconde
E o sono chega
O sinhôzinho vai procurar
Hum hum hum
A velha de colo quente
Que canta quadras e conta histórias
Para ninar
Hum hum hum

Sinhá Nastácia que conta história
Sinhá Nastácia sabe agradar
Sinhá Nastácia que quando nina
Acaba por cochilar
Sinhá Nastácia vai murmurando
*Histórias para ninar*⁹⁵

Faz-se necessário observar que o estereótipo da *Mammy* é uma construção que difere completamente da figura histórica da mucama, a real mãe preta do período colonial. De fato, há poucas evidências históricas que demonstrem que a mulher negra que trabalhava na casa do senhor era uma velha mãe preta.⁹⁶ Compreende-se assim que a *Mammy* é uma construção supremacista racial branca que tem como objetivo perpetuar a imagem da mulher negra ideal.

Não tem importância que existam mulheres negras parecidas com o estereótipo da mãe, é importante o fato de que pessoas brancas criaram uma imagem da mulheridade negra que pudessem tolerar e que de jeito nenhum se assemelhava à grande maioria das mulheres negras. [...] Para começar, ela era assexuada e, conseqüentemente, tinha que ser gorda (de preferência obesa); também precisava dar a impressão de não ser limpa, por isso usava um lenço sujo e engordurado na cabeça; seus sapatos muito apertados, de onde os pés grandes escapavam, eram ainda mais uma confirmação de sua bestialidade e semelhança com uma vaca. Sua maior virtude era, obviamente, seu amor pelos brancos, a quem ela servia de bom grado e passivamente. A imagem da mãe preta era representada com afeição por pessoas brancas, porque resumia a definitiva visão sexista e racista do ideal de mulheridade negra - submissão total ao desejo dos brancos. Em certo sentido, os brancos criaram na figura da mãe preta uma mulher negra que

⁹⁵ Para ouvir: *tema da tia nastacia*. Disponível em: <https://youtu.be/2ZRQEOVz7oE>. Acesso em: 09 ago. 2022.

⁹⁶ GUTMAN *apud* HOOKS, 2021, pp. 141-142.

personificava somente aquelas características que eles, como colonizadores, desejavam explorar. (HOOKS, 2021, pp. 141-142)

4.4 A PRETA VELHA NA UMBANDA

Na medida em que não é possível enxergar a Preta Velha com os olhos, uma forma de conhecê-la é através das experiências no Terreiro e das cantigas que contam suas histórias. Há uma delas que diz:

*Fio, se suncê precisá, é só pensá na vovó que ela vem te ajudá
Pensa numa estrada longa, zi fio, lá no seu jacutá
E numa casinha branca, zi fio, que a Vovó tá lá
Sentada num banquinho tosco, zi fio
Com a sua rosário na mão
Pensa na Vovó Maria Redonda, fazendo oração⁹⁷*

Através dessa cantiga é possível observar algumas características da Preta Velha. Em primeiro lugar, nota-se que ela tem um linguajar próprio para se comunicar com as pessoas. Fazem parte do seu vocabulário palavras como “fio”, “suncê” e “zi fio”, bem como o hábito de tirar o “r” do final de expressões verbais. Segundo, vive em um ambiente de simplicidade, como ilustrado pela “casinha branca” e o “banquinho tosco”, que remetem ao período colonial. Por fim, possui uma atividade redentora, capaz de curar através da oração.

Durante a gira, quando há a necessidade de convidar a preta velha a se manifestar, canta-se assim:

*Lá vem vovó descendo a serra com sua sacola
Ela traz um rosário, ela traz uma Guia, ela vem de Angola
Eu quero ver, vovó
Eu quero ver*

⁹⁷ Autor desconhecido. Cantiga grafada conforme é cantada no Terreiro Guardiões da Lei Divina, locus da presente pesquisa. Para ouvir, acesse: https://drive.google.com/drive/folders/1SRPX-6I_hUX5jw5aMfnlISxBnkeBVXZe?usp=sharing.

*Eu quero ver se filho de Umbanda tem querer*⁹⁸

Observa-se que a preta velha carrega alguns artefatos: a sacola, que pode ser uma referência aos trabalhos domésticos realizados na senzala, como a lavagem de roupas; o rosário, que indica a presença do sincretismo religioso com o catolicismo; e a Guia, ou colar de contas, que remete às tradições afrobrasileiras e o culto aos Orixás. Além disso, menciona-se a origem africana da vovó que veio da Angola. Outra cantiga diz:

Que fumaça cheirosa, vovó, sai do seu cachimbo

Não sei se é arruda, vovó

Ou manjerição

*Só sei que essa fumaça, vovó, faz bem ao meu coração*⁹⁹

Nesse ponto cantado, descreve-se a presença de outro elemento da preta velha, o cachimbo. Tal artefato carrega em si a crença no poder de cura das folhas e da fumaça. Na Umbanda, acredita-se que a fumaça é capaz de limpar os maus fluidos e, por isso, realiza-se sempre a defumação logo no início da gira. A fumaça¹⁰⁰ também é manipulada pela Preta Velha através do seu cachimbo, tanto para limpar o próprio médium incorporado, quanto para dar o passe em quem precisa.

Um dos aspectos característicos é que a Preta Velha costuma estar acompanhada de um Preto Velho. Entende-se que eles andam em dupla, mesmo que apenas um deles esteja incorporado. Dessa forma, acredita-se que todo médium seja guiado por um Preto Velho e uma Preta Velha.¹⁰¹ As seguintes cantigas, embora mencionem o Preto Velho, são capazes de explicitar o que significa ser da linha dos Pretos Velhos na Umbanda e seus valores universais.

⁹⁸ Autor desconhecido. Cantiga grafada conforme é cantada no Terreiro Guardiões da Lei Divina, locus da presente pesquisa. Para ouvir, acesse: https://drive.google.com/drive/folders/1SRPX-6I_hUX5jw5aMfnlISxBnkeBVXZe?usp=sharing.

⁹⁹ Autor desconhecido. Cantiga grafada conforme é cantada no Terreiro Guardiões da Lei Divina, locus da presente pesquisa. Para ouvir, acesse: https://drive.google.com/drive/folders/1SRPX-6I_hUX5jw5aMfnlISxBnkeBVXZe?usp=sharing.

¹⁰⁰ Cabe dizer que a fumaça manipulada pela Preta Velha não é tragada.

¹⁰¹ É comum encontrar miniaturas ou imagens de pretos velhos alocados dessa maneira nos Terreiros, nas lojas de Umbanda e na casa dos praticantes.

*Preto Velho senta no toco
Faz o sinal da cruz
Pede proteção a Zambi para os filhos de Jesus
Cada conta do seu rosário
É um filho que aí está
Se não fosse os Pretos Velhos eu não sabia caminhar¹⁰²*

Esse ponto cantado demonstra alguns dos hábitos do Preto Velho e da Preta Velha. Primeiro, eles costumam dar atendimento na Umbanda sentados em um toco ou banquinho. Segundo, é comum observá-los fazendo o sinal da cruz com as mãos, assim que chegam ao Terreiro e em alguns outros momentos, como uma forma de oração e proteção. Outro hábito que não está descrito na cantiga, é que eles costumam beber café. É comum oferecer o “pretinho”, como é chamado por eles, quando eles estão no Terreiro e ofertá-lo em orações, deixando-o próximo da vela ou da imagem do Preto Velho e da Preta Velha.¹⁰³

*Quantas estrelas tem no céu?
Preto Velho já contou
O rosário de Maria, meu senhor
Preto Velho já orou¹⁰⁴*

Nessa breve cantiga, nota-se a dimensão da sabedoria e da senioridade do Preto Velho e da Preta Velha, que conhecem todas as estrelas no céu e foram capazes de contá-las. Para atingir esse feito, é necessário ter uma ampla vivência e acumular diversos conhecimentos. Assim, compreende-se que os Pretos Velhos são dotados de vasta sabedoria e vivência.

Tratando-se da Preta Velha, através das informações apresentadas pelos pontos cantados, é possível observar que ela é uma anciã preta que pode carregar

¹⁰² Autor desconhecido. Cantiga grafada conforme é cantada no Terreiro Guardiões da Lei Divina, locus da presente pesquisa. Para ouvir, acesse: https://drive.google.com/drive/folders/1SRPX-6I_hUX5jw5aMfnISxBnkeBVXZe?usp=sharing.

¹⁰³ No caso de oferenda, oferece-se sempre o primeiro café, antes que qualquer pessoa tenha bebido.

¹⁰⁴ Autor desconhecido. Cantiga grafada conforme é cantada no Terreiro Guardiões da Lei Divina, locus da presente pesquisa. Para ouvir, acesse: https://drive.google.com/drive/folders/1SRPX-6I_hUX5jw5aMfnISxBnkeBVXZe?usp=sharing.

alguns artefatos, como o cachimbo, o colar de contas e o rosário. Além disso, quando incorporada, possui como hábito fazer o sinal da cruz com as mãos; andar curvada, como alguém que carrega nas costas uma vivência extensa; beber café; e comunicar-se com um vocabulário próprio, que envolve trejeitos e palavras africanas. Dentre os valores que transmite está o perdão, a humildade e a cura. Possui ampla sabedoria para compartilhar com quem precisa e está sempre disposta a rezar pelos seus filhos, que são aqueles que a procuram.

Nota-se que a Preta Velha possui algumas características semelhantes à mãe preta, como o fato de ser uma senhora preta, que carrega em si aspectos que remetem ao período da escravização africana, como as vestes simples e o lenço na cabeça. As semelhanças, enquanto representação, podem ser observadas nas imagens de Preta Velha comercializadas nas lojas de Umbanda (Figura 14).

Figura 14 – Preta Velha



Fonte: Acervo pessoal¹⁰⁵

Porém, enquanto o estereótipo da mãe preta tem como função estabelecer e disseminar uma representação sexista e racista da mulher negra, a Preta Velha tem o papel de preservar e ressignificar as memórias da escravização.

4.5 O PRETUGUÊS NO TERREIRO

O pretuguês no Terreiro pode ser compreendido e sintetizado na fala da Preta Velha em paralelo à fala da mãe preta que, por sua vez, transmitiu os seus valores ancestrais para a criança brasileira (GONZALES, 1984). A preta velha continua o

¹⁰⁵ Escultura de argila de autoria de Luiz de Souza.

processo de letramento cultural afro-brasileiro e vai além, pois subverte o estereótipo racista e sexista. No Terreiro, a Preta Velha constitui a ecologia do sagrado com a sua sabedoria, humildade e memórias dos tempos de escravização, as quais, em sua presença, são transformadas em encantamentos capazes de trazer a cura para a ferida histórica e coletiva.

A palavra da Preta Velha é capaz de curar, pois está inserida no contexto da tradição oral africana, cuja base é o Axé, ou força vital. Acredita-se que todos os seres são dotados de força vital e possuem o potencial de perdê-la ou acumulá-la. Portanto, o Axé

É a força vital que acompanha todos os seres vivos no mundo. É uma energia que precisa ser alimentada e cuidada, pois pode ser acumulada ou esgotada. No caso de ser acumulada, resulta em poder, no caso de ser esgotada, resulta em doença e adversidade. (SÀLÁMI; RIBEIRO, 2011, p. 43)

Sob a ótica africana, compreende-se que o tempo age de maneira não linear, como se o passado, o presente e o futuro coexistissem formando uma grande trama. Sendo assim, o passado permanece reverberando no tempo presente, tornando permanente a conexão com os antepassados. Através das ritualísticas, como a gira da Umbanda, é possível que os sujeitos deixem o tempo cronológico e acessem o tempo sagrado, onde habitam ancestrais, entidades e Orixás.¹⁰⁶

A tecnologia que faz a ponte entre os saberes ancestrais e o presente é a própria oralidade. Através de suas mídias, que são veiculadas pelas falas e cantigas, os sujeitos são capazes de assimilar os saberes de formas diversas e aplicá-los em sua própria vivência.

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo e categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169)

¹⁰⁶ SÀLÁMI; RIBEIRO, 2011, p. 37.

Ao transmitir os seus saberes, a Preta Velha estabelece uma conexão horizontal com os sujeitos que propicia o acolhimento de dores e vivências. À medida que se compreende que todos os seres visíveis ou invisíveis estão conectados, amplia-se a visão sobre a própria vida. Torna-se possível que os sujeitos enxerguem a si mesmos como elementos de uma rede, de um exoesqueleto ancestral.

Sob este ponto de vista ganha sentido a preocupação com a ecologia e com o bem-estar de outras pessoas. Somos interconectados e, por isso, o sofrimento de qualquer pessoa é o sofrimento de todos, e seu júbilo é o júbilo de todos. A árvore abatida desnecessariamente e outros níveis de crueldade contra os mundos mineral, vegetal e animal constituem uma agressão contra si mesmo. (SÂLÂMI; RIBEIRO, 2011, p. 41)

Por fim, o pretuguês no Terreiro é a manifestação viva do encontro entre a oralidade africana e o português, sintetizando a cultura afrobrasileira. Para além de estrutura sintática, carrega toda uma amplitude semântica embasada pelos valores africanos. Entende-se, assim, o complexo cenário no qual está inserida a oralidade e o compartilhamento de saberes. A oralidade é a grande ponte capaz de transportar as vivências ancestrais para os dias atuais, constituindo uma fonte de educação libertária.

Embora a fala da Preta Velha tenha sido a força motriz para ilustrar, ao menos em partes, tamanha complexidade, ressalta-se que o pretuguês está presente em toda a dinâmica existente no Terreiro, seja na relação com o sagrado, na conexão entre os sujeitos, no falar ou no cantar.

5 ENTREVISTAS

Entre novembro e dezembro de 2022, foram realizadas entrevistas com três¹⁰⁷ integrantes do Terreiro Guardiões da Lei Divina que, a fim de preservar suas identidades, serão chamados de Irmão Mais Velho, Irmã Mais Velha e Irmã Mais Nova. Trata-se de uma família, marido, esposa e a filha dela, cujos laços estão intrinsecamente ligados à prática da Umbanda.

Duas das entrevistas foram realizadas no espaço do Terreiro e a terceira, da Irmã Mais Nova, foi realizada na casa dela por motivos terceiros. Utilizou-se um roteiro de entrevista aberto, de modo que novas perguntas pudessem surgir a partir da escuta atenta da entrevistadora, que também é integrante do Terreiro e está familiarizada com o universo e os sujeitos de pesquisa.¹⁰⁸

Neste capítulo, será explorado um estilo textual mais próximo da oralidade e para manter a fluidez necessária, serão utilizadas as notas de rodapé para eventuais explicações que possam agregar ao entendimento. Outro recurso é o *itálico* que sinalizará reflexões e memórias da entrevistadora relacionadas às entrevistas e às vivências com os entrevistados.

Para a análise, utilizou-se das categorias: processos, pessoas, plataformas e protocolos. Tais categorias, chamadas de 4Ps, foram desenvolvidas ao longo dos trabalhos do grupo de estudos NeoCriativa, coordenado pelo Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier. O objetivo delas é contribuir para a organização da leitura de fenômenos complexos, sob o ponto de vista da Antropologia Cultural e da Etnografia.

A primeiro refere-se aos movimentos que decorrem da prática da Umbanda ou que estão relacionados a ela; já a segunda agrupa aspectos que descrevem as pessoas em suas funções e papéis na tradição; a quarta abrange as estruturas fundamentais do Terreiro, concretas ou não; e a quinta relaciona-se aos hábitos, à ética e aos comportamentos necessários para frequentar o espaço ou dizer-se umbandista.

Por fim, pretende-se trazer reflexões acerca da organização dos espaços sagrados umbandistas, o protagonismo dos praticantes no dia a dia da tradição, as

¹⁰⁷ Atualmente, existem cinco integrantes do Terreiro, além dos três mencionados, um irmão que não pôde participar da entrevista e a entrevistadora.

¹⁰⁸ Dentre as referências para a realização de entrevistas com grupos que partilham de um mesmo universo que o entrevistador está o trabalho de Kilomba (2020).

mídias e tecnologias presentes no Terreiro, que transmitem os valores ancestrais e a resistência ao racismo religioso. Nesse contexto, as entrevistas foram fundamentais para complementar os estudos teóricos, uma vez que colocaram os praticantes no lugar de sujeitos. A oralidade enquanto prática necessita de um afluído exercício de escuta que demanda, em primeiro lugar, reconhecer a humanidade das pessoas.

5.1 O TERREIRO

Atualmente, o Terreiro Guardiões da Lei Divina situa-se em uma residência no bairro Mary Dota, Bauru – SP. No fundo do quintal, existe uma pequena edícula que abriga as giras. É uma sala pequena, que possui duas imagens grandes de Nossa Senhora Aparecida e Iemanjá, retratada conforme o sincretismo, e entre elas há um altar com imagens de Oxalá - sincretizado com Jesus Cristo¹⁰⁹ - Xangô, São Jorge - sincretismo de Ogum - uma estrutura de cerâmica, no qual as velas são acesas, e uma cuia de coco cheia de moedas.

Na parede, logo acima do altar, existe um arco e flecha indígena. Entre o altar e a imagem de Iemanjá no chão, há uma escultura feita à imagem e semelhança¹¹⁰ de Seu Tranca Ruas das Sete Encruzilhadas; e do outro lado da imagem de Iemanjá há um grande pilão.

Do lado oposto da parede do altar, encontram-se dois tambores e, encostados nas duas paredes laterais ao altar, há cinco banquinhos de madeira. Além disso, nas mesmas paredes, há estruturas feitas para que os médiuns pendurem as Guias. Em uma delas, existem outros instrumentos musicais pendurados, como agogô, ganzá e chocalho. Na parede atrás dos tambores, há uma estrutura de madeira que guarda as velas de todas as cores necessárias para a realização das giras.

A primeira vez que eu conheci o quartinho que hoje é o Terreiro, ele tinha um sofá e alguns outros objetos, era praticamente um depósito da casa. A imagem de Iemanjá já existia, pois foi herdada de uma antiga companheira do Irmão Mais Velho. Quando os trabalhos desse Terreiro começaram, eram feitos na parte externa ao

¹⁰⁹ Um fato curioso é que as imagens de Jesus Cristo existentes na Umbanda em decorrência do sincretismo com Oxalá o apresentam com os braços abertos, feliz e saudável; sem marcas da violência, como costumam retratar as imagens católicas.

¹¹⁰ A escultura foi feita por um médium que teve uma visão espiritual de como é o Seu Tranca Ruas das Sete Encruzilhadas.

quartinho, em frente à churrasqueira. Com o tempo, o esvaziamos e começamos a construir o Terreiro.

Cada item que o compõe surgiu no momento certo. Os tambores, os outros instrumentos musicais e os banquinhos foram trazidos de um Terreiro anterior que fechou. A estrutura de guardar as velas foi doada por um frequentador do Terreiro. A imagem de São Jorge, o arco e a flecha foram levados por irmãos que hoje já não fazem mais parte da corrente. Esses são alguns exemplos, mas foi assim com grande parte dos artefatos. Além disso, em determinado momento o quartinho foi reformado. Pintamos as paredes, fizemos as estruturas de pendurar as Guias e até mesmo trocamos a porta.

Na casa existe também um outro quarto que é a casinha de Exu, um local dedicado à proteção e que apenas o Irmão Mais Velho pode entrar. Em alguns outros pontos da casa são realizadas firmezas, ou seja, acendem-se velas e realizam-se orações. Ademais, na estrutura do telhado, logo acima do portão de entrada estão pendurados um chifre e um machado, que podem passar despercebidos para quem não olhar para cima.

Uma vez eu cheguei no Terreiro muito nervosa e entrei no quartinho de Exu. Fiquei lá fazendo as minhas orações e reflexões. Muitos meses depois descobri que o Irmão Mais Velho havia levado uma bronca dos Guias da Casa por eu ter entrado lá. Desde então, é proibido que outra pessoa além dele entre. Acredito que o irmão que recebe¹¹¹ o Seu Tranca Ruas também pode entrar, mas só observei esse acontecimento em raras situações, com ele incorporado.

A casa é muito simples, em todos os seus aspectos. Antigamente, o Irmão Mais Velho, proprietário da casa que abriga o Terreiro, parecia ser desapegado de detalhes materiais, situação que mudou em algumas instâncias com a chegada da Irmã Mais Velha. Desde então, ocorreram mudanças e melhorias na residência.

Certa vez todos os irmãos do Terreiro foram convocados pelo Seu Tranca Ruas para ajudarmos o Irmão Mais Velho a reformar a casa. Cada irmão ajudou da forma que podia, financeiramente e com trabalho, e conseguimos pintar toda a área externa do quintal da casa. Pintamos também o quartinho onde se situa o Terreiro. Foi nesse

¹¹¹ Receber significa incorporar. Trata-se de um processo em que o espírito pode se manifestar, por exemplo, através da fala, a partir do corpo do médium. O médium que é capaz de incorporar, por vezes, é chamado de cavalo, no sentido de carregar o espírito do Guia.

dia que trocamos a porta. Quando fomos colocá-la descobrimos que era grande demais e um dos irmãos que não faz mais parte da Casa precisou cortá-la.

5.2 O IRMÃO MAIS VELHO

O Irmão Mais Velho é um homem cis, pardo, de 50 anos de idade. Possui ensino fundamental completo e atua como mecânico de autos em oficina própria localizada em Bauru – SP, sua cidade natal. É uma pessoa simples e justa, que busca fazer tudo da maneira que acha correto. Como um bom filho de Xangô, é forte e glorioso, tal qual uma rocha no alto da pedreira. Pode parecer ofensa, mas a rocha é responsável por sustentar toda a estrutura e o alto da pedreira é o lugar do rei; além disso, dizem as cantigas que foi em uma pedra que Xangô escreveu a justiça: “quem deve paga, quem merece recebe”.¹¹²

Há cerca de 17 anos, o Irmão Mais Velho começou a frequentar a Umbanda e nunca mais parou. Ao longo da sua trajetória, passou por praticamente todas as funções que existem em um Terreiro. Teve importante participação na fundação de Terreiros na cidade de Bauru e realizou um grande trabalho de divulgação da tradição através da dança, da arte e da música. Conforme agregou experiência, tornou-se um alicerce essencial da Umbanda devido a sua sabedoria e responsabilidade.

Atualmente, ele realiza um trabalho fundamental no Terreiro Guardiões da Lei Divina, pois ele é o responsável pela Casa. Qualquer trabalho realizado necessita dele para acontecer. Porém, ele não é chamado de Pai de Santo, mas, sim, de Irmão Mais Velho. A diferença é que ele não possui responsabilidade direta com o cuidado dos demais irmãos, como teria um Pai de Santo.

No Terreiro Guardiões da Lei Divina há uma ética de horizontalidade, em que os integrantes se veem como irmãos, sem hierarquia, vista entre pai e filho, preservando concomitantemente o respeito à senioridade. Em outras palavras, dentro da tradição, ele é respeitado por ser o mais velho, em idade e em anos de experiência como umbandista. Além disso, ele é profundamente respeitado por levar uma vida de dedicação às entidades e à Umbanda.

¹¹² Autor desconhecido. Trecho de cantiga grafada conforme é cantada no Terreiro Guardiões da Lei Divina, locus da presente pesquisa.

5.3 A IRMÃ MAIS VELHA

A Irmã Mais Velha é uma mulher cis branca, de 43 anos de idade. Possui pós-graduação e, atualmente, trabalha como auxiliar de escrita fiscal. Já atuou como professora universitária, possuindo experiência em educação. É uma pessoa amigável e dedicada à família. Tem uma filha, a Irmã Mais Nova, com quem mudou-se para Bauru há alguns anos.

Cresceu em uma família espírita e, em determinado momento, procurou a Umbanda para encontrar respostas para alguns fenômenos espirituais desconsiderados pelo Espiritismo. Já frequentou outro Terreiro de Umbanda da cidade, mas passou a fazer parte do Terreiro Guardiões da Lei Divina após conhecer o Irmão Mais Velho. Hoje, os dois são casados e moram juntos.

Pelo que já ouvi ela dizendo, no Terreiro anterior, ela tinha outra função, de sustentação da corrente, podendo trabalhar incorporada. Além disso, foi falado para ela que seu Orixá de cabeça é Oxum, a Senhora das Águas Doces, da riqueza, da maternidade e da fartura.

Apesar da Irmã Mais Velha ter a mediunidade de incorporação, no momento, ela contribui para o Terreiro de outra forma, como cambone. É uma forma dela aprender a lidar com as energias dos espíritos e com a própria mediunidade, na medida em que possui dons aflorados de vidência e de cura. Mesmo com o seu grande conhecimento do Espiritismo e a experiência na Umbanda, desde que chegou ao Terreiro, ela foi orientada pelo Seu Tranca Ruas a recomeçar.

Já tiveram momentos em que a Irmã Mais Velha incorporou a Pomba Gira, o Caboclo e a Baiana. Os Guias se manifestaram dançando e dando uma passagem rápida. Eles ainda não se expressaram falando, por exemplo, como o Seu Tranca Ruas faz quando incorporado. Isso pode ser um sinal de que ela está se desenvolvendo para se tornar um cavalo ou de que ela é uma médium de passagem, que recebe as entidades necessárias para descarregar e movimentar a energia.

5.4 A IRMÃ MAIS NOVA

A Irmã Mais Nova é uma mulher cis branca, de 23 anos de idade. Formada em Letras-Tradução, hoje exerce a profissão de tradutora. Trata-se de uma pessoa

intelectual, que gosta de ler e expressa o seu senso crítico. Gosta muito de animais, especialmente cães, e da natureza.

Eu me lembro da primeira vez que ela chegou ao Terreiro. Parecia muito assustada e foi atendida pelos Exus, na época, além do Seu Tranca Ruas, havia também o Exu Caveira. Lembro-me que foi um momento de grande surpresa e alívio, pois por um tempo a Irmã Mais Velha tinha dúvidas se a Irmã Mais Nova de fato iria ao Terreiro. Houve uma gira em que o Seu Tranca Ruas chamou a Irmã Mais Velha e disse que era para ela confiar porque ele levaria sua filha até o Terreiro. Na semana seguinte, a Irmã Mais Nova apareceu.

Ela é uma pessoa independente, mora sozinha com os seus animais em uma casa grande. Possui quintal com plantas. A sala onde ocorreu a entrevista era espaçosa e tinha uma mesa branca de plástico, como aquelas de restaurantes e bares. Do lado direito tinha um altar, com uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, um cordão preto e vermelho da Umbanda e pratinhos de acender velas.

Marcamos a entrevista na casa dela, pois a Irmã Mais Velha estava em isolamento devido à Covid-19. Foi iniciativa da própria Irmã Mais Nova me convidar para a casa dela, de modo a não adiarmos a entrevista.

5.5 PROCESSOS

Uma questão comum para os três entrevistados envolve o fato de que todos eles encontraram a Umbanda em um momento de dificuldade e foram acolhidos.

O Irmão Mais Velho já fazia parte de uma família que frequentava a Umbanda, mas apenas passou a frequentar de fato um Terreiro quando um amigo o convidou, há cerca de 17 anos.

Sempre tem uma lenda na Umbanda de que as pessoas se iniciam na religião pelo amor ou pela dor. No meu caso, foi pela dor. Atravessava por vários problemas e tinha um amigo que era bem ligado à Umbanda e, vendo a minha dificuldade, ele chegou até mim e me ofereceu ajuda através da Umbanda. [...] Eu comecei a ver a Umbanda de uma forma diferente. E tô nela até hoje. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)¹¹³

¹¹³ IRMÃO MAIS VELHO: depoimento [nov. 2022]. Entrevistadora: Fernanda de França Gatto. Bauru, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

A ajuda recebida na Umbanda foi fundamental para o Irmão Mais Velho, pois, desde então, ele decidiu retribuir o bem recebido. Sendo assim, a sua trajetória na tradição envolveu a experiência com diversos Terreiros, sendo que alguns deles já enceraram os trabalhos.

Para ele, isso tem a ver com a dificuldade enfrentada no caminho do bem, pois sempre existem obstáculos que atrapalham. Ele alega que “do lado do bem, sempre tem forças negativas que trabalham para que você não consiga”. Porém, mesmo com os enceramentos das casas em que passou, ele não parou de praticar a Umbanda, dando espaço para que o Terreiro Guardiões da Lei Divina surgisse em sua residência.

Depois de um certo tempo, esse Terreiro que nós estávamos, que era grande, com bastante participantes, teve que se terminar. Porém, eu não parei. Eu continuei, pensando em dar sequência nesse trabalho. [...] voltamos ao ponto inicial, que foi aqui onde a gente está hoje, dando início a um novo trabalho, em um novo Terreiro, de uma nova forma. [...] dando oportunidade a nós mesmos de começar do zero de novo. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

Com a prática, ele passou a acreditar que apesar de ser muito difícil as pessoas mudarem, elas são capazes através da Umbanda. O motivo para essa crença é o processo de mudança que ele mesmo passou ao longo da vida, com a prática da tradição. Dentre elas, está a forma de tolerar situações e pessoas, mantendo um diálogo e procurando entender a situação de cada um.

A gente sempre pensa aqui (*na Terra*), tudo tem que ser e é do jeito que a gente vive, pensa, age, e não é! Cada um tem a sua forma de ser, de viver. Então, eu acredito que (*a Umbanda*) me mudou de uma forma completa. Eu mudei o jeito de ver, o jeito de agir, o jeito de pensar. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

Outro aspecto significativo em sua vida, foi um momento de infidelidade que ele sofreu e soube lidar de uma forma diferente, sem violência. Além disso, aprendeu a enfrentar as dificuldades de outra forma: “no momento da dificuldade, eu paro, respiro e tento mudar os pensamentos ruins. [...] Colocar os pensamentos bons na cabeça para poder seguir em uma direção correta para não prejudicar a *si* mesmo e as outras pessoas”.¹¹⁴

¹¹⁴ IRMÃO MAIS VELHO: depoimento [nov. 2022]. Entrevistadora: Fernanda de França Gatto. Bauru, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

O racismo religioso está presente na trajetória do Irmão Mais Velho e foi observado por ele quando realizava trabalhos de divulgação da Umbanda pela cidade, incluindo a panfletagem com o objetivo de alcançar mais pessoas. Ele contou que “tinha pessoas que não recebiam o panfleto, [...] via o que era e começava a criticar, xingar, a querer exorcizar você ali como se você fosse uma coisa ruim”. Porém, diante da violência, ele mantinha o autocontrole e, em oração, desejava que a pessoa tivesse acesso aos saberes para que cessasse o julgamento.

No caso da Irmã Mais Velha, ela já frequentava o Espiritismo, em sua cidade natal, mas passou a receber alguns espíritos que não eram bem-vindos na mesa branca, como Exus e Pombo Giras. Esse foi o ponto de partida para ela conhecer a Umbanda, quando era adolescente.

Eu frequentava um centro espírita de mesa branca, voltado a Allan Kardec. [...] Com o passar do tempo, eu comecei a receber alguns Guias espirituais que não eram vinculados a esse meio. [...] Eu percebi que era diferente. [...] Meu pai que me levava não tinha muito conhecimento para me explicar, *ai* eu fui procurar outros Centros na minha cidade que pudessem me dar uma resposta. Mas isso com meus 16, 17 anos. Antes disso, eu já tinha algumas situações que [...] estava recebendo espíritos e é bem próximo ao que a gente vê hoje na Umbanda. Nossos Exus, nossas Pombas Giras, eram os manifestos que eu já tinha naquela época. (IRMÃ MAIS VELHA, 2022)¹¹⁵

Quando se mudou para Bauru, ela passou a fazer parte de um Terreiro muito popular na cidade. Posteriormente, conheceu o Irmão Mais Velho e visitou o Terreiro Guardiões da Lei Divina. Naquele momento, ela almejava mudar de Terreiro, para um que fosse menor do que o que ela frequentava. Além disso, buscava um lugar que tivesse uma energia diferente, deixando-a mais segura em relação à espiritualidade.

Quando eu cheguei aqui, realmente o que eu vim buscar eu encontrei: a energia diferente. Os irmãos daqui são diferentes, são realmente irmãos. São parceiros. Eu também descobri o amor aqui na casa [...] fui acolhida, inclusive. Eu estava num momento muito difícil com a minha filha. Ela estava passando *num* processo que ela precisava ir a um Terreiro porque ela também precisava desenvolver a mediunidade e, no anterior que eu ia, ela tinha muito bloqueio *pra* chegar até lá. [...] A gente que é da Umbanda, a gente sabe que *pra* você ir até um Terreiro muitas coisas acontecem *pra* você não ir [...]. Aqui, o primeiro dia que a gente *chamou ela*, ela veio e nunca mais parou de vir! (IRMÃ MAIS VELHA, 2022)

¹¹⁵ IRMÃ MAIS VELHA: depoimento [nov. 2022]. Entrevistadora: Fernanda de França Gatto. Bauru, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

Para a Irmã Mais Velha, o fato de sua filha ter recebido ajuda no Terreiro Guardiões da Lei Divina foi fundamental para que ela escolhesse ficar ali e fazer parte da corrente. Quando ela chegou, estava lidando com sérios problemas em relação à saúde mental da filha, que enfrentava uma depressão.

A minha filha chegou a tomar remédios para se suicidar. Ela não tinha mais o desejo de viver, de ir para a faculdade, de sair de casa. Ela tinha crises para ir em qualquer lugar. Eu nunca desacreditei no fenômeno espiritual, na nossa fé, que eu poderia receber essa bênção. Nunca desacreditei, mas eu imaginava que demoraria muito mais a acontecer [...]. Ao trazer ela aqui, a mudança foi muito rápida! [...] Quando ela veio aqui no nosso Terreiro, foram coisas de meses dela não ter mais nada e dias, horas de grandes mudanças para quem viveu muitos anos de aflições. Então a Umbanda muda a pessoa e só traz coisas boas! (IRMÃ MAIS VELHA, 2022)

Ademais, o Terreiro também auxiliou a Irmã Mais Velha a superar outros problemas pessoais, no campo do amor e do trabalho. Em relação ao primeiro, ela havia terminado um relacionamento de 27 anos e estava desacreditada de que encontraria o amor. Isso mudou conforme ela ficou cada vez mais próxima do Irmão Mais Velho.

Já o segundo, representava grandes dificuldades, pois ela não encontrava um trabalho onde pudesse ser ela mesma. Em suas palavras: “eu tive que sair do trabalho porque a pessoa queria que eu mudasse a minha índole, fizesse coisas muito ruins para os colegas de trabalho, se eu aceitasse crescer profissionalmente”.

A Umbanda acendeu ainda mais a minha fé, que as coisas podem ser diferentes, que a gente pode ser feliz até com menos do que eu tinha, materialmente falando, com menos pessoas, porque a gente acha que [...] só é feliz tendo um monte de amigos, [...] que vai ser feliz tendo um emprego que te pague muito bem, que tenha status, enfim, coisas que esse mundo faz com que a gente acredite. Na verdade, a gente é feliz com bem pouco e eu sou feliz com menos ainda do que eu tinha! [...] A Umbanda me fez mostrar isso. (IRMÃ MAIS VELHA, 2022)

Após sua chegada na Umbanda, a Irmã Mais Velha encontrou o amor, sua filha teve uma melhora na saúde mental, e está em um novo trabalho. Porém, o ambiente profissional a tem colocado em face ao racismo religioso. Trata-se de um local em que, segundo ela, 90% dos colegas de trabalho são “evangélicos” e, eventualmente, têm falas preconceituosas.

Em determinado contexto, ela ouviu uma colega dizer “você já pensou se eu for atrás dessa pessoa e ela é da Umbanda e ela fazer uma macumba para mim? O

que eu faço com essa macumba?” No mesmo dia, ouviu outra pessoa dizer que “a gente não deveria discriminar nenhum, nem ninguém da Umbanda”. Para ela, essas falas são resultado da falta de entendimento e da crença de que a Umbanda faz o mal.

Quando eu entrei nessa empresa [...] e eu sei que eles são evangélicos, eu já me situei que realmente eu posso levar a mensagem da Umbanda, mas no momento certo, com uma parcela maior de cautela [...] à toa eu não estou lá! Como umbandista, ou as pessoas que são espíritas em geral, a gente veio aqui para semear isso. [...]. Às vezes a sementinha você aduba [...] morre, mas a gente pega outra [...] semente e assim vai! Mas eu não tive como, nesses exemplos, [...] me manifestar. (IRMÃ MAIS VELHA, 2022)

A Irmã Mais Nova cresceu, por outro lado, como espírita e conheceu a Umbanda através da mãe, que também era espírita. De início, ela tinha medo e achava os rituais, a música e as expressões estranhas, sobretudo, devido à visão negativa do Espiritismo sobre a Umbanda.

Na minha experiência, eu cresci no Espiritismo kardecista. Até por isso esse contraste muito grande. Por ele ver que a Umbanda é algo ruim em alguns aspectos. Mas o que eu vejo de igualdade [...] é essa parte de amor ao próximo, de se doar, a energia muito parecida em certos momentos, por ser de amor, [...] de caridade. [...] os ensinamentos em si. (IRMÃ MAIS NOVA, 2022)¹¹⁶

Ela acredita que esse olhar de preconceito, por parte do Espiritismo, está relacionado ao medo da carga social existente na Umbanda por ser uma tradição afrobrasileira. Além disso, ela nota um comportamento de “querer pegar as pessoas para si”, na medida em que as pessoas acreditam que apenas a religião delas está correta. Conforme ela foi conhecendo a Umbanda, o seu olhar foi mudando.

Quando ela conheceu o Terreiro, estava enfrentando uma depressão. Para ela, esse era um grande desafio e significava lidar com uma carga negativa.

Quando eu fui no Terreiro eu estava com depressão [...] estar com essa carga negativa que te move, é um desafio! [...] Fazer escolhas e [...] ter coragem de fazer escolhas, sair da bolha, tomar coragem de ter ações que você não tem normalmente quando você mora em *família social*. [...] Acho que *pra mim* é sempre ter coragem de fazer alguma coisa, mas em relação à depressão em si foi [...] essa reviravolta. (IRMÃ MAIS NOVA, 2022)

¹¹⁶ IRMÃ MAIS NOVA: depoimento [dez. 2022]. Entrevistadora: Fernanda de França Gatto. Bauru, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

Naquele momento difícil, o Terreiro significou o acolhimento, um lugar onde ela se sentiu bem e encontrou uma nova família. Com o tempo, aprendeu a ter outra visão sobre a vida, sobre ela mesma e a sociedade.

Eu sou mais positiva agora. Eu já era, [...] não levava tudo num ponto negativo, mas quando eu levava, me destruía psicologicamente. Hoje, eu acho que não vejo tudo como negativo, eu fico ansiosa, obviamente, mas essa negatividade que muda tudo em volta, eu acho que não tenho mais. [...] Não agradecia antes, eu não tinha esse sentimento, mesmo que tinham me ensinado [...] quando a orar, agradecer [...] eu acho que era feito só porque a oração fala “obrigado”, e eu tô falando “obrigado”! (IRMÃO MAIS NOVA, 2022)

Assim como os demais, ela também já vivenciou situações de racismo religioso. Uma delas ocorreu em uma entrevista de emprego, em que foi perguntada a sua religião e ela percebeu que não foi contratada por ser umbandista. Em outros momentos, ela observou certos comportamentos em pessoas do convívio dela, como não querer comer com ela e não aceitar presentes. Ela acredita que a causa disso é o fato das pessoas acreditarem que ela pode fazer algo de errado por ser umbandista.

Eu respeitei, porque eu sei que isso ocorre mesmo, que o que é passado dentro de outras igrejas, que deve se dar valor só aquilo que aprendido lá, na instituição, e não do que as outras igrejas falam, que existe só uma lei, existe só um jeito de agir. [...] Eu faço a dissociação, a igreja que a mulher segue e fala que ela não pode comer comigo, não é o que ela é, então não tem que ver ela como uma pessoa ruim porque ela segue isso. (IRMÃO MAIS NOVA, 2022)

5.6 PESSOAS

A visão do Irmão Mais Velho sobre as pessoas perpassa a sua experiência na Umbanda e nas funções existentes. São diversas as funções possíveis em um Terreiro, mas a base de todas é o ato de servir. Hoje, com toda sua sabedoria e serviço, o Irmão Mais Velho possui um papel central no Terreiro Guardiões da Lei Divina.

Acho que de todas as funções que possa ter, dentro de um Terreiro, durante todo esse tempo, eu passei por quase [...] todas. Mas eu acredito que, a minha função nessa casa, hoje, [...] é de guardião mesmo! Porque, *pra* ela se manter aberta, depende muito da minha vigília. [...] Então eu me sinto um guardião daqui. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

Ao longo da sua caminhada na Umbanda, o Irmão Mais Velho passou a fazer parte de um movimento que visava a valorização das tradições afrobrasileiras através

da música, da arte e da cultura. Foi uma grande empreitada que envolveu pessoas de diversos Terreiros da região, durante alguns anos.

Essa experiência mostrou para ele as contradições presentes nos sujeitos praticantes e a conseqüente desunião entre as pessoas. Ele observou que havia entre os Terreiros um sentimento de competição, como se um quisesse ser melhor do que o outro.

Toda casa de Umbanda, teoricamente, tem o seu líder, o que toma conta das pessoas com menos experiência que ele. Que não é o caso da nossa casa, que é o chamado Pai de Santo. Esse Pai de Santo, muitas vezes, por ser uma pessoa que está à frente, por ter um certo conhecimento, ele acha, durante um tempo na caminhada dele, que ele tem todo o poder. [...] Ele se sente um mago que sabe lidar com toda a mítica da Umbanda. [...] Hoje a gente tem os nossos estudos aqui e a gente escuta muita coisa diferente do que eu via, mais com frequência quando eu fazia esse trabalho de divulgação. Então eu via muita competição entre um Pai de Santo de uma casa com o outro Pai de Santo de outra. E com os comandados dele, vamos se dizer assim, das pessoas que frequentam a casa dele. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

Para ele, essa desunião dos umbandistas é um aspecto que dificulta a presença mais ampla da Umbanda no Brasil. Além de se tratar de uma prática contrária à cultura de paz, amor e respeito presente nessa tradição.

A importância da Umbanda no Brasil poderia ser bem mais ampla do que é atualmente. [...] Eu acho que o povo dessa religião é muito desunido. São pessoas de vários Terreiros, porque tem muitos, como o nosso que é bem pequeno hoje e bem restrito. Funciona praticamente em casa, assim como esse tem muitos. [...] No final de 7 anos [...] 8 anos que nós fizemos esse trabalho, de tentar divulgar, [...] um dos objetivos era de unir as pessoas ligadas à religião. E era um trabalho muito difícil e árduo, porque vem uma lenda dos nossos ancestrais da religião, de ter uma certa [...] competição entre si, principalmente dos líderes dos Terreiros, de um querer ser mais ou falar que tem mais poder que o outro. [...] Hoje, eu vejo que diminuiu bastante, por essas pessoas que pregavam isso, já não existem mais. Então, como tudo nesse mundo vai evoluindo e vai mudando, a tendência é evoluir. Mas eu vejo que se não tivesse esse tipo de coisa no meio da religião, ela poderia ser bem mais ampla, bem mais respeitada, bem mais conhecida. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

Essas experiências fizeram com que ele perdesse o contato com pessoas de outros Terreiros e mantivesse relações mais próximas apenas com os frequentadores da mesma Casa que ele.

A Umbanda fala para a gente não guardar sentimentos, mágoas ou qualquer coisa desse tipo. Mas como a gente é humano, a gente [...] não é perfeito. [...] A cada dia que a gente entra na casa de oração, a gente está tentando ser

um pouco melhor do que entrou. [...] Então eu acho que [...] perdi a esperança nas pessoas da nossa religião! Porque quando eu estava envolvido, o sentimento que eu tinha no meio [...] era de desunião. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

Porém, as contradições também estão presentes nas pessoas que frequentam um mesmo Terreiro. Cada pessoa que entra para a corrente tem o seu próprio jeito de pensar e agir e traz consigo toda a sua bagagem. Isso gera dificuldades para que haja total harmonia entre os indivíduos. Entretanto, o trabalho de cada integrante da corrente é essencial para que haja a Umbanda, pois ela consiste em um movimento coletivo.

A corrente de um Terreiro é bem complicada, porque cada pessoa tem seu jeito de pensar, de agir e ninguém é igual. Então o que eu percebo que nem sempre vai haver 100% de harmonia nisso, mas a gente tem que pelo menos ter o máximo que a gente consiga, que são as pessoas aceitarem o que é passado espiritualmente para nós. Isso fica bem mais fácil para quem não andou ou não passou por muitas casas, porque quando acontece isso fica mais difícil. A pessoa chega em um Terreiro que é gigantesco, que tem uma dimensão grande em todos os aspectos e nem sempre tem o essencial. Mas quando você chega em alguma outra casa mais humilde [...] a pessoa começa [...] a ter o julgamento, [...] discordar de muitas coisas que acontecem na corrente. Então a corrente de um Terreiro é muito difícil, complexo de ser montada, porque [...] é a base, é o suporte de todo o trabalho. Porque Umbanda tem esse nome de corrente entre as pessoas que fazem parte da casa, porque é um trabalho comunitário [...] O trabalho não vai depender só de uma pessoa, depende de todos os membros que estão ali. [...] Uma vez que não tenha [...] essa união entre a corrente, o trabalho fica bem mais difícil para aqueles que estão realmente firmes. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

Na corrente, a Irmã Mais Velha desempenha uma função denominada cambone. Trata-se de um ajudante, que está sempre atento ao longo da gira para auxiliar quem precisar.

Tudo que precisa na casa, desde a hora que a gente abre o portão *pra* receber [...] os irmãos, [...] os colegas que vêm [...] procurar ajuda, a gente acolhe. Tanto de falar um “boa noite”, de explicar onde é o banheiro, de onde fica a água, como funciona a casa. [...] na hora da gira, [...] tudo que os nossos Exus, [...] os nossos Guias [...] pedem, a gente serve! Seja um copo de água, seja uma vela, qualquer coisa que precisar. (IRMÃ MAIS VELHA, 2022)

Por ser esposa do Irmão Mais Velho, a Irmã Mais Velha possui uma ampla visão sobre a importância dele enquanto sujeito. Ela o vê como um grande exemplo, devido a sua honestidade e dedicação ao Terreiro.

Eu descobri que existe um ser de luz, que possa parecer que não seja, mas ele é um ser de muita luz. Eu *comparo ele (o Irmão Mais Velho)* muito com o

meu pai. [...] Então, é um ser que também encontrou a Umbanda do nada, que ele não tinha uma religião efetivamente, mas tinha problemas também como os meus. Para quem não entende da parte espiritual, acaba tendo crises e [...] obsessores. Ele também teve essa passagem com a ajuda da mãe dele, através de outros Terreiros, conseguiu um paliativo e com o passar do tempo ele [...] foi em busca disso. [...] Grande exemplo de honestidade, de homem de caridade, de homem de bem, que a vida dele é a Umbanda, então não tem como não se espelhar nele. Um exemplo é que quando eu *conheci ele*, a primeira coisa que ele falou para mim: “eu tenho alguns amigos, precisa gostar dos meus amigos e eu tenho um Terreiro, precisa caminhar junto comigo. Se eu tiver que fazer alguma coisa, primeiro é para o Terreiro, depois é para nós”. A princípio, eu não entendi nada, porque a gente é materialista [...] como você vai deixar de fazer para você, para fazer para um Terreiro? Na verdade, se você não fizer para o Terreiro, você não fez para você, as duas coisas caminham junto. (IRMÃ MAIS VELHA, 2022)

Através da fala da Irmã Mais Velha fica nítida a visão amorosa e o respeito que há entre ela e o Irmão Mais Velho. Para além do amor romântico, o ambiente do Terreiro proporcionou que ela olhasse para a trajetória dele e passasse a enxergar um exemplo do que é viver de acordo com a Umbanda.

Nota-se que o respeito está presente também na relação dela com os demais irmãos de corrente, onde há uma comunidade pautada no amor mútuo e no companheirismo.

Ter um irmão na corrente é o nome irmão mesmo [...] isso é a irmandade, porque se eu tiver qualquer problema, seja ele espiritual, profissional, problema de saúde, as primeiras pessoas que eu vou ligar vai ser para os meus irmãos. Mas por que eu vou ligar para ele? Porque quando a gente se encontra aqui, isso fica claro que nós somos parceiros e estamos juntos. Na verdade, a gente nem tem medo de ficar doente e nem tem medo que vai precisar de alguém como outras pessoas! [...] A gente nem tem esse pensamento, porque a nossa força é tão grande de ter esse sentimento de amor, de companheirismo, de cumplicidade, tanto nas nossas orações, tanto no nosso convívio, que nos deixa bem um com o outro. (IRMÃ MAIS VELHA, 2022)

Essa atmosfera de acolhimento se estende aos visitantes que frequentam ocasionalmente o Terreiro. Dentre eles, alguns são convidados a entrarem para a corrente e passam a trilhar o caminho da Umbanda. Nesse aspecto, há uma grande responsabilidade entre os irmãos que estão há mais tempo no Terreiro e os que chegaram a menos tempo.

As pessoas que vêm procurar a Casa para participar da gira [...] normalmente eles vêm conhecer, [...] já vêm de outra casa [...] e aí eles são convidados a participar. Eles não chegam aqui num dia comum de gira e já entram *pra* gira. Já aconteceu algumas situações que a gente recebe amigos nossos aqui que tem uma mediunidade super pronta *pra* nos auxiliar e *aí* ele vem e nos auxilia naquela gira, mas eu creio também que a espiritualidade que preparou aquele

momento. [...] A nossa responsabilidade dentro disso tudo é muito grande. E eu penso que independente de ser Umbanda, ninguém entra em algo com pensamento que vai parar, que vai desistir, principalmente com uma situação muito forte, que a gente *tá* aqui *pra* servir alguém, a gente se compromete com a espiritualidade. Então a gente *tá* falando de responsabilidades, as pessoas vêm aqui esperando que a gente faça algo por elas, ou que elas saiam daqui melhores do que chegaram. Por isso que eles são convidados *pra* participar da gira, então a espiritualidade prepara isso. [...] É um trabalho diário ser da Umbanda, de oração, de equilíbrio. Eu acredito que nós somos muito mais cobrados espiritualmente do que qualquer outra pessoa. Nós da Umbanda, os espíritas, o kardecista, todos que estão nesse meio, porque é só nós que conseguimos ver, falar com quem já foi desse mundo. (IRMÃ MAIS VELHA, 2022)

A Irmã Mais Nova, por sua vez, também trabalha como cambone:

Eu auxilio os irmãos e também aos Guias que estão lá. Então eu *sirvo* eles, bebida, charuto, eu acendo as velas que necessita, se precisa fazer algum atendimento de fora, que vai *vim* conhecer a casa, eu faço o atendimento. E todas as surpresas que aparecem na gira. (IRMÃ MAIS NOVA, 2022)

No começo, ela achou estranho desempenhar essa função, mas percebeu a similaridade com as tarefas que ela realizava quando fazia parte de um centro espírita. Na época, ela também ficava à disposição para ajudar no que precisasse para a sessão ocorrer. Hoje, ela ainda sente medo, “por não saber o que vai fazer e por eu estar conhecendo coisas novas, ainda dá essa sensação. Mas é bom no final da noite, porque a gente ajudou, de certa forma”.¹¹⁷

Através da relação com os irmãos de corrente, a Irmã Mais Nova passou a enxergá-los como uma família desconstruída, no sentido de ser diferente da família da sociedade. Isso se dá pois há um respeito intrínseco às relações estabelecidas no Terreiro.

No meu ver a gente é família, mas é desconstruída [...] de família de sociedade, então a gente tem momentos que discordamos como cidadãos e influencia na nossa relação, mas isso fora da casa, não dentro da casa, porque existe o respeito. [...] Fora e dentro, a gente sempre troca os conhecimentos, os pontos de vista, seja agressivamente ou não, e eu acredito que [...] a gente consegue ser [...] irmãos, o que a gente espera que irmãos de gira sejam [...], de discordar, mas respeitar, de auxiliar quando o outro *tá* chorando, mesmo que as palavras ditas não sejam entendidas na hora, mas são palavras de apoio, [...] de ajuda, mesmo que não expressam bem, e sempre que a gente precisa, alguém *tá* lá, [...] nunca vi que a gente precisou de ajuda e não fosse um irmão do nosso Terreiro que estivesse lá ajudando. (IRMÃ MAIS NOVA, 2022)

¹¹⁷ IRMÃ MAIS NOVA: depoimento [dez. 2022]. Entrevistadora: Fernanda de França Gatto. Bauru, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

Para ela, a diferença da família de Terreiro para a família da sociedade é que a primeira é aberta, abrange pessoas diversas. Além disso, o laço existente entre os membros da família de Terreiro é o objetivo de se transformar e evoluir juntos.

Eu acho que a família de sociedade [...] ainda não consegui desvincular que família é de amigos também, fora a necessidade de ser consanguíneos, ter registro e tudo mais. Acho que *com* elas vê uma relação muito fechada, família sou eu e três pessoas, meu marido e meu filho [...] Acho que a família de Terreiro é aberta, porque as pessoas são abertas, estão em transformação, em evolução, e outras pessoas surgem. Acho que na família se não tem relação de consanguíneo, de casamento, de registro, ela não tem mais membros, e a evolução é fechada, se um não evolui, a outra evolui sozinha, e na família de Terreiro não é assim, a gente está evoluindo juntos. (IRMÃ MAIS NOVA, 2022)

5.7 PLATAFORMAS

Dentre as plataformas existentes no Terreiro de Umbanda está a própria ritualística, chamada de gira. Para o Irmão Mais Velho, a gira é o principal momento da religião, onde tudo acontece e onde são compartilhados os ensinamentos.

As giras da Umbanda para mim são muito importantes. É o momento principal da religião. É o momento que a gente consegue concentrar a maior parte da nossa força, que é a luz. A gente consegue acender ela bem forte. Receber bastante e emanar para quem precisa também. É onde tudo acontece! [...] É onde a gente recebe os conselhos. É onde a gente recebe os ensinamentos. É onde a gente se trata espiritualmente, fisicamente. É onde a gente ora. É onde a gente doa o que a gente recebe. É o momento principal da nossa religião. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

Cada Terreiro possui a sua forma de realizar a gira, pois existe essa autonomia na Umbanda. Porém, o principal é todos estarem concentrados na intenção de fazer o bem e de se entregar naquele momento, livrando-se de pensamentos intrusivos e preocupações externas. No Terreiro Guardiões da Lei Divina, cada gira traz uma surpresa, pois nenhum trabalho é igual ao outro.

As giras, cada casa tem a sua maneira de cultuar, [...] Vou falar pelo nosso, o que a gente faz aqui. [...] A gente tem todo um procedimento aqui. Tem algumas preparações que a gente tem que fazer antes de começar. A gente tenta se concentrar ao máximo no trabalho, deixando as coisas de fora e de lado. A gente começa a fazer as nossas orações através dos cantos, dos pontos. E através dessas orações, a gente recebe a manifestação dos Espíritos de luz. Aqueles que seguem a lei de Deus se manifestam no Terreiro. *Daí*, então, acontece o que tem que acontecer! Se tivermos que ser

aconselhados, a gente vai ser aconselhado. Se tivermos enfermos, vamos ser tratados. Se precisar, manda energia, manda luz, manda força para quem precisa, para quem não está presente no trabalho, também é feito. Tudo depende muito do dia. Cada dia não é igual ao outro, sempre é diferente. Mas de uma maneira geral, a gente sempre sai um milhão de vezes melhor do que como entramos. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

Um aspecto singular do Terreiro Guardiões da Lei Divina é o fato de que todos os ensinamentos não compartilhados durante a gira pelos espíritos incorporados, evitando que haja interferências do médium ou de qualquer outro irmão.

O que tem de diferente no Terreiro é o jeito, toda a maneira que *é passado*, as orientações, a maneira de como a gente vive isso. É passado de uma forma espiritual, 100% espiritual. Aqui, o objetivo se propõe a não ter interferência nenhuma do dito médium. Porque, na maioria das vezes, o médium incorporado [...] deixa passar alguma coisa que não é 100% a entidade *nele* falando. Então, a grande diferença é essa. Todos os ensinamentos que nós ouvimos aqui, e que *é passado*, é a entidade diretamente falando. Então, a margem de não ter a verdade no que é dito, é quase que zero. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

Outros elementos fundamentais da gira são as cantigas ou pontos cantados. Cada cantiga transmite um ensinamento, uma história ou um valor, tornando essencial que cada sujeito preste atenção no que é cantado.

As cantigas é muito importante nas giras. A gente tem que prestar bem atenção nas palavras, além de prestar atenção, a gente tem que tentar cantá-las também. E a partir do momento que a gente faz isso, elas nos ensinam muita coisa, elas nos mostram muita coisa, como uma direção, como um ensinamento, como uma cura, como um acalento, elas fazem parte da gira do começo ao fim. Praticamente tudo que acontece está ligado às cantigas. Então, ela é muito importante no trabalho de Umbanda. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

Como o Irmão Mais Velho já realizou diversas funções na Umbanda, também faz parte da sua trajetória o trabalho na curimba, com os tambores e as cantigas. Nesse caminho, foi essencial para o aprendizado dele a convivência com as entidades, que explicaram o significado dos pontos e para o que cada um deles serve durante a gira.

A minha história com atabaque [...] se misturou com o meu trabalho todo na Umbanda. Porque como eu comecei bem do início [...] em um determinado Terreiro, teve que se aprender a fazer praticamente tudo [...], todas as funções, obrigações. [...] Como não havia muitas pessoas, eu fui aprendendo várias delas. [...] Eu tive a oportunidade de aprender também as cantigas. [...] Eu agradeço por ser privilegiado, porque eu tive bastante tempo junto de entidades e tive a oportunidade de escutar eles falarem as cantigas, de explicar [...] um sentido, de saber para que que é, para que que serve. Então,

quando eu estava numa casa que estava bem grande e tinha bastante pessoas que sabiam tocar, eu comecei a me envolver mais com a chamada curimba, com as pessoas que tocavam. [...] comecei não no atabaque, mas em outro instrumento para tentar pegar o ritmo, para ver se conseguia acompanhar os tambores. E aí fui acompanhando durante um tempo, até que as pessoas que faziam parte da curimba *foi* deixando o Terreiro. [...] A hora que eu me vi, eu estava praticamente sozinho lá. E eu não sou um ogã nato, um cara que sabe de trás para frente cantar, tocar. Mas eu aprendi o básico ali, para fazer. [...] E desde esse dia até hoje, eu sempre estou envolvido no tambor. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

O trabalho na curimba exige intensa dedicação e responsabilidade, algo que o Irmão Mais Velho percebeu desde o início. A pessoa dedicada ao tambor precisa prestar atenção a cada momento da gira e sentir as energias para identificar qual é a cantiga a ser entoada. Ademais, quando a curimba está funcionando bem, o trabalho de Umbanda torna-se mais leve e as energias fluem com mais facilidade.

O trabalho da pessoa que está atrás de um tambor é bem complicado, bem grande mesmo. Ela tem que estar bem concentrada no que está fazendo ali, porque é ela que vai movimentar a energia dentro da casa na hora que estiver acontecendo os trabalhos espirituais. [...] Dependendo do que estiver acontecendo na gira, o tambor é que chama, é que faz o trabalho acontecer, é o que manda embora. É ele que traz a entidade, na maioria das vezes, que precisa chegar na casa. Na verdade, a entidade chega até sem tambor, sem nada, mas [...] é uma facilidade. O trabalho de Umbanda com *os tambor*, com a curimba, ele acontece de uma forma mais fácil, uma forma mais dinâmica, uma forma mais forte. Fica bem mais leve o trabalho! Ele flui mais rápido. As energias vêm com mais força e ela movimenta bem forte no meio da casa, com os médiuns. Então o tambor é bem importante. Não que em determinado momento não aconteça o trabalho sem ele, acontece, mas com ele fica muito mais fácil. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

Uma das cantigas preferidas do Irmão Mais Velho é dedicada à Iemanjá, a Rainha do Mar.

Eu fui na beirada da praia, pra ver o balanço do mar

Eu fui na beirada da praia, pra ver o balanço do mar

Eu vi um retrato na areia, me lembrei da sereia, comecei a chamar

Eu vi um retrato na areia, me lembrei da sereia, comecei a chamar

Oh Janaína, vem, vê, Oh Janaína, vem cá, receber suas flores, que venho lhe ofertar

*Oh Janaína, vem, vê, Oh Janaína, vem cá, receber suas flores, que venho lhe ofertar*¹¹⁸

¹¹⁸ Autor desconhecido. Cantiga grafada conforme foi cantada pelo Irmão Mais Velho.

Para ele, o ponto é capaz de trazer leveza em momentos de dificuldade, fazendo-o se sentir bem.

Quando eu ouço ele, eu me sinto bem leve. Quando eu estou, vamos dizer assim, nos termos da Umbanda, eu estou meio pesado. Eu *escutando ele*, eu me sinto [...] mais leve! Eu *escutando ele*, [...] me sinto bem, me sinto leve, me sinto forte. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

Para a Irmão Mais Velha, a própria definição da Umbanda a estabelece como uma plataforma de mudança para o bem. Essa ligação é tão potente na sua experiência, que ela definiu a Umbanda como sinônimo da sua própria vida.

A Umbanda é a minha vida. É a minha força, a minha fé. A gente fala, muitos falam que têm fé em uma imagem, fé em alguma coisa. A Umbanda é a minha vida! Trouxe as mudanças, trouxe as respostas, me dá vida, me dá esperança. (IRMÃ MAIS VELHA, 2022)

Tratando-se da gira, a Irmã Mais Velha considera que não existe Umbanda sem a ritualística, seja para atender os convidados ou apenas os irmãos de corrente. Outro aspecto importante para ela é que a gira estabelece um momento de recarregar as energias e de ouvir boas palavras.

Eu não consigo ver a Umbanda sem a gira, porque [...] independente da casa estar aberta para praticar a boa ação aos irmãos que procuram ajuda, ela é importante também para os integrantes da casa, é um momento que a gente também se energiza, [...] a gente é fraco e precisa dessa energia, então a gira é importante para os dois aspectos, para os irmãos da casa e para a espiritualidade. *Vim* deixar a palavra dela, a gente precisa disso, nós estamos aqui em momentos de muitas provas, que mesmo com toda a orientação que a gente tem da Umbanda, a gente precisa ainda ouvir uma boa palavra. Então nesse momento da gira é que tudo acontece, as energias se recarregam, a gente dá as nossas [...] energias também, a gente recebe, é um processo de muito amor! (IRMÃ MAIS VELHA, 2022)

Já em relação aos pontos cantados, a Irmão Mais Velha os definem como orações. Outro aspecto mencionado é o fato de as cantigas cumprirem um importante papel para recarregar as energias das pessoas presentes, favorecendo a incorporação das entidades por parte dos médiuns.

Os pontos [...] são orações [...]. E depois, eles também carregam as nossas energias para cada ponto que é cantado a gente sente a energia da entidade que já está ali presente. Não significa que a gente canta o ponto e é por isso que ela vai vir. Mas [...] favorece bastante manter a energia, trazer novas energias, trazer alegria. (IRMÃ MAIS VELHA, 2022)

Uma das cantigas preferidas da Irmã Mais Velha é dedicada à Ogum, o Orixá das batalhas. Para ela, esse ponto significa “força, libertação e que eu nunca estou sozinha”.

Ele é o senhor das estradas,

Ogunhê!

Abra meus caminhos,

Ogunhê!

Ele é o senhor das porteiras,

Ogunhê!

Ele é meu pai,

*Ogum Xoroquê!*¹¹⁹

Para a Irmã Mais Nova, a Umbanda significa família vinda da fé, a partir da “confiança, laço e da relação”. Ela considera que esse grande laço familiar abrange os Guias, os Orixás, as energias da natureza e os irmãos de corrente. Enquanto plataforma de mudança, ela enxerga que a Umbanda é capaz de transformar a vida de outros brasileiros, sobretudo, por contar a história das diversas etnias que compõem o país.

Ela é parte da nossa cultura [...] igual faz mudanças na minha vida, faz de várias pessoas. Só por estar presente já é uma parte muito importante *pra* sociedade, porque ela enquadra a vida dos brasileiros. Mas também por contar a história de várias etnias que compõem os Brasis que existem, por ser também ponto de vista e ponto comportamental da sociedade, que vai me influenciar a ver a política, ver a sociedade em geral, os comportamentos da sociedade. Então é muito importante, igual a qualquer outra religião, mas acredito que essa é mais forte, porque tem ligação mais com a história da construção do Brasil, do que o cristianismo. (IRMÃ MAIS NOVA, 2022)

Já a gira é a forma de trabalho da Umbanda, realizada pelos irmãos da corrente, em que cada um cumpre sua função. Através da gira, os médiuns incorporam os Guias que, por sua vez, transmitem seus conhecimentos para quem estiver presente, irmãos da corrente e possíveis convidados. Dessa forma, estabelece-se um momento de evolução e aprendizado mútuo.

¹¹⁹ Cantiga grafada conforme foi cantada pela Irmã Mais Velha, porém a canção original é de autoria de Tião Casemiro.

É uma forma que a gente faz de trabalho. [...] É um trabalho que a gente realiza entre os irmãos na casa. Cada um tem uma função específica, determinada, às vezes não. E os médiuns trabalham na casa *pra* trazer conhecimento através dos Guias, dos Orixás, *pra* todas as pessoas que estão participando, seja nas giras ou convidados externos. [...] Durante a noite, vai tendo trocas de conhecimento, ajuda, as energias que a gente sente, positiva ou negativa, que a gente vai aprendendo. Muitas vezes também é conscientização, tempo *pra* gente pensar nas coisas que a gente [...] foi buscar, coisas que estamos em dúvidas, nas negatividades que estão trazendo *pra* gente, o que a gente tá fazendo. Então é uma ação coletiva do espiritual e do ser humano na Terra, *pra* que todos evoluam de uma certa forma. O espírito trocando informação, ajudando os encarnados, e os encarnados buscando ajuda e tendo uma consciência sobre si. (IRMÃ MAIS NOVA, 2022)

Na sua experiência, são múltiplos os sentimentos que surgem ao longo da gira, como alívio e medo. Como cada trabalho é único, às vezes a Irmã Mais Nova sente medo do inesperado. Porém, há também muitos sentimentos positivos de amor, gratidão e conforto.

Primeiro é de alívio, sempre [...] Porque a gente sempre vai com todas as energias da semana ou com o medo em si do que vai acontecer no dia, muitas vezes [...]. Porque a gente vai sem saber de nada, somos surpreendidos. [...] Então tem a surpresa também. Às vezes é amor também, por todas as trocas. Gratidão, muitas vezes, também, pelo que a gente ouve. [...] E conforto, por tudo isso. (IRMÃ MAIS NOVA, 2022)

Em relação aos pontos cantados, a Irmã Mais Nova os considera como uma forma de conexão com a fé. As cantigas fazem com que ela se conecte com cada palavra e receba em seu coração o que elas dizem.

Acho que primeiro *pra* me conectar com a fé. Com a energia, a natureza dos Orixás, dos irmãos também. Mas com a fé em si, de cantar e ter certeza do que eu tô cantando, que o Orixá vai me ajudar, que o Guia vai me ajudar, que vai estar presente. Ou que eu tenha aquela força, que eu posso ser justa, que eu posso levantar as coisas ruins, que eu posso ajudar as outras pessoas, que o tempo vai mudar! Então, acho que é de fé, assim. (IRMÃ MAIS NOVA, 2022)

Tem dias que a Irmã Mais Nova acorda com um ponto na cabeça. No dia da entrevista foi uma cantiga do Seu Tranca Ruas, comumente entoada no início das giras.

O Sino da igreja faz blém blém blom

O Sino da igreja faz blém blém blom

Deu meia-noite o galo já cantou

*Seu Tranca Ruas que é o dono da gira
Vai corre gira que Ogum mandou¹²⁰*

A Irmã Mais Nova compreende que esse ponto representa um recomeço, independentemente do momento do dia em que é cantado. Além de trazer um conforto para ela, lembrando-a de que não está sozinha.

Um pouco eu acho que porque a gente canta ali no ritual da gira de [...] início [...]. “Vamos começar de novo. E ele tá aí, o Seu Tranca Ruas tá aí, não fica preocupada. Ou tem alguém com você, tá bom? Você não tá acordando sozinha, só com os cachorros.” Eu acho que é isso. Mesmo se eu cantar ele à tarde, na hora do almoço, acho que ele significa isso: começar de novo, não estar sozinho. (IRMÃ MAIS NOVA, 2022)

Outra cantiga que ela gosta é dedicada à Oxóssi, o Orixá da caça:

*Ó senhor das matas, nesta sua paz eu vou me abrigar
Neste chão de igualdade vou sentir liberdade com o senhor vou caçar
Vou parar neste verde de Oxóssi, esperanças pra mim
Entre folhas caindo, pé no chão vou seguindo
Eu vou viver,
Acordar sob o sol no horizonte nascer
Me banhar nos seus rios liberto a correr
Folhas verdes no frio irão me guardar
Santa paz de Oxóssi vai me agasalhar¹²¹*

Na sua percepção, o ponto fala sobre a abrangência de Oxóssi, em termos de território e conhecimento. Para ela, a cantiga ensina sobre a forma como devemos conduzir o autocuidado.

É o Senhor das Matas. Fala sobre, de forma literal, todo o território que Oxóssi cuida e tem conhecimento. E também como que, na minha perspectiva, [...] ele influencia no cuidado com a gente. E como que a gente tem que se cuidar. Então, todas as formas que fala no ponto de correr livre, não é só que Oxóssi

¹²⁰ Autor desconhecido. Cantiga grafada conforme é cantada no Terreiro Guardiões da Lei Divina, locus da presente pesquisa. Para ouvir, acesse: https://drive.google.com/drive/folders/1SRPX-6I_hUX5jw5aMfnlISxBnkeBVXZe?usp=sharing.

¹²¹ Autor desconhecido. Cantiga grafada conforme é cantada no Terreiro Guardiões da Lei Divina, locus da presente pesquisa. Para ouvir, acesse: https://drive.google.com/drive/folders/1SRPX-6I_hUX5jw5aMfnlISxBnkeBVXZe?usp=sharing.

corre livre, é que eu também posso correr livre! Que as águas me banham. Não é que apenas com a permissão dele as águas me banham, mas que eu tenho as águas para me banhar! Que as folhas vão me proteger do frio. É que tem alguém do meu lado, Oxóssi ou não, me protegendo do frio! (IRMÃO MAIS NOVA, 2022)

5.8 PROTOCOLOS

Nota-se que a Umbanda abrange protocolos que envolvem uma forma de enxergar e interagir com o mundo. Esse aspecto pode ser observado na definição da Umbanda trazida pelo Irmão Mais Velho: “a Umbanda eu sempre tento definir [...] como caridade, como amor, ensinamento, aprendizagem, fraternidade. Eu sempre tento assimilar *e/la* com essas coisas boas. E no meu ponto de vista é o que ela é *pra mim*”.¹²²

A experiência de ter recebido ajuda em um momento de dificuldade foi tão marcante, que ele busca replicar isso para outras pessoas no dia de hoje. A ajuda recebida abrangeu a espiritualidade, a amizade e o acolhimento.

De todas as formas, ajuda espiritual, amizade [...] de uma pessoa querendo ajudar a outra. Fui muito bem acolhido. E o que eu recebi eu tento, *todo* os ensinamento, tudo que eu vi até hoje de aprendizado na Umbanda, eu tento passar *pra* frente. Tento ajudar as pessoas também. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

Por ter essa visão de fazer o bem, há o hábito de receber de braços abertos os visitantes do Terreiro. Dessa forma, a responsabilidade dos irmãos da corrente é de sempre acolher, explicar e ensinar o que é a Umbanda para quem é novo naquele ambiente.

Às pessoas que já estão na casa, o principal trabalho que deve-se ter em relação às outras é sempre tentar explicar, mostrar e, em alguns momentos, ensinar o que é que se é feito na religião, como é que se procede, o que se tem que fazer. [...] A gente tem que prestar muita atenção, a gente tem que estar sempre focado no trabalho! Porque a gente está trabalhando com o oculto, muitas vezes a gente não vê materialmente o que se passa, então a gente tem que estar muito atento. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

¹²² IRMÃO MAIS VELHO: depoimento [nov. 2022]. Entrevistadora: Fernanda de França Gatto. Bauru, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

Outro aspecto trazido pelo Irmão Mais Velho é a necessidade de exercitar a humildade no Terreiro de Umbanda. Ele a considera como um valor fundamental para quem quer fazer parte da corrente.

Eu acho que a principal coisa [...] é a pessoa ter humildade. Porque por mais conhecimento que ela tenha, ou por mais sábia que ela seja, ela sempre vai estar aprendendo alguma coisa e, muitas vezes, com alguém que não *tenha* todo o conhecimento que ela tem. Então, se a pessoa não tiver humildade de chegar em qualquer casa de Umbanda e escutar, independente de ela concordar ou não, ela respeitar, ela não precisa vir em uma casa de Umbanda. Vai estar perdendo tempo. Porque eu acredito [...] que se eu não tivesse humildade, eu já teria parado muito tempo. (IRMÃO MAIS VELHO, 2022)

No caso da Irmã Mais Velha, os protocolos envolvem também os procedimentos realizados no Terreiro no dia da gira. Ela acompanha todas as etapas de perto justamente por morar no imóvel onde fica o Terreiro Guardiões da Lei Divina.

Nós temos reuniões uma vez por semana, então no dia da reunião [...] tem todo um ritual, vou usar esse termo. De manhã cedo, o *Irmão Mais Velho* já faz, ele acende as velas nos pontos de equilíbrio da casa, e diariamente a gente tem o hábito de [...] no período da manhã fazer as nossas orações, então a gente vem até o Terreiro e ora. (IRMÃ MAIS VELHA, 2022)

Outro aspecto levantado por ela é o fato de que para praticar a Umbanda é necessário realizar a caridade. Nesse aspecto, a caridade engloba uma série de hábitos condizentes com a rotina do umbandista.

Eu acho que a primeira caridade do ser humano é não desejar o mal para ninguém, porque quando você não deseja o mal, você não emana más energias, nem para você e muito menos para os outros. Então você já está praticando a caridade, o que hoje nesse mundo terreno é muito difícil. A caridade também é ter uma boa palavra [...], é dar um abraço, é um gesto de carinho, é qualquer coisa que você faça para outra pessoa, que não precisa ser material, como todo mundo acha, e que possa transformar. (IRMÃ MAIS VELHA, 2022)

Porém, ela ressalta que discorda do abundante uso do termo “caridade”, pois acredita que o significado foi deturpado por outras religiões e reduzido à doação.

Ficou muito rotulado para outras religiões [...] que a caridade é a doação [...]. E um exemplo que a gente vê muito é dar cesta básica para o Natal [...], mas a pessoa sente fome de janeiro a janeiro, não é no Natal que ela vai ter a fome, aí não é dar a cesta que vai resolver o problema. [...] O que você pode fazer por essas famílias? E sem olhar a quem? [...] Eu não vou ajudar ele porque ele é um alcoólatra não quer saber de trabalhar, é o que a gente mais ouve. Então a caridade realmente é isso, para mim eu não usaria essa

palavra, mas infelizmente é expressado dessa forma na sociedade. (IRMÃ MAIS VELHA, 2022)

A definição ideal para ela seria a expressão “amor ao próximo”. Nas palavras dela: “eu acho que é bem abrangente, porque o amor tem vários significados, várias formas, várias formas de sentir, de expressar, de fazer, de agir, então acho que seria isso”.¹²³

Além disso, ela considera essencial que o trabalho na Umbanda seja encarado com responsabilidade pelos sujeitos praticantes. Para ela, trata-se de um compromisso para a vida toda, embora esteja conectado ao livre arbítrio de cada um.

Quando você assume um compromisso desse, é *pra* vida toda, você não consegue mais deixar esse compromisso. Eu posso comparar isso com ter filhos. A gente tem pais que têm os compromissos com os filhos eternamente e a gente tem pais que, no decorrer do tempo, nem lembram mais que têm filhos, ou pela escolha dos filhos ou pela escolha dos pais. Mas na Umbanda não acontece desse jeito [...]. Você muda de cidade, você muda de religião, você não é mais da Umbanda. Você sempre vai ter isso com você. Todos os seus Orixás estarão com você. Quer você queira, quer você não queira! Mesmo que você não queira, porque ninguém é obrigado a nada, mas esse compromisso não é só daqui, você assumiu esse compromisso bem antes de vir nesse plano terreno. E eles estarão lá, a não ser que a gente desvie através do nosso livre-arbítrio e caminhe para o caminho do mal. Mas as consequências são muito piores do que com uma pessoa católica, por exemplo. (IRMÃ MAIS VELHA, 2022)

Segundo a Irmã Mais Nova, os protocolos da Umbanda envolvem um olhar de solidariedade e empatia em relação às outras pessoas. Nesse aspecto, a tradição tem o potencial de influenciar a visão política daqueles que fazem parte.

Às vezes, quando a pessoa é muito restrita a um pensamento político, ela não vê o contexto social, ela pensa só no seu círculo. E, às vezes, na política, você não tem que pensar só no seu círculo, você tem que pensar em toda a sociedade que você vai votar, no Brasil inteiro, por exemplo. E a Umbanda traz um pouco disso. Eu não vou pensar só em mim, eu vou pensar no meu colega, eu vou pensar no irmão do meu colega, eu vou pensar na sua família que ficou no Nordeste [...], que meu colega não tem acesso à saúde, mas eu tenho, porque eu ganho mais, vai influenciar em tudo. É um pouco o que mudou também a minha visão e das pessoas que eu conheço. (IRMÃ MAIS NOVA, 2022)

Ademais, ela destaca que a Umbanda é feita através de ações, consistindo-se em uma tradição prática. Para além do estudo formal e da leitura, comuns ao

¹²³ IRMÃ MAIS VELHA: depoimento [nov. 2022]. Entrevistadora: Fernanda de França Gatto. Bauru, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

Espiritismo, aprende-se a praticar a Umbanda a partir do agir no mundo, voltado para a caridade e a evolução.

Eu aprendi nesses anos que a Umbanda também é exercício [...] não é só ler, você tem que praticar. Então, agir é muito fundamental *pra* gente entender essa essência do que é a Umbanda, do que é a família, a caridade e também *pra* evolução. Se eu não *tô* ali agindo e tendo essa troca de energia, de conhecimento, eu não *tô* fazendo a evolução que se prega mesmo, não *tô me* evoluindo como ser, não *tô* ajudando outras pessoas a evoluir. (IRMÃ MAIS NOVA, 2022)

Nesse caso, a evolução seria um ciclo que abrange diversas encarnações, ou vidas, propiciando o aprendizado necessário para cada espírito.

Eu vejo a evolução agora [...] é um pouco dinâmica [...] A gente encarna na Terra *pra* aprender, passar sobre provas, e *pra* nos exercitar como seres e aprender com nossos erros e com os dos outros. E *aí* quando [...] a gente desencarna, nós aprendemos de novo no plano espiritual. A gente tem uma visão geral do que a gente fez, do que não fizemos e era *pra* fazer, por exemplo. E encontramos ou não todas as pessoas que a gente teve contato. E também a gente pode sofrer pelas coisas que a gente fez, em alguns momentos. E *aí* depois de um certo tempo que a gente teve realmente [...] aquele acalmo espiritual [...], consciência de tudo, a gente tem a oportunidade de novo de passar por um processo de recuperar o conhecimento que a gente não adquiriu na vida passada. Então é dada essa oportunidade de evoluir, de aprender de novo, de conhecer, ter novas experiências, conhecer novas energias, novas pessoas, criar laços [...]. A gente vai vivendo isso *pra* sempre aprender coisas novas, [...] na essência da palavra evoluir mesmo. Em todos os lados, negativos e positivos. (IRMÃ MAIS NOVA, 2022)

Em relação ao resultado do processo de evolução, a Irmã Mais Nova acredita que conforme evoluímos, ocupamos novas funções no ciclo cósmico. Dessa forma, um dia possivelmente teremos responsabilidades semelhantes às dos Guias, de ensinar aos menos experientes *a arte de viver*.

Eu acho que não tem resultado, por ser realmente um ciclo dinâmico. Porque tem pessoas que acham que a luz superior é Jesus e a gente vai se sentar do lado de Deus, não fala isso? Eu acho que isso não existe, eu acho que no momento que a gente tem um conhecimento a mais que o outro, a gente vai fazer igual na gira, a gente vai lá trabalhar! [...] Alguém que tem mais conhecimento que a gente espiritualmente vai nos ajudar e passar esse conhecimento. Então eu acho que é sempre assim. Até porque o mundo muda, a humanidade muda, os outros planetas, os outros seres que vivem nos outros planetas mudam, o conhecimento sempre vai surgindo de novo. Então sempre tem coisa *pra* aprender. (IRMÃ MAIS NOVA, 2022)

Já no ambiente da gira em si, ela acredita que a principal responsabilidade de quem já está na Umbanda há mais tempo, quando há convidados, é manter a postura de respeito.

Eu acho que de respeito, primeiro, *pra* você não julgar as ações do outro, o que o outro foi buscar, as ações que vão ser feitas ali dentro. [...] O respeito vai girar em tudo, todas as decisões que vão ser tomadas, as palavras que vão ser ditas ou não ditas. É muito de respeito. (IRMÃ MAIS NOVA, 2022)

Além disso, é fundamental receber as pessoas de braços abertos, explicar como o Terreiro funciona e deixar a pessoa confortável para participar da gira.

A gente sempre recebe de braços abertos, a gente tenta explicar como é o funcionamento da casa. [...] Acho que a gente consegue fazer isso bem, deixar a pessoa confortável, até pela casa ser simples, não ter nenhum luxo, nenhuma obrigatoriedade da pessoa fazer tal coisa, não fazer tal coisa, só mais seguir o que a gente já faz no momento da parte ritualística. E *aí* dentro da gira em si tudo muda, como a gente não sabe o que realmente vai acontecer, não tem muito o que Guiar *e/les* naquela hora, mas acredito que o objetivo é realmente a pessoa ficar à vontade, igual a gente já fica *pra* que ela possa absorver tudo que tem que absorver. (IRMÃ MAIS NOVA, 2022)

A partir da organização dos dados das entrevistas em processos, pessoas, plataformas e protocolos, foi possível mergulhar pelos aspectos que constituem o Terreiro Guardiões da Lei Divina e os sujeitos envolvidos. Na medida em que a pesquisadora é também sujeito de pesquisa, optou-se por acrescentar, no presente capítulo, algumas observações realizadas ao longo da etnografia, sob a perspectiva subjetiva e pessoal da pesquisadora, como em um diário de bordo.

5.9 DIÁRIO DE BORDO DA PESQUISADORA

Quando iniciei a minha jornada como pesquisadora, tinha a inquietude de querer compreender a origem do preconceito sofrido pelas tradições afrobrasileiras e seus praticantes. Na época, em 2019, eu mesma já havia colecionado alguns momentos em que tive minha religião, a Umbanda, questionada e acusada de “fazer o mal”, “levar a pessoa para um caminho ruim” e “machucar animais”. Teve também um conselho, vindo de uma pessoa que me ouviu dizer que estava frequentando um Terreiro: “fica esperta, se ver qualquer coisa estranha, corre!”

Antes de me tornar umbandista, eu não tinha um pensamento formado sobre a prática, mas já havia ouvido algumas histórias. Uma pessoa da minha família uma vez encontrou uma “macumba” escondida na cozinha, colocada por uma pessoa de confiança que frequentava a casa. Já uma conhecida estava “causando problemas familiares” porque mal tinha se recuperado de uma cirurgia para colocar um marca-

passo e já estava bebendo e fumando no Terreiro. De tempos em tempos, a rua da minha casa ficava cheia de pessoas vestidas de branco, causando burburinho na vizinhança e na minha casa.

Todas essas histórias estavam associadas, explícita ou implicitamente, à ideia de que as tradições de origem africana possam fazer algum mal. Porém, quando de fato conheci um Terreiro de Umbanda, o cenário era completamente diferente. Encontrei um local de acolhimento e coletividade, com seres espirituais que eu não fazia ideia de que poderiam se manifestar. A primeira entidade que conheci foi a Preta Velha Vovó Maria Redonda e vou lembrar para sempre da forma singela como ela me tratou. De fato, não compreendi o que causava as ideias tão divergentes do que eu havia presenciado.

Voltando à minha trajetória como pesquisadora, o primeiro conceito que estudei sobre o tema foi o de intolerância religiosa. Naquele momento, parecia suficiente compreender as ideias preconceituosas como uma intolerância. Em outras palavras, falta de tolerância em relação à crença de outrem. Essa concepção foi importante para que eu construísse o “Balé de Folhas: Terreiro de Exu Canta para Yemanjá”, álbum de pontos dedicado à Iemanjá, divulgado no YouTube como forma de contribuir para o combate à intolerância religiosa. Porém, a ideia de pesquisar é agregar mais ideias sobre o tema, vivenciando rupturas epistemológicas.

Acredito que a ruptura mais importante que tive enquanto mestrandista foi a compreensão sobre o significado de racismo religioso. A partir desse momento, pude enxergar a insuficiência da expressão “intolerância religiosa” para o entendimento sobre a discriminação sofrida pelas tradições afrobrasileiras. Para além disso, através dos dados levantados, que resultaram em artigos científicos¹²⁴, pude ver a violência concreta sofrida por esses espaços e sujeitos: agressões, depredação de Terreiros, ameaças e intimidação. Todos esses fenômenos são resultado do pensamento supremacista branco em voga na sociedade brasileira.

Tratam-se, portanto, de nuances do racismo religioso, que age através da desumanização de sujeitos e de suas crenças, devido à matriz africana. Condena-se assim, a negritude em sua origem e ancestralidade, repleta de símbolos, histórias e Orixás.

¹²⁴ Como o artigo “As Tradições Afrobrasileiras e o Combate à Desumanização”, publicado pela Extraprensa da USP, e “Esfera Pública do Ódio: o Discurso da Extrema Direita e a Negação da Cidadania”, publicado nos Anais da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã.

Cobertos pelo preconceito, processos histórico-culturais da sociedade brasileira são apagados, como a importância das tradições afrobrasileiras para a resistência da população negra. Tamanha atrocidade recebe a justificativa de que é porque as tradições fazem o mal. Logo, devem ser apagadas e exterminadas, assim como os seus praticantes, independentemente da cor.

Um aspecto considerável sobre o racismo religioso é o fato de que, por atacar a ancestralidade africana, todos os praticantes estão sujeitos a serem vítimas. Em outras palavras, para sofrer racismo religioso não é prerrogativa que o sujeito seja negro. É como se o que saltasse primeiro à mente do agressor fosse as vestimentas brancas, as guias, o espaço em que a pessoa está e quaisquer artefatos e símbolos que possam sinalizar que se trata de um praticante das tradições afrobrasileiras. Dessa forma, o racismo religioso age desumanizando sujeitos devido a sua crença e modo de viver.

No entanto, é necessário considerar que, justamente por se tratar de uma expressão violenta do racismo, as pessoas negras estão imensamente mais expostas. Uma querida conhecida, por exemplo, mulher cis e preta, me contou que frequentemente as pessoas acham que ela é candomblecista. Ela disse que, embora não seja do Candomblé, respeita e não se incomoda com a confusão. Porém, devido ao estigma das tradições afrobrasileiras, é possível perceber que muito provavelmente essa confusão venha carregada de preconceitos, atingindo uma pessoa que já é exposta aos diversos estereótipos racistas.

A minha busca por compreender o racismo religioso levou-me a mergulhar mais profundamente na prática da Umbanda, através de um percurso etnográfico. Nesse sentido, pude desafiar concepções pré-estabelecidas acerca do Terreiro Guardiões da Lei Divina e das pessoas que já faziam parte da minha realidade. Poder ouvi-las e construir este trabalho foi especialmente importante para mim, pois ressalta o fato de que somos todos mestres e aprendizes.

Espero que este estudo contribua não apenas para o entendimento acerca do racismo religioso, mas também para exaltar a inteligência afrobrasileira, marcada por estripulias e sabedorias autênticas. É um convite para a construção de uma ciência afrobrasileira, capaz de valorizar as tradições, os Terreiros e a história dos nossos ancestrais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfrentar o racismo religioso significa buscar compreender a perversidade das suas dimensões na sociedade. Por trás da demonização das tradições de origem africana e a imposição do cristianismo, está a ordem colonial que persiste até os dias de hoje, hierarquizando povos, etnias e saberes. Há a expectativa de que ao apagar, perseguir e hostilizar a cultura afrobrasileira e suas manifestações, ocorra o completo embranquecimento da sociedade, de forma simbólica e concreta. Porém, é necessário afirmar que o resultado disso é a violência contra pessoas, sujeitos, seres sociais cuja humanidade é negada devido a sua crença e cultura.

Por sua vez, o preconceito contra a origem negra das tradições afrobrasileiras revela as heranças da escravização no imaginário popular. Dentre elas, a concepção de que o africano e sua cultura são inferiores aos ideais da branquitude; as associações que conectam ser negro a algo ruim, em oposição ao branco “bom”. De maneira simples, são esses pensamentos que levam a sociedade a querer acabar, explícita ou implicitamente, com os resquícios da cultura negra evidentes nas tradições afrobrasileiras e defendidos pelos sujeitos praticantes. Faz-se necessário confrontar os valores coloniais que ainda reverberam nos dias de hoje.

Nesse aspecto, o capítulo dois teve o desafio de discutir a demonização das tradições, exemplificada através de Èṣù, como base para o racismo religioso. O ponto de partida foi a forma como o racismo religioso foi trazido para a esfera pública através do fundamentalismo religioso e do cristofascismo, incentivados pelo “bolsonarismo”. A denúncia envolveu a demonização como forma de deslegitimar oponentes políticos a partir da publicação feita pela ex-primeira-dama referindo-se ao atual Presidente Lula.

Em seguida, fez-se um passeio ao longo da história para observar as consequências da brutalidade do colonialismo na vida de um sujeito africano, batizado como Samuel Crowther. A desumanização, da qual foi vítima através da conversão ao cristianismo e a absorção da língua inglesa, resultou na tradução de Èṣù para “*Devil*” (Diabo) em seu dicionário Iorubá-Inglês. Tal equívoco revelou a separação de um sujeito negro de sua origem e cultura, trazendo diversas consequências e desentendimentos sobre a cosmovisão africana. Assim, foi possível perceber a importância da comunicação e da linguagem como ferramentas de dominação.

Ainda sobre as influências do imaginário europeu, discutiu-se outro fator que contribuiu para a demonização de Èṣù: o falo. Mais especificamente, a visão da branquitude sobre um Orixá negro, mensageiro e fertilizador do universo, que carrega o seu Ògô. Explicitou-se o incômodo causado por uma cultura que lida com a corporeidade de maneira completamente diferente da europeia e a implícita objetificação do homem africano. A associação de Èṣù ao Diabo, devido ao caráter fálico, serviu também como substrato para a construção de estereótipos violentos sobre a masculinidade negra.

Em seguida, observou-se a constituição da entidade Exu, presente na Umbanda e na Quimbanda, como consequência de um momento histórico de migração de pessoas e do poder político e econômico do campo para a cidade. Através dos pontos cantados, explorou-se algumas facetas da entidade, como características, valores e territórios. Foi possível notar as semelhanças com Orixá Èṣù e as transformações dos seus significados a partir da constituição de uma cultura propriamente afrobrasileira.

As reflexões sobre a imagética de Exu, a partir da observação do trabalho de campo, apontaram para um território de apropriação do erro, da associação de Èṣù com o Diabo. Na constituição de Exu, entidade afrobrasileira, deu-se a manipulação da confusão, resultando em representações, de fato, muito semelhantes ao imaginário do Diabo europeu. Chifres, capas, cartolas, cascos, todos esses elementos se misturaram para compor as imagens de Exu.

Tal aspecto permite reflexões diversas, na medida em que pode ser interpretado como um caso de sucesso da política de embranquecimento. Outra possibilidade é vê-lo como uma estratégia de proteção contra curiosos e preconceituosos que têm medo do Diabo. Porém, houve a tentativa de interpretar esse fenômeno sob a lente das tecnologias de resistência, possibilitando um olhar de transgressão.

Nesse sentido, é possível notar que ao absorver a figura do Diabo, Exu transmite a sua mensagem de que tudo está em constante movimento e transformação no universo. Os mesmos símbolos utilizados para construir estereótipos negativos sobre a negritude, podem ser transformados em símbolos de resistência. Até mesmo aquele considerado incapaz de transmitir conhecimento, pode revelar-se como um grande sábio. O mais interessante é que toda sabedoria de transgressão surgiu justamente de grupos considerados dissidentes que precisaram

dar o seu próprio jeito de resistir a um cenário de marginalização, perseguição e desintegração social.

Esses aspectos revelam o potencial que as tradições afrobrasileiras têm de aprimorar o entendimento sobre o país, do ponto de vista histórico e social. Justamente porque elas reúnem “o outro lado da história”, aqueles que foram deixados à margem, mas continuaram trabalhando, resistindo e transformando a cultura e a sociedade brasileira.

No capítulo três, mergulhou-se no percurso histórico da mãe preta, enquanto sujeito e estereótipo. Em relação ao primeiro, observou-se a trajetória brutal da mulher negra escravizada e a construção do papel da mucama, a ama de leite. Através do trabalho de babá e o aleitamento, a mulher negra escravizada assumiu o papel de mãe das crianças brancas, no lugar da mulher branca. Essa proximidade entre a mucama e a criança branca possibilitou que valores negros fossem transmitidos para o imaginário infantil.

Trata-se de uma narrativa que explica simbolicamente e historicamente a constituição de uma cultura propriamente afrobrasileira, sintetizada no pretuguês, compreendido como a fusão entre o português e as influências dos idiomas africanos trazidos para o Brasil. O resultado são marcas linguísticas, na fala, como a troca da letra “l” pelo “r” e a ocultação do “r” nos infinitivos verbais. Porém, as marcas do pretuguês vão para além de alterações morfológicas e perpassam o plano dos significados. Isso porque as influências africanas trazem em si uma relação completamente diferente com a palavra, derivada da tradição oral.

Para compreender a oralidade africana é importante notar que a cosmovisão considera a existência do axé, a força vital. Como todos os seres são dotados de axé, torna-se responsabilidade de cada indivíduo cuidar do seu próprio, levando em consideração que existem ações, sentimentos e circunstâncias que podem somar ou reduzir sua força vital. Esse cuidado aplica-se ao uso das palavras, na medida em que a fala transmite o axé do sujeito. Isso ocorre por diversos motivos, dentre eles o fluxo de ar, inspiração e expiração, que perpassa a fala, e a reverberação dos sons. Este aspecto é de fato interessante na medida em que o iorubá, exemplo de idioma africano que deixou fortes resquícios no Brasil, é uma língua tonal. Em outras palavras, o significado das palavras está atrelado aos sons graves, médios e agudos.

Pois bem, a ligação entre o axé e a palavra, presente na cosmovisão africana, implica a construção de uma outra relação com a fala e os registros factuais, baseados

na responsabilidade. Isso significa que existem espécies de boas práticas para o uso da palavra, como evitar a mentira, a tagarelice, a fofoca e palavras maldições. As restrições, em algumas regiões, podem ser ainda maiores para aqueles que exercem papéis importantes na tradição para a preservação da história local e para a transmissão de saberes, como os anciões. Não à toa se diz que “na África quando um velho morre, é uma biblioteca que queima”.

Esses aspectos são compreensíveis, pois as comunidades africanas, por terem se desenvolvido por muito tempo à base da oralidade, necessitavam que as pessoas tivessem um cuidado com a palavra. Era importante manter uma boa relação entre a palavra e a memória, de modo a preservar os conhecimentos e os valores ancestrais.

Tal cenário replicou-se nos países de diáspora, como o Brasil. A brutalidade da escravização agiu de modo a desagregar grupos étnicos e a desumanizar os negros africanos para que não sobrasse mais nada além do comportamento de serventia. Porém, à base de muita resistência, observa-se, atualmente, os resquícios da africanidade, sobretudo nas tradições afrobrasileiras.

No contexto da escravização, de intensa desumanização, talvez a maior ferramenta tenha sido a mobilização das palavras. Pois apesar de tudo, nossos ancestrais deixaram sua herança através das cantigas, dos idiomas africanos, das intervenções no português e dos Orixás. Tudo que existe hoje e que simboliza a herança africana no Brasil decorreu da oralidade e da capacidade de comunicação dos antepassados. Porém, a responsável por circular essa gama cultural, promovendo o intercâmbio necessário para a criação de uma nova cultura, a afrobrasileira, foi a mãe preta.

Houve a tentativa, por parte da branquitude, de apagar a importância da mulher negra para a concepção histórico-cultural da afrobrasilidade, fundamental para a resistência da população negra no país, através dos estereótipos. Dessa forma, o papel da mucama foi transformado nas figuras da mãe preta, da *Mammy*, da *Aunt Jemima*: a senhora negra, mal vestida e submissa à família branca. A questão do estereótipo é a sua intenção de promover uma imagem pejorativa e totalizadora de mulheridade negra que se aproxima dos interesses da branquitude e se afasta da realidade concreta.

Como sujeito histórico, a mãe preta foi a grande criadora do português e tudo que ele representa: o encontro entre a oralidade africana e o português; a preservação de um Brasil de influências africanas; a possibilidade circulatória da negritude.

Assim como houve, nas tradições afrobrasileiras, a apropriação da demonização para a composição da figura de Exu, ocorreu a apropriação do estereótipo da mãe preta para a construção de uma imagem que ressignificasse esse processo histórico: a Preta Velha. Tal entidade é a anciã preta e sábia, responsável por transmitir valores como a humildade e o perdão. Quando incorpora no Terreiro, a Preta Velha por vezes chora, relembrando a história, e utiliza expressões próprias para se expressar, como “zifio”. Pode-se dizer que, na Umbanda, a Preta Velha possui um papel central na transmissão de conhecimentos e no acolhimento daqueles que precisam.

Na Umbanda, existem entidades que representam diversas figuras importantes para a constituição da nação, como os Caboclos, os Boiadeiros, os Baianos e os Exus. Porém, assim como a mãe preta histórica, a Preta Velha é aquela que mais se aproxima dos ancestrais africanos, sendo a ponte entre o Brasil e a África. Ela é aquela que carrega as memórias da escravização, permitindo a ressignificação desse momento de dor em aprendizado para o tempo presente. Devido a tudo o que representa, a Preta Velha pode ser vista como o centro da oralidade e do pretuguês no Terreiro.

O pretuguês, enquanto monumento linguístico, ético e histórico, é uma linguagem comum no Terreiro. Isso ocorre, pois o espaço do sagrado afro-brasileiro é caracterizado por um ambiente de segurança e coletividade, sobretudo, para as pessoas negras, pobres e consideradas dissidentes. Além disso, o sagrado se manifesta através dos seus maneirismos linguísticos, muito influenciados pelas heranças africanas, a exemplo da fala da Preta Velha.

Nesse contexto, o Terreiro se tornou um berço para a nutrição da oralidade, sendo ela a mediadora dos saberes, conhecimentos e conexões. No Terreiro, a palavra circula em todos os momentos, sendo falada, cantada ou até mesmo através do silêncio, com a simples respiração.

Nesse sentido, o capítulo quatro buscou construir um diálogo com três interlocutores do Terreiro de Umbanda Guardiões da Lei Divina, situado em Bauru - SP, denominados aqui como Irmão Mais Velho, Irmã Mais Velha e Irmã Mais Nova. Através dessa experiência, tentou-se valorizar a oralidade característica do Terreiro e estabelecer um espaço de escuta ativa, baseada na afinidade entre os sujeitos de pesquisa e a pesquisadora, uma vez que é também frequentadora do local.

Algumas características singulares foram importantes para a escolha desse Terreiro para a realização da etnografia. Trata-se de um Terreiro que, desde o seu início, foi pautado por uma espécie de gestão coletiva. Ao contrário do comum, o espaço não possui um Pai ou uma Mãe de Santo, sendo estabelecidas relações horizontais entre os membros da corrente, sem deixar de lado o respeito pela senioridade.

Apesar de não ter propriamente a função de Pai de Santo, o Irmão Mais Velho é uma figura de grande importância e respeito por estar na Umbanda há mais tempo e por ser o proprietário da residência que abriga o Terreiro. Outra figura de referência é o médium que incorpora o Seu Tranca Ruas, pois ele possui experiência na tradição e por possibilitar, através do seu trabalho, que Exu se manifeste para as pessoas presentes.

Porém, todas as pessoas ali são respeitadas pelas suas vivências, como a Irmã Mais Velha que, apesar de ter menos tempo de Umbanda, tem muitos anos de experiência com o Espiritismo kardecista. Assim como a Irmã Mais Nova, que é jovem, mas cresceu como espírita e se tornou umbandista há alguns anos.

Outros aspectos em relação à escolha do Terreiro envolvem o fato de que todos os participantes se reúnem com o propósito de fazer as suas orações e sonhar juntos. Sonhar no sentido de que todos ali são convidados a compartilharem seus sentimentos e anseios uns com os outros no momento da gira. Além disso, todo aprendizado da gira é mediado, principalmente, pelo Seu Tranca Ruas incorporado. É ele quem decide qual será o assunto da conversa, quais sentimentos serão trabalhados e quem precisa de mais cuidado em determinado dia. Em diversos momentos, ele já disse que através do seu trabalho está “construindo os alicerces da Casa”.

O roteiro, utilizado nas entrevistas, foi semiaberto, para possibilitar que novas perguntas surgissem de acordo com as falas dos entrevistados. Quando sua entrevista terminou, a Irmã Mais Nova disse que ficou surpresa porque esperava encontrar perguntas complexas com respostas simples, mas encontrou perguntas simples com respostas complexas. A intenção, de fato, foi conduzir a conversa de uma forma acessível para os participantes. Um dos aspectos que facilitou essa característica foi o fato de que todos já estavam familiarizados com a pesquisadora e por partilharem de um universo em comum.

As categorias de análise – processos, pessoas, plataformas e protocolos – foram fundamentais para a organização das falas dos participantes. A partir disso, surgiu o desafio de tecer uma teia de sentido que perpassasse pelas experiências e pensamentos dos três sujeitos, acrescentando substância aos debates propostos pela reflexão teórica.

Um aspecto interessante observado nos entrevistados é que todos eles fazem parte de um núcleo familiar reconstituído através da Umbanda. A Irmã Mais Velha é mãe da Irmã Mais Nova e esposa do Irmão Mais Velho. Já o Irmão Mais Velho é padrasto da Irmã Mais Nova. Nota-se que a tradição tem um papel fundamental na constituição dessa família, na medida em que aproximou todos e os permitiu partilhar de uma cosmovisão em comum. Para além das posições familiares de cada um, no Terreiro, são todos irmãos de corrente.

Outra questão observada é que todos eles chegaram à Umbanda ou ao Terreiro Guardiões da Lei Divina em um momento de sofrimento e receberam o acolhimento de que precisavam. Além disso, todos narraram como a Umbanda mudou as suas vidas em diversos aspectos, na forma de ver o mundo, de lidar com as pessoas e de encarar a vida. Isso mostra o papel social que essa tradição tem em oferecer ajuda para as pessoas e expandir suas formas de compreensão sobre a realidade.

A partir das mudanças individuais, os entrevistados decidiram permanecer na Umbanda e constituir uma coletividade pela vontade de retribuir o bem recebido. Nesse sentido, cada um possui funções dentro do sagrado, mas a base é o ato de servir, seja às entidades, aos Orixás ou a quem chega precisando de ajuda. Trata-se de um ambiente que se mantém aberto para que novas pessoas cheguem e sejam acolhidas.

A conexão, apontada pelos entrevistados em relação as outras pessoas da corrente, é familiar. Para eles, os outros integrantes são irmãos, no sentido de serem confiáveis e de existir o respeito intrínseco às relações. Ademais, como em qualquer família, há desavenças e contradições, porém, permanece o sentimento de que todos querem o bem um do outro e estarão à disposição caso alguém necessite. Nesse aspecto, nota-se, em prática, a ética da Umbanda do amor ao próximo e do respeito.

Como umbandistas, todos reconhecem a importância das giras, por ser um momento de conexão, concentração e compartilhamento de saberes, além de possibilitar fazer o bem para outras pessoas. No diálogo estabelecido, cada um pôde refletir sobre os seus pontos cantados favoritos e sobre os significados deles. No geral,

todos demonstraram estabelecer relações com as cantigas que os fazem se sentir bem, encarar as adversidades e encontrar a paz interior. Esse aspecto demonstra o potencial de ensinamento e compartilhamento de saberes que as cantigas da Umbanda possuem e como elas estão inseridas no conceito de pretuguês.

Cabe ressaltar que os três entrevistados já enfrentaram ou presenciaram violências causadas pelo racismo religioso. Esse aspecto reforça o fato de que tal fenômeno perverso afeta pessoas independentemente do seu grupo étnico-racial, na medida em que o Irmão Mais Velho declarou-se como pardo e as duas Irmãs como brancas. Em todas as situações, a reação deles foi de manter o respeito com as pessoas que proferiram ou agiram de acordo com o discurso racista. Existem possíveis explicações para isso, mas observa-se que se trata de uma conduta alinhada à ética da Umbanda de respeito e amor ao próximo.

Através do trabalho de campo e das entrevistas, foi possível compreender a forma de organização do Terreiro e sua importância para a resistência de sujeitos considerados dissidentes. Este processo se dá na medida em que é estabelecido um núcleo seguro de diálogo, um espaço tão importante para um país como o Brasil, que ainda sofre com intensa desagregação e desigualdade social. Ao olhar para os territórios constituídos pelas tradições afrobrasileiras, deve-se ter em mente que se trata de um local rico em tecnologia social.

O aspecto tecnológico está presente na oralidade, que é a grande chave para compreender a persistência dos saberes afrobrasileiros nos dias de hoje, apesar de todas as medidas, inclusive institucionais, para apagá-los. Eles estão presentes na constituição do pretuguês, uma espécie de desmonte da imposição linguística do colonizador através da influência africana. Estão presentes na forma como as tradições afrobrasileiras se desvencilharam dos estereótipos sobre a população negra, transformando-os em símbolos de força e sabedoria, como Exu e a Preta Velha. Além disso, estão na capacidade que as tradições têm de reconstruir núcleos que foram perdidos no decorrer dos processos histórico-culturais, principalmente para pessoas negras, mulheres, pobres e LGBTQIAP+.

Espera-se que esse trabalho possa chamar a atenção, ainda que de forma singela, para o fato de que há muito o que aprender com a população negra e com as tradições afrobrasileiras. Para isso, é necessário expandir o olhar e o debate acerca de mídias e tecnologias, tornando possível ultrapassar o senso comum. Com muito respeito às tradições e aos sujeitos, a Universidade é capaz de expandir esses

saberes e agir em prol daqueles que continuam sendo esmagados pela ordem colonial. Já está mais do que na hora de romper com o colonialismo e abrir espaço para que a ancestralidade africana guie a sociedade para um novo futuro rumo à coletividade, à paz e ao tão necessário diálogo.

Laroyê.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCORN, Chauncey. **Marca Aunt Jemima muda de nome nos EUA após acusações de racismo.** 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/quaker-oats-substitui-marca-aunt-jemima-apos-acusacoes-de-racismo/>. Acesso em: 08 ago. 2021.

BARCELOS, Renata. Por Jornal Pulse Nigeria: Conheça Samuel Ajayi Crowther, um escravizado que se tornou o primeiro bispo anglicano da África. **Orisa Brasil**, 2020. Disponível em: <https://orisabrasil.com.br/Loja/por-jornal-pulse-nigeria-conheca-samuel-ajayi-crowther-um-escravizado-que-se-tornou-o-primeiro-bispo-anglicano-da-africa/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

BARROS, Marcello; BORGES, Pedro. Terreiro é incendiado em São Luís (MA): “A justiça para o candomblecista é zero”. **Alma Preta**, 2022. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/Terreiro-e-incendiado-em-sao-luis-ma-a-justica-para-o-candomblecista-e-zero>. Acesso em: 15 jun. 2022.

BELTRAMIN, Luiz. Manifestantes 'Pró-Bolsonaro' travam a Rondon em Bauru durante protesto. **94 FM**, 2022. Disponível em: <https://94fm.com.br/manifestantes-pro-bolsonaro-travam-a-rondon-em-bauru-durante-protesto-nesta-2a/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

BOAZ, Danielle N. **Racismo Religioso no Brasil: Um Relatório Sobre Intolerância Contra As Religiões Afro-Brasileiras.** 2022. Disponível em: <https://www.religiusracism.org/brasil>. Acesso em: 13 fev. 2023.

BORGES, Pedro. “Os Terreiros estão sendo incendiados como a KKK fazia nos EUA”, diz Kabengele Munanga. **Alma Preta**, 2022. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/politica/os-Terreiros-estao-sendo-incendiados-como-a-kkk-fazia-nos-eua-diz-kabengele-munanga>. Acesso em: 15 jun. 2022.

CATALDI, Luana. Fatos Primeiro: Lula erra sobre criação de lei da liberdade religiosa. **CNN**, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/fatos-primeiro-lula-erra-sobre-criacao-de-lei-da-liberdade-religiosa/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

CHURCH MISSION SOCIETY. Church Mission Society, 2022. Homepage da instituição. Disponível em: <https://churchmissionsociety.org/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

COMO ERA A TRISTE VIDA DAS ESCRAVAS AMA DE LEITE. [S. l.: s. n], [20--]. 1 vídeo (10:51 min). Publicado pelo Canal História e Tu. Disponível em: <https://youtu.be/rGXvXu3SERc>. Acesso em: 07 ago. 2022.

CROWTHER, Samuel. **Dictionary of the Yoruba Language.** Disponível em: http://edeyoruba.com/uploads/3/0/0/1/3001787/yoruba_dictionary.pdf. Acesso em: 22 nov. 2022.

DA SILVA, Vagner Gonçalves. Exu do Brasil: tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos. **Revista de antropologia**, p. 1085-1114, 2012.

DOS SANTOS, Daniel. Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica. **Universitas Humanas**, Brasília, v. 11, n. 1, pp. 7-20, jan./jun. 2014.

DOS SANTOS, Daniel. Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica. **Universitas Humanas**, v. 11, n. 1, 2014.

EFRAIM, Anita. Bolsonaro na ONU: 'Brasil é um país cristão e conservador e tem na família sua base'. **Yahoo! Notícias**, 2020. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/bolsonaro-na-onu-brasil-e-um-pais-cristao-e-conservador-e-tem-na-familia-sua-base-141526978.html>. Acesso em: 14 nov. 2022.

ESCULTURA Exu Caveira Imagem 100% em gesso puro natural. **Elo7**, 2017. Disponível em: <https://www.elo7.com.br/escultura-exu-caveira-imagem-100-em-gesso-puro-natural/dp/AC5390>. Acesso em: 19 dez. 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ed. UBU, 2020.

FERNANDES, Sonaira. [Sem título]. São Paulo. 08 ago. 2022. Instagram: @sonaira_sp. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ChA2iP0F5r3/>. Acesso em 07 nov. 2022.

G1. Mãe perde guarda da filha adolescente após denúncia de maus-tratos em ritual do candomblé. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2020/08/07/mae-perde-guarda-da-filha-adolescente-apos-denuncia-de-maus-tratos-em-ritual-do-candomble.ghtml>. Acesso em: 15 jun. 2022.

GATTO, Fernanda de França Gatto; LOPES, Débora Martins; XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. Esfera pública do ódio: o discurso da extrema direita e a negação da cidadania. **Anais da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã**, online, 2021.

GATTO, Fernanda de França; XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. As tradições afrobrasileiras e o combate à desumanização. **EXTRAPRENSA (USP)**, online, v. 15, p. 583-593, 2022.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, São Paulo, p. 223-244, 1984.

GRAVURA representando bruxas adorando um demônio. Agnes Sampson, 1591. **Seguindo os Passos da História**, 2017. Disponível em: <https://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2017/04/o-diabo-e-sociedade-europeia-na-baixa.html>. Acesso em: 19 dez. 2022.

GRUPOS fazem atos antidemocráticos e pedem intervenção militar diante de quartéis. **CNN**, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/grupos-fazem-atos->

antidemocraticos-e-pedem-intervencao-militar-diante-de-quarteis/. Acesso em: 14 dez. 2022.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História Geral da África**, I. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/hampate_ba_tradicao%20viva.pdf. Acesso em: 09 dez. 2021.

HOOKS, BELL. **E eu não sou uma mulher?** 9 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

IORUBÁ. Exu. **MASP**, [s.d.]. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/exu>. Acesso em: 23 nov. 2022.

IRMÃ MAIS VELHA: depoimento [nov. 2022]. Entrevistadora: Fernanda de França Gatto. Bauru, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta dissertação.

IRMÃ MAIS NOVA: depoimento [dez. 2022]. Entrevistadora: Fernanda de França Gatto. Bauru, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta dissertação.

IRMÃO MAIS VELHO: depoimento [nov. 2022]. Entrevistadora: Fernanda de França Gatto. Bauru, 2022. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

LACERDA, Victor. “Tiraram um pedaço de mim”, diz mãe que perdeu a guarda da filha por levá-la à Umbanda. **Alma Preta**, 2022. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/tiraram-um-pedaco-de-mim-diz-mae-que-perdeu-a-guarda-da-filha-por-leva-la-a-Umbanda>. Acesso em: 15 jun. 2022.

LAGO, Rudolfo. DOCUMENTO DO STF EXPLICA COMO FUNCIONA O “GABINETE DO ÓDIO”. **Congresso em Foco**, 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/documento-do-stf-explica-como-funciona-o-gabinete-do-odio/>. Acesso em: 03 nov. 2022.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2018.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em Comunicação**: formulação de um modelo metodológico. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

LULA é cristão. Não existe qualquer relação com satanismo. **Lula**, 2022. Disponível em: <https://lula.com.br/lula-e-cristao-nao-existe-qualquer-relacao-com-satanismo/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

MANIFESTANTES interditam ruas na frente de prédios militares em protesto contra resultados das eleições. **G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2022/11/02/manifestantes-interditam-ruas-na-frente-de-predios-militares-em-protesto-contr-a-resultado-das-eleicoes.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2022.

MARQUES, Júlia; VARELLA, Thiago. 'Quem não vota em Bolsonaro não é bem-vindo': evangélicos abandonam igrejas. **UOL**, 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/10/24/nao-consigo-ir-a-uma-igreja-evangelica-que-nao-demonize-a-esquerda.htm>. Acesso em: 06 nov. 2022.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 36, p. 122-151, dez. 2016.

MENEZES, Pedro. A Ética de Kant e o Imperativo Categórico. **Toda Matéria**, [20--]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/etica-kant-imperativo-categorico/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

MICHELLE publica vídeo de Lula em cerimônia Umbanda: "Isso pode". **Poder 360**, 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/michelle-publica-video-de-lula-em-ritual-de-Umbanda-isso-pode/>. Acesso em: 07 nov. 2022.

MUCAMA - O que há num nome? [S. l.: s. n], [20--]. 1 vídeo (06:24 min). Publicado pelo canal PESQUISA ESCOLAR DO NORDESTE. Disponível em: <https://youtu.be/DbugRXRrl3U>. Acesso em: 07 ago. 2022.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, 2023. Página que apresenta os ODS. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 13 fev. 2023.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

OGÓ de Exu. **Cabaret de Marie**, [s.d.]. Disponível em: <https://cabaretdemarie.com.br/produtos/ogo-de-exu/>. Acesso em: 06 dez. 2022.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**: Umbanda e sociedade brasileira. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PONTO de Preto Velho (Pai Antônio de Angola) - Que fumaça cheirosa, vovô! [S. l.: s. n], [20--]. 1 vídeo (02:21 min). Publicado pelo Canal Macumbaria. Disponível em: <https://youtu.be/7smTeXY0mG4>. Acesso em: 14 ago. 2022

PONTO de Pretos Velhos: Quantas Estrelas tem no céu Preto Velho já Contou - Com Letra. [S. l.: s. n], [20--]. 1 vídeo (00:54 min). Disponível em: https://youtu.be/pObSm_Nl4YU. Acesso em: 14 ago. 2022.

PRETO velho senta no toco faz o sinal da cruz. [S. l.: s. n], [20--]. 1 vídeo (02:31 min). Publicado pelo canal Umbanda 91. Disponível em: <https://youtu.be/xLdMQ6EdJ8E>. Acesso em: 14 ago. 2022.

PY, Fábio. **Pandemia Cristofacista**. São Paulo: Editora Recriar, 2020. E-book.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite**: A história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROLLEMBERG, Marcello. "Eleição de Lula traz o Brasil de volta à política e à democracia". **Jornal da USP**, 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/eleicao-de-lula-traz-o-brasil-de-volta-a-politica-e-a-democracia/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SÀLÁMI, Síríkù. RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Exu e a ordem do universo**. 2 ed. São Paulo: Editora Oduduwa, 2011. 479 p.

SÀLÁMI, Síríkù. RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Omoluwabi Alakoso*, teu caráter proferirá sentença a teu favor! Valores pessoais e felicidade na sociedade iourbá. In: ANGERAMI, Valdemar Augusto (Org.). **Psicologia e religião**. 2 ed. Belo Horizonte: Artesã, 2022.

SE suncê precizá (Vovó Maria Redonda). [S. l.: s. n], [20--]. 1 vídeo (02:35 min). Publicado pelo canal Sete Flechas. Disponível em: https://youtu.be/ZazIDk-z_Ag. Acesso em: 28 jul. 2022.

SILVA JR. Hédio. Notas sobre Sistema Jurídico e Intolerância. In: DA SILVA, Vagner Gonçalves (Ed.). **Intolerância religiosa**: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Edusp, 2007. p. 303-323.

SÍTIO do Picapau Amarelo (1977). In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [São Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2022]. [https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADtio_do_Picapau_Amarelo_\(1977\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADtio_do_Picapau_Amarelo_(1977)). Acesso em: 09 ago. 2022.

TADEU, Deoclécio. **TOM E JERRY: CONHEÇA A HISTÓRIA DA ANIMAÇÃO**. 2021. Disponível em: <https://vivariomarrecife.com.br/cine/tom-e-jerry-conheca-a-historia-da-animacao/>. Acesso em: 08 ago. 2022.

TEMA da tia nastacia. [S. l.: s. n], [20--]. 1 vídeo (02:21 min). Publicado pelo canal Reinação de Lobato - Sítio do picapau amarelo. Disponível em: <https://youtu.be/2ZRQEOVz7oE>. Acesso em: 09 ago. 2022.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe**: Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, São Paulo, vol. 11, 2012. DOI: 10.4000/pontourbe.300. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/300>. Acesso em: 23 ago. 2019.

WEST, Cornel. WEST, Cornel. Genealogy of modern racism. In: **Prophecy deliverance! An afroamerican revolutionary Christianity**. Westminster John Knox Press: Louisville, KY; London, 2002. Tradução de Luiz Felipe M. Disponível em <https://luizcandido.files.wordpress.com/2015/09/genealogia-do-racismo-moderno-cornel-west.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2021.

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula; MUNANGA, Kabengele. **Versos Sagrados de Ifá**: núcleo ordenador dos complexos religiosos de matriz lorubá nas Américas. 2004.

XAVIER, Juarez Tadeu de Paula; RIBEIRO, Ronilda. **Exu, Ikin e Egan**: equivalências universais no bosque das identidades afrodescendentes nagô e lucumi-estudo. 2000.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – INTEGRANTES DO TERREIRO GUARDIÕES DA LEI DIVINA

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa **A TRADIÇÃO ENTRE NÓS: MUSICALIDADE E RESISTÊNCIA AFROBRASILEIRA**. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é debater o racismo religioso no país e o papel das tradições afrobrasileiras, como Umbanda e Candomblé, na construção de espaços de resistência e preservação dos valores afrobrasileiros. Nesta pesquisa, pretendemos estudar a importância da oralidade e da música presente no Terreiro, enquanto mídia e tecnologia, para a transmissão de histórias e ensinamentos.

Caso concorde em participar, vamos realizar as seguintes atividades com você: realização de uma entrevista. Para evitar quaisquer problemas de constrangimento, a entrevista será confidencial, sem a divulgação dos nomes dos(as) participantes da pesquisa e deverá contar com a anuência da fonte depois de editada. A pesquisa pode ajudar no desenvolvimento de um trabalho acadêmico de Mestrado Profissional e no debate acerca da importância das tradições afrobrasileiras para o combate ao racismo e à desumanização.

Para participar deste estudo, você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária, e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma como você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste trabalho.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido esse tempo, a pesquisadora avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a

legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo à legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Bauru, _____ de _____ de 20 .

Assinatura do(a) participante

Nome do(a) participante

RG: _____

Assinatura da Pesquisadora

RG: _____

Pesquisadora Responsável: Fernanda de França Gatto

Instituição: FAAC – UNESP/Bauru.

Contato: (11) 98342-7865/fernanda.gatto@unesp.br

Orientador: Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier

Instituição: FAAC – UNESP/Bauru.

Contato: (14) 99760-0290/juarez.xavier@unesp.br

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista

Introdução: Meu nome é Fernanda de França Gatto, hoje é dia _____, são ____ horas. Vou realizar a entrevista com o participante _____. Por questões de registro, essa entrevista está sendo gravada. Participante, você está de acordo com a gravação?

Perfil:

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Profissão:

Autodeclaração étnico-racial:

Pergunta 1: Você acompanha e se mantém atualizado sobre discussões políticas? Se sim, poderia comentar sobre sua visão?

Pergunta 2: Como você conheceu a Umbanda?

Pergunta 3: O que a Umbanda significa para você?

Pergunta 4: Como você entrou para o Terreiro Guardiões da Lei Divina?

Pergunta 5: Quando você entrou para o Terreiro Guardiões da Lei Divina?

Pergunta 6: Por que você escolheu participar desse Terreiro?

Pergunta 7: Qual é a sua função no Terreiro Guardiões da Lei Divina?

Pergunta 8: Você acha que a Umbanda tem a capacidade de mudar a vida das pessoas?

Pergunta 9: Qual é a sua visão sobre a importância da Umbanda no Brasil?

Pergunta 10: Para você, qual é a importância das giras para a Umbanda?

Pergunta 11: Como uma pessoa vinculada a uma casa de Umbanda, qual é a principal responsabilidade das pessoas iniciadas na Umbanda com as pessoas que frequentam (**irmãos**; assistência) o Terreiro?

Pergunta 12: Você já vivenciou alguma experiência de discriminação e/ou violência por ser umbandista? Sem sim, como você enfrentou a situação?

Pergunta 13: Você se lembra de algum desafio que experienciou na vida e que o Terreiro te ajudou a superar?

Pergunta 14: Para você, qual é a importância dos pontos cantados durante a gira?

Pergunta 14.1: Qual é o seu ponto preferido?

Pergunta 14.2: O que esse ponto significa para você?

APÊNDICE C – Entrevista Irmão Mais Velho

Entrevistadora: Alô, tá tudo certo? Então vamos lá, meu nome é Fernanda de França Gatto, já me conhece. Hoje é dia 14 de novembro, são 20 horas e 20 minutos, eu vou entrevistar o Irmão Mais Velho. Irmão Mais Velho, por questões de registro, essa entrevista está sendo gravada, tá bom? Você tá de acordo com a gravação?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Então tá bom. *Irmão Mais Velho*, eu vou fazer algumas perguntas iniciais, mais de perfil mesmo. Qual é a sua idade?

Entrevistado: 50 anos.

Entrevistadora: E qual é a sua escolaridade?

Entrevistado: Ensino fundamental completo.

Entrevistadora: Certo, e a sua profissão?

Entrevistado: Mecânico de autos.

Entrevistadora: Certo. Irmão Mais Velho, qual é a sua autodeclaração étnico- racial? Segundo o IBGE, você pode se autodeclarar branco, preto, pardo ou indígena.

Entrevistado: Sou pardo.

Entrevistadora: Obrigada. Irmão Mais Velho. Você acompanha e se mantém atualizado sobre discussões políticas?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Você pode comentar um pouco sobre a sua visão?

Entrevistado: A minha visão que eu tenho é que o nosso país é muito rico em todas as questões e as pessoas que chegam ao poder do nosso país sempre querem tirar o proveito próprio, não pensam de uma maneira geral na população e, assim, sempre eles se articulam em benefício próprio. A grande maioria fica na pendência, sempre na falta, na necessidade. Eu acho que se de uma forma geral a gente pensasse mais sempre no próximo, a gente evitaria muita coisa. O problema é que, nós humanos, na maioria das vezes, a gente pensa sempre em si próprio e não pensa no próximo. Na política é bem pior isso, então é complicado.

Entrevistadora: Certo. Irmão Mais Velho, então agora eu vou fazer algumas perguntas mais sobre a Umbanda. Eu queria que você me contasse como você conheceu a Umbanda.

Entrevistado: Eu sempre, desde criança, membros da minha família sempre frequentaram a Umbanda. Meus avós, minha mãe, meu tio, sempre tiveram *envolvido*

com isso e eu indiretamente sempre estava dentro de algum Terreiro. Cerca de uns 17 anos atrás, eu me firmei de vez na Umbanda. E sempre tem uma lenda na Umbanda de que as pessoas ou elas se iniciam na religião pelo amor ou pela dor. No meu caso foi pela dor. Atravessava por vários problemas e tinha um amigo que era bem ligado à Umbanda e vendo a minha dificuldade ele *me* chegou até mim e me ofereceu ajuda através da Umbanda. E a partir daí eu comecei a ver a Umbanda de uma forma diferente. E tô nela até hoje.

Entrevistadora: Que ajuda você recebeu?

Entrevistado: De todas as formas, ajuda espiritual, amizade. Foi de todas as formas, de uma pessoa querendo ajudar a outra. Fui muito bem acolhido. E o que eu recebi eu tento, *todo os ensinamento*, tudo que eu vi até hoje de aprendizado na Umbanda, eu tento passar *pra* frente. Tento ajudar as pessoas também.

Entrevistadora: Você ainda tem amizade com esse amigo?

Entrevistado: Atualmente não, não tenho contato mais.

Entrevistadora: Certo. E o que a Umbanda significa *pra* você?

Entrevistado: A Umbanda, eu sempre tento definir ela como caridade, como amor, ensinamento, aprendizagem, fraternidade. Eu sempre tento assimilar ela com essas coisas boas. E no meu ponto de vista é o que ela é *pra* mim.

Entrevistadora: E daí, Irmão Mais Velho, assim, como você entrou *pra* esse Terreiro, o Terreiro Guardiões da Lei Divina? Você pode me contar um pouco da história?

Entrevistado: Há muito tempo atrás, quando eu comecei, foi se começar, eu comecei a caminhar nesse exato lugar aqui, porém com outro nome que havia no Terreiro. E conforme nós fomos caminhando, a gente fazia um trabalho paralelo com o Terreiro de divulgação da Umbanda, da religião, com um projeto artístico, que através de dança, da música, da cultura afro, da cultura indígena, a gente tentava divulgar ou tentar passar o que tinha e o que era a Umbanda. E aí, na parte do Terreiro, as coisas foram crescendo, foram crescendo, foram crescendo, até que a gente, quando viu, a gente estava num Terreiro grande, com bastante pessoas. E sempre com o propósito de fazer o bem, e a gente tentando fazer o bem, nem sempre a gente consegue alcançar isso a 100%. Do lado do bem, sempre tem umas forças *negativa* que trabalham para que você não consiga. Infelizmente, depois de um certo tempo, esse Terreiro que nós estávamos, que era grande, com bastante participantes, teve que se terminar, ou a gente terminou os trabalhos que a gente fazia. Porém, eu não parei. Eu continuei, pensando em dar sequência nesse trabalho. Aí, voltamos ao ponto inicial,

que foi aqui onde a gente está hoje. Dando um início a um novo trabalho, em um novo Terreiro, de uma nova forma. E recomeçando, dando oportunidade a nós mesmos de começar do zero de novo. E hoje nós estamos aqui. Faz quatro anos, para cinco, que a gente está aqui no trabalho.

Entrevistadora: E o que tem de diferente nesse Terreiro?

Entrevistado: O que tem de diferente no Terreiro é o jeito, toda a maneira que é passado, as orientações, a maneira de como a gente vive isso. É passado de uma forma espiritual, 100% espiritual. Aqui, o objetivo se propõe a não ter interferência nenhuma do dito médium. Porque, na maioria das vezes, o médium incorporado, ele deixa passar alguma coisa que não é 100% a entidade nele falando. Então, a grande diferença é essa. Todos os ensinamentos que nós ouvimos aqui, e que é passado, é a entidade diretamente falando. Então, a margem de não ter a verdade no que é dito, é quase que zero.

Entrevistadora: E qual a sua função aqui no Terreiro, guardiões da lei divina?

Entrevistado: Acho que de todas as funções que possa ter, dentro de um Terreiro, durante todo esse tempo, eu passei por quase que todas. Mas eu acredito que, a minha função nessa casa hoje, eu acho que é de guardião mesmo. Porque, *pra* ela se manter aberta, depende muito da minha vigília. Assim como de um guardião, então eu me sinto um guardião daqui dessa casa.

Entrevistadora: Irmão Mais Velho, você acha que a Umbanda tem a capacidade de mudar a vida das pessoas?

Entrevistado: Eu acredito que sim! Eu acredito que sim e eu me considero uma prova viva desse detalhe e de muitos outros. Alguns fatos interessantes que têm dentro da nossa religião. Mas, ela me mudou! Eu acredito, durante a convivência com as pessoas, que é muito difícil as pessoas mudarem. É quase que impossível, mas eu sempre paro *pra* fazer uma reflexão e eu vejo que eu mudei bastante. Eu vi uma maneira de como eu era há um tempo atrás e a maneira que eu sou hoje. Depois de estar 17 anos na Umbanda, eu acredito e tenho fé que ela possa mudar muito mais pessoas, assim como eu.

Entrevistadora: E o que você acha que mudou na sua vida, assim, principal?

Entrevistado: A partir do momento que a gente se propõe a ter mudanças na vida, o que eu percebi muito foi a maneira de tolerar as situações, tolerar as pessoas, ter um diálogo com as pessoas melhor, tentar entender a situação de cada um. O que a gente sempre pensa aqui (*na Terra*), tudo tem que ser e é do jeito que a gente vive, pensa,

age, e não é! Cada um tem a sua forma de ser, de viver. Então, eu acredito que me mudou de uma forma completa. Eu mudei o jeito de ver, o jeito de agir, o jeito de pensar. Enfim, eu fazendo uma reflexão, aí eu vejo que eu me mudei bastante.

Entrevistadora: E qual é a sua visão sobre a importância da Umbanda no Brasil?

Entrevistado: A importância da Umbanda no Brasil poderia ser bem mais ampla do que é atualmente. Eu, no meu modo de ver e de pensar, na minha opinião pessoal, eu acho que o povo dessa religião é muito desunido. São pessoas de vários Terreiros, porque tem muitos, como o nosso que é bem pequeno, hoje e bem restrito, funciona praticamente em casa. Assim como esse tem muitos. E pelo trabalho que a gente já fez, no final de 7 anos, 7, 8 anos que nós fizemos esse trabalho de tentar divulgar, e um dos objetivos era de unir as pessoas ligadas à religião. E era um trabalho muito difícil e árduo, porque vem uma lenda dos nossos ancestrais da religião, de ter uma certa, dizemos assim, uma competição entre si, principalmente dos líderes dos Terreiros, de um querer ser mais ou falar que tem mais poder que o outro. E é uma coisa que não está escrito na Umbanda isso aí. E por causa dessas lendas aí, hoje eu vejo que diminuiu bastante. Por essas pessoas que pregavam isso, já não existem mais. Então, como tudo nesse mundo vai evoluindo e vai mudando, a tendência é evoluir. Mas eu vejo que se não tivesse esse tipo de coisa no meio da religião, ela poderia ser bem mais ampla, bem mais respeitada, bem mais conhecida. Porque muitos criticam e comentam sem conhecer. Por isso, existe bastante folclore nisso tudo. Lendas, né? Coisas que não são reais. E se comparando com outras religiões que há, a gente vê que a desunião dos integrantes dessa religião é bem grande ainda. Eu acredito que quando todos olharem pelo mesmo ideal e respeitarem o próximo, eu acredito que vai melhorar bastante.

Entrevistadora: *Quem* seriam esses folclores e lendas que você comentou?

Entrevistado: Toda casa de Umbanda, teoricamente, tem o seu líder, o que toma conta das pessoas com menos experiência que ele. Que não é o caso da nossa casa, que é o chamado Pai de Santo. Esse Pai de Santo, muitas vezes, por ser uma pessoa que está à frente ali, por ter um certo conhecimento, ele acha, durante um tempo na caminhada dele, que ele tem todo o poder ali. O poder de, sobre as pessoas. Ele se sente um mago ali que sabe lidar com toda a mística da Umbanda. E, na verdade, nem é isso, né? Hoje a gente tem os nossos estudos aqui e a gente escuta muita coisa diferente do que eu via, mais com frequência quando eu fazia esse trabalho de divulgação. Então eu via muita competição entre um Pai de Santo de uma casa com

o outro Pai de Santo de outra. E com os comandados dele, vamos se dizer assim, das pessoas que frequentam a casa dele, ele deixa passar também esse sentimento de competição com relação a outras casas. E chega um momento que *perde-se* o foco da religião em si, da Umbanda. Aí acaba virando alguma outra coisa. Mas isso por interferência das pessoas, não da espiritualidade.

E como eu disse, a gente tentando trabalhar na Umbanda com a luz, a partir do momento que ela é emanada, a gente tem seres obscuros que querem atrapalhar isso. E muitas vezes as pessoas, os médiuns, os Pais de Santos, não estão preparados do jeito que acham que estão. E acabam perdendo o controle de tudo. Hoje eu não posso dizer como que está isso porque eu não tenho contato mais. Eu só frequento a nossa casa. É muito difícil fazer visita em outros Terreiros. Não converso mais com pessoas a respeito da nossa religião. Com pessoas de outros Terreiros, sim. Então eu não sei como que se encontra essa situação hoje. Mas quando eu tinha contato e convivia no meio das pessoas, era dessa forma.

Entrevistadora: E por que hoje você tem menos contato com as pessoas de outros Terreiros ou outros Terreiros em si?

Entrevistado: Porque eu não sei se eu fiquei com esse sentimento. A Umbanda fala para a gente não guardar sentimentos, mágoas ou qualquer coisa desse tipo. Mas como a gente é humano, a gente está aqui, não é perfeito. A gente está tentando, a cada dia que a gente entra na casa de oração, a gente está tentando ser um pouco melhor do que entrou. Sair, né, um pouco melhor. Então, eu acho que eu fiquei com essa.

Eu meio que perdi a esperança nas pessoas da nossa religião. Porque quando eu estava envolvido, o sentimento que eu tinha no meio, que eu recebia lá, era de desunião. Ninguém respeitava o que estava do lado. Você não estava seguro ao lado de um irmão de religião. Não era para ser assim. Então, como hoje eu não estou mais, eu parei nesse sentimento. Eu acredito que deve ter tido alguma mudança ou alguma melhora nesse sentido. Mas durante todo o tempo, o que eu mais sentia era isso. Desunião entre as pessoas. Principalmente de uma casa para outra. Coisa que a gente não vê em outras religiões. Não via assim, né? Todas e tudo sempre têm aquela peça ruim no meio. Mas na nossa, infelizmente, tem bastante.

Entrevistadora: E para você, qual é a importância das giras para a Umbanda?

Entrevistado: As giras da Umbanda para mim são muito importantes. É o momento principal da religião. É o momento que a gente consegue concentrar a maior parte da

nossa força, que é a luz. A gente consegue acender ela bem forte, receber bastante e emanar para quem precisa também. É onde tudo acontece, né? É onde a gente recebe os conselhos. É onde a gente recebe os ensinamentos. É onde a gente se trata espiritualmente, fisicamente. É onde a gente ora. É onde a gente doa o que a gente recebe. É o momento principal da nossa religião.

Entrevistadora: E você pode me explicar um pouco como funcionam as giras?

Entrevistado: As giras, cada casa tem a sua maneira de cultuar, de fazer ela. De fazer ela, nós, vou falar pelo nosso, o que a gente faz aqui. A gente respeita qualquer outra casa, né? Porque cada uma delas é diferente. Então, a nossa aqui, a gente tem todo um procedimento aqui. Tem algumas preparações que a gente tem que fazer antes de começar. A gente tenta se concentrar ao máximo no trabalho, deixando as coisas de fora e de lado. A gente começa a fazer as nossas orações através dos cantos, dos pontos. E através dessas orações, a gente recebe a manifestação dos Espíritos de luz. Aqueles que seguem a lei de Deus, se manifestam no Terreiro. Daí, então, acontece o que tem que acontecer. Se tivermos que ser aconselhados, a gente vai ser aconselhado. Se tivermos enfermos, vamos ser tratados. Se precisar, manda energia, manda luz, manda força para quem precisa, para quem não está presente no trabalho, também é feito. Tudo depende muito do dia. Cada dia não é igual ao outro, sempre é diferente. Mas de uma maneira geral, a gente sempre sai um milhão de vezes melhor do que como entramos.

Entrevistadora: Irmão Mais Velho, como uma pessoa vinculada a uma casa de Umbanda, qual é a principal responsabilidade das pessoas iniciadas na Umbanda com as outras pessoas que frequentam o Terreiro?

Entrevistado: As pessoas que já estão na casa, o principal trabalho que *deve-se* ter em relação às outras é sempre tentar explicar, mostrar e, em alguns momentos, ensinar o que é que se é feito na religião, como é que se procede, o que se tem que fazer. E sempre tem tudo que é feito da maneira correta, a gente tem que prestar muita atenção, a gente tem que estar sempre focado no trabalho. Porque a gente está trabalhando com o oculto, muitas vezes a gente não vê materialmente o que se passa, então a gente tem que estar muito atento. Como nós somos *frequentador* assíduo, *tamo* sempre, sempre aparece o visitante, a pessoa que está vindo pela primeira vez, ou aquele que necessita de vim no Terreiro algumas vezes. Então quem já frequenta tem que prestar muita atenção com quem vem e cuidar dessas pessoas. Então cuidado é muito especial, porque quem já está já tem um determinado conhecimento

e quem não está, não tem e é muito perigoso quem não tem conhecimento e não os recebe. Pode ser que os procedimentos que vai ter na gira a pessoa não acompanhe da forma que deveria.

Entrevistadora: Você pode me falar um pouco sobre a relação com as pessoas da corrente?

Entrevistado: A corrente de um Terreiro é bem complicada, porque cada pessoa tem seu jeito de pensar, de agir e ninguém é igual. Então o que eu percebo que nem sempre vai haver 100% de harmonia nisso, mas a gente tem que pelo menos ter o máximo que a gente consiga, que são as pessoas aceitarem o que é passado espiritualmente para nós. Isso fica bem mais fácil para quem não andou ou não passou por muitas casas, porque quando acontece isso fica mais difícil. A pessoa chega em um Terreiro que é gigantesco, que tem uma dimensão grande em todos os aspectos e nem sempre tem o essencial. Mas quando você chega em alguma outra casa mais humilde e tal, a pessoa começa a bater uma ideia diferente, começa a ter o julgamento, então começa a se discordar de muitas coisas que acontecem na corrente.

Então a corrente de um Terreiro é muito difícil, complexo de ser montada, porque a corrente é a base, é o suporte de todo o trabalho. Porque Umbanda tem esse nome de corrente entre as pessoas que fazem parte da casa, porque é um trabalho comunitário, né? O trabalho não vai depender só de uma pessoa, depende de todos os membros que estão ali. E quando se tem isso e isso funciona, o trabalho vai sair do jeito que tem que sair. E os médiuns também, os médiuns vão sair do trabalho como deveriam sair, bem. Uma vez que não tenha bastante essa união entre a corrente, o trabalho fica bem mais difícil para aqueles que estão realmente firmes na corrente.

Entrevistadora: O que seria o essencial, o principal para formar a corrente?

Entrevistado: Eu acho que a principal coisa que tem que ter é a pessoa ter humildade. Porque por mais conhecimento que ela tenha, ou por mais sábia que ela seja, ela sempre vai estar aprendendo alguma coisa e, muitas vezes, com alguém que não tenha todo o conhecimento que ela tem. Então, se a pessoa não tiver humildade de chegar em qualquer casa de Umbanda e escutar, independente de ela concordar ou não, ela respeitar, ela não precisa vir em uma casa de Umbanda. Vai estar perdendo tempo. Porque eu acredito, eu já parei para pensar, eu acredito que se eu não tivesse humildade, eu já teria parado muito tempo. Humildade!

Entrevistadora: Irmão Mais Velho, você já vivenciou alguma experiência de discriminação ou violência por ser umbandista?

Entrevistado: Já! Quando a gente fazia o trabalho de divulgação da Umbanda, a gente fazia a promoção de um evento no dia da Umbanda. E para fazer esse evento a gente precisava divulgar ele, fazer um trabalho bem grande para poder alcançar o objetivo, que era ter bastante gente junto. E a gente costumava panfletar muito, com um panfleto com o nome da festa, religião que era, local. E tinha pessoas que não recebiam o panfleto e ele ia, via o que era e começava a criticar, a xingar, a querer exorcizar você ali como se você fosse uma coisa ruim. Então, eu acredito que o problema são as pessoas. A religião as acolhe, mas nem todos aprendem o que é recebido, porque todas elas têm o mesmo destino, que é o mesmo Deus de todas. Mas nem todas as pessoas assimilam e aprendem o que elas deveriam. Então, já vi bastante esse tipo de coisa.

Entrevistadora: E como que você lidava com essas situações?

Entrevistado: Humanamente, eu tinha vontade de ter mais fúria do que elas. Mas, é o que eu falei, como eu mudei. Os ensinamentos que a gente tem na religião nos *faz* lidar com isso de uma maneira diferente. No meu íntimo, eu abaixava a cabeça, não revidava. Mas eu pedia que aquela pessoa tivesse um esclarecimento melhor. Que Deus colocasse alguma coisa na cabeça dela ali, que ela fosse pesquisar, fosse atrás, para poder falar alguma coisa concreta. Não as besteiras que ela estava falando aqui no momento. Mas, isso porque a gente está aqui dentro, a gente está ouvindo, a gente sabe o que tem e o que não tem. E toda pessoa tem o seu momento, cada um passa as coisas em um tempo diferente do outro. Então, a única coisa que eu pensava era que ela recebesse uma luz divina ali para ela mudar. Uma forma de ela ver as outras religiões.

Entrevistadora: E você lembra de algum desafio que você experienciou na vida e que o Terreiro te ajudou a superar?

Entrevistado: Eu acho que a maior ajuda que eu recebi foi em um momento que eu tive, no meu matrimônio, uma traição. E eu soube lidar de uma forma diferente. Da tradicional que todo mundo faz, eu fiz diferente. Mas outras dificuldades que a gente passa, eu sempre, no momento da dificuldade, eu paro, respiro e tento mudar os pensamentos ruins. E colocar os pensamentos bons na cabeça para poder seguir em uma direção correta para não prejudicar *a si mesmo* e as outras pessoas.

Entrevistadora: E, Irmão Mais Velho, para você, qual é a importância das cantigas durante a gira?

Entrevistado: As cantigas é muito importantes nas giras. A gente tem que prestar bem atenção nas palavras. Além de prestar atenção, a gente tem que tentar cantá-las também. E a partir do momento que a gente faz isso, elas nos ensinam muita coisa, elas nos mostram muita coisa, como uma direção, como um ensinamento, como uma cura, como um acalento, elas fazem parte da gira do começo ao fim. Praticamente tudo que acontece está ligado às cantigas. Então, ela é muito importante no trabalho de Umbanda.

Entrevistadora: E, Irmão Mais Velho, você pode contar um pouco sobre a sua história com a tabaque?

Entrevistado: A minha história com a tabaque, na verdade, ela se misturou com o meu trabalho todo na Umbanda. Porque como eu comecei bem do início no Terreiro, em um determinado Terreiro, teve que se aprender a fazer praticamente tudo que, todas as funções, obrigações que tinha que fazer na casa. Como não havia muitas pessoas, eu fui aprendendo várias delas. E o atabaque eu tive a oportunidade de aprender também as cantigas, eu, desde o início. Eu agradeço por ser privilegiado, porque eu tive bastante tempo junto de entidades e tive a oportunidade de escutar eles falarem as cantigas, de explicar em um sentido, de saber para que *que* é, para que *que* serve. Então, quando eu estava numa casa que estava bem grande e tinha bastante pessoas que sabiam tocar, eu comecei a me envolver mais com a chamada curimba, com as pessoas que tocavam. E comecei, comecei não no atabaque, mas em outro instrumento para tentar pegar o ritmo, para ver se conseguia acompanhar os tambores. E aí fui acompanhando durante um tempo, até que as pessoas que faziam parte da curimba *foi* deixando o Terreiro. Um deixou, outro deixou, outro deixou. A hora que eu me vi eu estava praticamente sozinho lá. E eu não sou um ogã nato, um cara que sabe de trás para frente cantar, tocar. Mas eu aprendi o básico ali, para fazer. Então eu me vi em alguns momentos sozinho, tentando tocar, porque como eu disse, eu não sou 100% ogã, uma pessoa que sabe tudo. E desde esse dia até hoje eu sempre estou envolvido no tambor.

Entrevistadora: E qual é a responsabilidade de alguém que faz parte da curimba?

Entrevistado: Ela, assim como as casas tem o Pai de Santo lá, o trabalho da pessoa que está atrás de um tambor é bem complicado, bem grande mesmo. Ela tem que estar bem concentrada no que está fazendo ali, porque é ela que vai movimentar a

energia dentro da casa na hora que estiver acontecendo os trabalhos espirituais ali. Então dependendo do que estiver acontecendo na gira ali, o tambor é que chama, é que faz o trabalho acontecer, é o que manda embora. É ele que traz a entidade, na maioria das vezes, que precisa chegar na casa. Na verdade, a entidade chega até sem tambor, sem nada, mas é tipo, é uma facilidade. O trabalho de Umbanda com os *tambor*, com a curimba, ele acontece de uma forma mais fácil, uma forma mais dinâmica, uma forma mais forte. Fica bem mais leve o trabalho. Ele flui mais rápido. As energias vêm com mais força e ela movimenta bem forte no meio da casa, com os médiuns. Então o tambor é bem importante. Não que em determinado momento não aconteça o trabalho sem ele, acontece, mas com ele fica muito mais fácil.

Entrevistadora: E Irmão Mais Velho, qual *que* é a sua cantiga preferida?

Entrevistado: Há muito tempo, tem várias. Tem várias, vou tentar falar uma, vamos ver se consigo. Eu gosto muito daquele ponto, aquele ponto de Yemanjá: “Eu fui na beirada da praia, *Pra* ver o balanço do mar. Eu fui na beirada da praia, *Pra* ver o balanço do mar. Eu vi um retrato na areia, Me lembrei da sereia, Comecei a chamar. Eu vi um retrato na areia, Me lembrei da sereia, Comecei a chamar. Oh Janaína, vem, vê, Oh Janaína, vem cá, Receber suas flores, Que venho lhe ofertar. Oh Janaína, vem, vê, Oh Janaína, vem cá, Receber suas flores, Que venho lhe ofertar”.

Entrevistadora: E o que esse ponto significa para você?

Entrevistado: Quando eu ouço ele, eu me sinto bem leve. Quando eu estou, vamos dizer assim, nos termos da Umbanda, eu estou meio pesado. Eu escutando ele, eu me sinto, me sinto mais leve. Eu escutando ele, eu me sinto, me sinto bem, me sinto leve, me sinto forte.

Entrevistadora: É isso, Irmão Mais Velho.

Entrevistado: Beleza!

Entrevistadora: Tem mais alguma coisa que você quer contar?

Entrevistado: Se eu puder ajudar com isso, está dito!

Entrevistadora: Vai ajudar, sim, muito obrigada!

Entrevistado: Obrigado!

APÊNDICE D – Entrevista Irmã Mais Velha

Entrevistadora: Então, oi, Irmã Mais Velha!

Entrevistada: Oi, Fer!

Entrevistadora: Meu nome é Fernanda de França Gatto, hoje é dia 21 de novembro, são 20 horas e 28 minutos, eu vou realizar a entrevista com a Irmã Mais Velha. Por questão de registro, essa entrevista está sendo gravada. Irmã Mais Velha, você está de acordo com a gravação?

Entrevistada: Estou.

Entrevistadora: Tá bom. Eu vou começar fazendo algumas perguntas *pra* gente traçar um perfil mesmo, *tá*? Então, Irmã Mais Velha, qual é a sua idade?

Entrevistada: 43 anos.

Entrevistadora: E o seu grau de escolaridade?

Entrevistada: Tenho pós-graduação.

Entrevistadora: E a sua profissão?

Entrevistada: Eu sou Auxiliar de Escrita Fiscal.

Entrevistadora: E qual é a sua autodeclaração étnico-racial? Segundo o IBGE tem branco, pardo, preto e indígena.

Entrevistada: Sou branca.

Entrevistadora: Certo. Irmã Mais Velha, você acompanha e se mantém atualizada sobre discussões políticas?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: Você pode comentar um pouco sobre a sua visão?

Entrevistada: Eu não busco informação, mas em casa eu ouço muitas informações, mas eu não vou verificar se nenhuma delas são reais. É isso que você está me perguntando? O que eu sei atualmente, né, nosso Presidente eleito foi o Luiz Inácio Lula da Silva, que há muito tempo, em outras candidaturas eu votei nele, né?! E atualmente o que a gente ouve no âmbito, que eu estou socialmente, é que ele não seria um bom presidente, né, por conta que tiveram várias denúncias em relação a fraudes, corrupções dele e de todos os envolvidos do partido do PT. Então essa é a visão que hoje chegou para mim. E na verdade também eu tenho essa plena convicção porque é isso que gerou no país, né. E para mim, na época que eu votei nele, e depois começou a acontecer esses atos, foi muito triste porque eu sou de uma família que sempre foi petista e a gente, *tipo*, idolatrava ele e acreditava que ele ia

fazer algo por nós, brasileiros pobres de classe baixa, porque ele era metalúrgico na época. Então a gente acreditou muito que ele faria algo diferente e a gente não viu isso com toda a força que a gente imaginou e que ele também dizia.

Mas ao contrário disso, eu trabalhei algum tempo como docente e tive uma boa experiência que isso chegou para várias pessoas de classe como eu. Que também fui agraciada com, por exemplo, o plano do FIES, que a gente não tinha condições alguma de pagar uma faculdade, nenhuma mesmo, muito menos um transporte para chegar até essa faculdade, muito menos comer um lanche, porque a gente ia do trabalho para essa faculdade sem alimentação. E não é tudo que a gente viveria só com o FIES, né? Por exemplo, né? A população precisa de outras coisas, saúde, habitação, segurança, lazer, enfim. Mas dentro dessa parte educacional, que é o que eu fui privilegiada e também participei com muitos colegas, situações muito piores que a minha, porque eu fui professora e tinha alunos dentro da sala de aula que eram trabalhadores rurais, braçais e nunca se imaginavam numa faculdade.

Enfim, então foi sim uma decepção porque a gente tinha, acreditava muito nele, né? Até hoje eu ouço muito que não tiveram provas, mas a gente não consegue mais acreditar em nada. Porque de um lado a gente vê uma grande gama da população que acredita no atual Presidente, né? Bolsonaro. Acredita nele, convicto, aí eu acho que eu vejo pouco, né? É uma parcela, não posso falar que é 90% de quem acredita nele, é por isso que eu vou mencionar. Mas como essa parcela, eles também foram decepcionados pelo Lula, e aí depositaram toda a energia *pra* que esse fosse diferente.

Mas ele foge de todos os nossos princípios, né? É, étnicos, éticos, acho que bem simplista, vou falar de postura, de dicção, o Presidente não deveria falar o que ele fala. Pois bem, não nos roubou, que é o que a gente espera, não que não nos roube, né? Mas que faça alguma coisa por nós e não tire nada de nós, por exemplo, assalariados, trabalhadores. Até o momento a gente não viu isso, mas também eu não vi nada que somasse além do que a gente já tinha. Num país de grande fartura agrícola, que é isso, nosso PIB só existe por conta da agricultura, a gente não precisa de outros países, além de outros recursos tecnológicos. E então ele também não conseguiu utilizar desses recursos no nosso país.

Eu vou citar um deles, por exemplo, além desses recursos, o que ele fez *pra* nós, eu especificamente? Fui muito prejudicada, acredito que vou ser mais ainda, se o Lula não mudar. Nós, nessa categoria que eu expliquei, né, que eu venho de uma família

muito pobre, nós começamos a trabalhar muito jovens, eu comecei com 12 anos. E a gente não espera trabalhar *pra* esperar aposentadoria, mas a gente espera ter algum recurso com a velhice, com a aposentadoria. A gente pode trocar a aposentadoria pela velhice, porque o nosso corpo demonstra que a gente já não consegue fazer algumas coisas, nossa mente não consegue fazer algumas coisas. E como a gente vem dessa classe, a gente também não conseguiu estudar além do que precisaria. A gente não acompanha o que tem hoje, os jovens de hoje. E com a nova aposentadoria, possivelmente a gente vai ter que trabalhar um pouquinho mais.

Mas contudo, o que ele fez realmente foi onde ele conseguiu minimizar, ou melhor, conseguiu minimizar os gastos públicos, diríamos assim. Em contrapartida, alguém vai pagar por isso. Mas esse é um dos exemplos, entre tantos que outros sofrem, com Lula, com Bolsonaro, com qualquer outro que vai vir aí. Porque eu acho que o nosso país ainda precisa de mudança cultural e isso demanda muito tempo. É isso que eu vejo da política atualmente. Eu com meus 43 anos ainda trabalho, assalariada, tive várias crises econômicas e com a minha *pós* (*pós-graduação*). Na época que eu comecei a estudar, a gente achava que estudando, eu falo isso por mim, acho que os jovens têm que continuar com o mesmo pensamento. Sem educação, sem estudo, a gente não consegue nada. Mas isso também não me ajudou muito. Então, eu continuo tendo que trabalhar bastante e não tenho grandes oportunidades com todos esses diplomas e aprendizado. Porque a nossa política de profissionais do nosso país é pela CLT. E a gente contrata quem é formado para trabalhar em grupos não afins, não da profissão que ele detém. Então, esse é um dos outros problemas também políticos. É isso, Fer?

Entrevistadora: Beleza. Irmã Mais Velha, então agora mudando um pouco o assunto, como você conheceu a Umbanda?

Entrevistada: Eu frequentava um centro espírita de mesa branca, voltado a Allan Kardec. E com o passar do tempo, eu comecei a receber alguns Guias espirituais que não eram vinculados a esse meio, a essa Casa Espírita. E aí eu percebi que era diferente. Mas como eu, também meu pai que me levava não tinha muito conhecimento para me explicar, aí eu fui procurar outros Centros na minha cidade que pudessem me dar uma resposta daquilo. Mas isso com meus 16, 17 anos. Antes disso, eu já tinha algumas situações que eram ditas como estava recebendo espíritos e é bem próximo ao que a gente vê hoje na Umbanda. Nossos Exus, nossas Pombas Giras, eram os manifestos que eu já tinha naquela época. Foi isso que aconteceu.

Entrevistadora: E o que a Umbanda significa para você?

Entrevistada: A Umbanda é a minha vida! É a minha força, a minha fé! A gente fala, muitos falam, que tem fé em uma imagem, fé em alguma coisa. A Umbanda é a minha vida! Trouxe as mudanças, trouxe as respostas, me dá vida, me dá esperança!

Entrevistadora: E como você entrou para o Terreiro Guardiões da Lei Divina?

Entrevistada: Eu conheci o Irmão Mias Velho, que faz parte do Terreiro, e aí ele me convidou para participar. Eu participava de outro Terreiro. E aí eu vim conhecer para receber atendimento. E a energia era muito boa e aqui estou até hoje.

Entrevistadora: E o que você veio buscar quando você chegou aqui?

Entrevistada: Eu vim buscar um espaço menor do que eu frequentava. Isso tem várias coisas que aconteceram lá. Vim buscar uma energia diferente do que eu sentia lá. Eu sentia que era o momento de eu procurar outro Terreiro, que tivesse essa outra energia que ainda estava me faltando.

Entrevistadora: Que energia era essa?

Entrevistada: A plena certeza do que estava acontecendo comigo era mais real do que eu sentia no Terreiro anterior. E que eu pudesse me desenvolver melhor no sentido de estudos também, de entendimento, aqui a gente tem muito mais respostas do que no anterior. Eu achava ainda que faltava alguma coisa no caso de estudos mesmo, de resposta do que era a Umbanda.

Entrevistadora: E então por que você escolheu participar desse Terreiro, ficar aqui?

Entrevistada: Primeiro porque quando eu cheguei aqui, realmente o que eu vim buscar, eu encontrei a energia diferente. Os irmãos daqui são diferentes, são realmente irmãos. São parceiros. Eu também descobri o amor aqui na casa. E fui acolhida, inclusive. Já vou falar isso.

Eu estava num momento muito difícil com a minha filha. Ela estava passando num processo que ela precisava ir a um Terreiro porque ela também precisava desenvolver a mediunidade e, no anterior que eu ia, ela tinha muito bloqueio *pra* chegar até lá. Justamente por isso, né? A gente que é da Umbanda, a gente sabe que *pra* você ir até um Terreiro muitas coisas acontecem *pra* você não ir. E aqui, o primeiro dia que a gente chamou ela, ela veio e nunca mais parou de vir. Então, eu acho que foi isso que aconteceu.

Entrevistadora: Qual é a sua função no Terreiro Guardiões da Lei Divina?

Entrevistada: Eu sou cambona.

Entrevistadora: E o que você faz?

Entrevistada: Eu sirvo.

Entrevistadora: Você pode me contar um pouco mais?

Entrevistada: Conto. Tudo que precisa na casa, desde a hora que a gente abre o portão *pra* receber tanto os irmãos, tanto os colegas que vêm, os outros irmãos, né? Não da casa, que vem procurar ajuda, a gente acolhe. Tanto de falar um boa noite, de explicar onde é o banheiro, de onde fica a água como funciona a casa. E na hora da gira, na hora da reunião, tudo que os nossos Exus, todos os nossos Guias vêm aqui e pedem, a gente serve. Seja um copo de água, seja uma vela, qualquer coisa que precisar.

Entrevistadora: Você acha que a Umbanda tem a capacidade de mudar a vida das pessoas?

Entrevistada: Eu tenho plena certeza que sim!

Entrevistadora: Por quê?

Entrevistada: Só não muda se a pessoa não quiser. Não aceitar, não quiser enxergar aquilo. Eu vou, acho que eu posso citar o exemplo da minha filha, que, ela era espírita, mas mesmo com o ponto dela não conseguir chegar até o Terreiro, né? Porque os irmãos não deixavam ela chegar, os irmãos espirituais. Ela também é uma pessoa jovem, de 23 anos, que nunca acreditou, por exemplo, que a gente acende velas de diversas cores para diversos tipos de entidades, que a gente possa oferecer algo para uma entidade. Então, a Umbanda transforma.

Entrevistadora: E quais transformações você observou na sua vida ou nessa situação que você contou agora?

Entrevistada: Bom, nessa situação, a minha filha chegou a tomar remédios para se suicidar. Ela não tinha mais o desejo de viver, de ir para a faculdade, de sair de casa. Ela tinha crises para ir em qualquer lugar. Eu nunca desacreditei no fenômeno espiritual, na nossa fé, que eu poderia receber essa bênção. Nunca desacreditei, mas eu imaginava que demoraria muito mais a acontecer. E aí, ao trazer ela aqui, a mudança foi muito rápida. Então, eu vivi com essas dificuldades com ela e ela com essa dificuldade dela, que para mim estava ao lado, mas para ela é muito mais difícil. Eu vivi isso durante muitos anos. E quando ela veio aqui no nosso Terreiro, eu não sei se eu vou falar efetivamente em tempo, mas foram coisas de meses dela não ter mais nada e dias, horas de grandes mudanças para quem viveu muitos anos de aflições.

Então, a Umbanda muda a pessoa só traz coisas boas, além de outros. Para mim, eu encontrei o amor, eu descobri que o ser humano, que ainda existem seres humanos e que a gente não pode desistir das pessoas, porque a gente pode transformar essas pessoas. Eu descobri que existe um ser de luz, que possa parecer que não seja, mas ele é um ser de muita luz. Eu comparo ele muito com o meu pai, que é o Irmão Mais Velho, que a gente vem na casa, hoje é minha casa também, que é onde fica o Terreiro. Então, é um ser que também encontrou a Umbanda do nada, que ele não tinha uma religião efetivamente, mas tinha problemas também como os meus. Para quem não entende da parte espiritual, acaba tendo crises e aí são obsessores. Ele também teve essa passagem com a ajuda da mãe dele, através de outros Terreiros, conseguiu um paliativo e com o passar do tempo ele se tornou um homem e foi em busca disso. Então, é um homem grande exemplo de honestidade, de homem de caridade, de homem de bem, que a vida dele é a Umbanda, então não tem como não se espelhar nele.

Um exemplo é que quando eu conheci ele, a primeira coisa que ele falou para mim: “Eu tenho alguns amigos, precisa gostar dos meus amigos e eu tenho um Terreiro, precisa caminhar junto comigo. Se eu tiver que fazer alguma coisa, primeiro é para o Terreiro, depois é para nós”. A princípio, eu não entendi nada, porque a gente é materialista, então como você vai deixar de fazer para você, para fazer para um Terreiro? Na verdade, se você não fizer para o Terreiro, você não fez para você, as duas coisas caminham junto. Se você não fizer a caridade, eu não gosto de usar esse termo, porque ele expressa coisas muito erradas, mas fora da caridade, realmente a gente não tem um caminho, nada de bom acontece para a gente. É automático, você não vai fazer porque você acha que vai receber, você faz porque aquilo te dá prazer, e esse prazer é a felicidade, é a alegria, é a conquista. Então realmente a Umbanda transforma!

Entrevistadora: E o que significa caridade para você?

Entrevistada: Eu acho que a primeira caridade do ser humano é não desejar o mal para ninguém, porque quando você não deseja o mal, você não emana más energias, nem para você e muito menos para os outros, então você já está praticando a caridade. O que hoje nesse mundo terreno é muito difícil. A caridade também é ter uma boa palavra, quando você está precisando de uma boa palavra e você consegue dar essa boa palavra, é dar um abraço, é um gesto de carinho, é qualquer coisa que você faça para outra pessoa, que não precisa ser material, como todo mundo acha, e

que possa transformar, ou que se não transforma para quem você está falando, com certeza o do lado vai receber. De alguma forma isso acontece.

Entrevistadora: Você falou que não acha esse termo caridade o ideal, por quê?

Entrevistada: Porque ficou muito rotulado para outras religiões, eu não sei qual é o significado no vocabulário. Você deve saber que você é uma pessoa mais instruída que eu. Mas ficou muito rotulado que a caridade é a doação, você precisa fazer uma doação, precisa fazer a caridade. E um exemplo que a gente vê muito é dar cesta básica para o Natal, eu gosto sempre de falar isso, mas a pessoa sente fome de janeiro a janeiro, não é no Natal que ela vai ter a fome, aí não é dar a cesta que vai resolver o problema. Por detrás de você ter que levar uma cesta, o que está acontecendo com suas famílias? O que você pode fazer por essas famílias? E sem olhar a quem? Porque hoje a gente julga muito, né? “Eu não vou ajudar ele porque ele é um alcoólatra, não quer saber de trabalhar”, é o que a gente mais ouve. Então a caridade realmente é isso. Para mim eu não usaria essa palavra, mas infelizmente é expressado dessa forma na sociedade.

Entrevistadora: Qual palavra você usaria?

Entrevistada: Eu acho que o amor ao próximo. Eu acho que é bem abrangente, porque o amor tem vários significados, várias formas, várias formas de sentir, de expressar, de fazer, de agir, então acho que seria isso.

Entrevistadora: E Irmã Mais Velha, como é ter um Terreiro na sua casa?

Entrevistada: Eu vou falar duas coisas, uma é muito bom. Eu digo muito bom porque eu tenho quem eu tenho ao meu lado. Eu acho que se fosse com outra pessoa eu não sei como seria, porque a gente tem uma proteção muito grande, que eu falei que é porque eu tenho ele ao meu lado, porque realmente eu sei que a gente tem essa grande proteção, mas eu ainda não tenho noção do tamanho dela. Mas é muito bom!

Entrevistadora: E como funciona o Terreiro na casa, a rotina?

Entrevistada: Nós temos reuniões uma vez por semana, então no dia da reunião, da gira, que a gente fala assim, tem todo um ritual, vou usar esse termo. Então de manhã cedo, o Irmão Mias Velho já faz, ele acende as velas nos pontos de equilíbrio da casa. E diariamente a gente tem o hábito de diariamente, no período da manhã, fazer as nossas orações, então a gente vem até o Terreiro e ora.

Entrevistadora: Qual é a sua visão sobre a importância da Umbanda no Brasil?

Entrevistada: Para ser sincera, eu não tenho muita noção da importância, dentro dos seus estudos que já deve ter a resposta. Mas eu entendo que o cenário que a gente

vive religioso, ele já criou um território muito amplo, muita gente conhece, já ouviu falar da Umbanda, mas não tem entendimento sobre ela, por falta de orientação, por medo, por receio, mas do tempo. Por exemplo, que eu ouvi falar da Umbanda e nessa minha trajetória, mudou bastante. Então a informação, mesmo que para muitos que ainda não recebem ou não buscam saber, eu penso que mudou muito e chegou para muitas pessoas, ou por necessidade, ou por curiosidade nesse caso.

Entrevistadora: E para você, qual é a importância das giras para a Umbanda?

Entrevistada: Eu não consigo ver a Umbanda sem a gira, porque a gira, independente da casa estar aberta para praticar a boa ação aos irmãos que procuram ajuda, ela é importante também para os integrantes da casa, é um momento que a gente também se energiza, a gente também precisa, em algum determinado momento. A gente é humano, a gente não consegue, a gente é fraco e precisa dessa energia. Então a gira é importante para os dois aspectos, para os irmãos da casa e para a espiritualidade, vim deixar a palavra dela, a gente precisa disso. Nós estamos aqui em momentos de muitas provas, que mesmo com toda a orientação que a gente tem da Umbanda, a gente precisa ainda ouvir uma boa palavra. Então nesse momento da gira é que tudo acontece, as energias se recarregam, a gente dá as nossas doas as nossas energias também, a gente recebe, é um processo de muito amor.

Entrevistadora: Irmã Mais Velha, como uma pessoa vinculada a uma casa de Umbanda, qual é a principal responsabilidade das pessoas iniciadas na Umbanda com as pessoas que frequentam o Terreiro, como por exemplo os irmãos da assistência?

Entrevistada: Eu não entendi a pergunta.

Entrevistadora: Qual seria a responsabilidade das pessoas da corrente, das pessoas, que são iniciadas, com quem frequenta a casa?

Entrevistada: Eu acho que é a mesma responsabilidade dos iniciantes da corrente com os que já estão na casa ou com os irmãos que a gente dá assistência. Os dois, assim, tanto com quem frequenta, os irmãos, então dessa relação com os irmãos que frequentam a casa e também com quem chega de fora, com assistência, que busca ajuda.

Como que funciona essa dinâmica, por assim dizer? As pessoas que vêm procurar a casa para participar da gira, os Umbandistas que querem participar da gira, normalmente eles vêm conhecer, normalmente eles já vêm de outra casa, que é o que acontece muito aqui no nosso Terreiro, e aí eles são convidados a participar. Eles não chegam aqui num dia comum de gira e já entram *pra* gira. Já aconteceu algumas

situações que a gente recebe amigos nossos aqui que tem uma mediunidade super pronta *pra* nos auxiliar e aí ele vem e nos auxilia naquela gira. Mas eu creio também que a espiritualidade que preparou aquele momento. E fora disso, eles são convidados a participar da gira. E aí os que são convidados e nós já participantes, a nossa responsabilidade dentro disso tudo é muito grande. E eu penso que independente de ser Umbanda, ninguém entra em algo com pensamento que vai parar, que vai desistir, principalmente com uma situação muito forte, que a gente *tá* aqui *pra* servir alguém, a gente se compromete com a espiritualidade. Então a gente *tá* falando de responsabilidades, as pessoas vêm aqui esperando que a gente faça algo por elas, ou que elas saiam daqui melhores do que chegaram. Por isso que eles são convidados *pra* participar da gira, então a espiritualidade prepara isso.

Acontece sim de algum momento a pessoa ter que sair da gira, por motivos particulares. Como eu falei anteriormente em outra pergunta, nós somos fracos, nós somos humanos, então é um trabalho diário ser da Umbanda, de oração, de equilíbrio, eu acredito que nós somos muito mais cobrados espiritualmente do que qualquer outra pessoa. Nós da Umbanda, os espíritas, o kardecista, todos que estão nesse meio, porque é só nós que conseguimos ver, falar com quem já foi desse mundo. Então, diariamente a gente tem vários irmãos ao nosso lado querendo alguma coisa, e não são só os irmãos encarnados, são os desencarnados. Então, quando você assume um compromisso desse, é *pra* vida toda, você não consegue mais deixar esse compromisso.

Eu posso comparar isso com ter filhos. A gente tem pais que têm os compromissos com os filhos eternamente, e a gente tem pais que no decorrer do tempo nem lembram mais que têm filhos, ou pela escolha dos filhos ou pela escolha dos pais. Mas na Umbanda não acontece desse jeito, você muda de cidade e você não é mais da Umbanda. Você muda de cidade, você muda de religião, você não é mais da Umbanda. Você sempre vai ter isso com você. Todos os seus Orixás estarão com você. Quer você queira, quer você não queira. Mesmo que você não queira, porque ninguém é obrigado a nada, mas esse compromisso não é só daqui, você assumiu esse compromisso bem antes de vir nesse plano terreno. E eles estarão lá, a não ser que a gente desvie através do nosso livre-arbítrio e caminhe para o caminho do mal. Mas as consequências são muito piores do que com uma pessoa católica, por exemplo.

Entrevistadora: E, Irmã Mais Velha, como funciona a relação com os irmãos da corrente?

Entrevistada: No sentido da Umbanda ou fora do que?

Entrevistadora: Sim, também, o que significa ter um irmão de corrente?

Entrevistada: Eu descobri isso há pouco tempo, mas ter um irmão na corrente é o nome irmão mesmo que muitos dizem que acham que sabem, o irmão de sangue. Não. Isso é a Irmandade, porque se eu tiver qualquer problema, seja ele espiritual, profissional, problema de saúde, as primeiras pessoas que eu vou ligar vai ser para os meus irmãos. Mas por que eu vou ligar para ele? Porque quando a gente se encontra aqui, isso fica claro que nós somos parceiros e estamos juntos. Na verdade, a gente nem tem medo de ficar doente e nem tem medo que vai precisar de alguém como outras pessoas. Se acontecer isso, quem vai me socorrer? A gente nem tem esse pensamento, porque a nossa força é tão grande de ter esse sentimento de amor, de companheirismo, de cumplicidade, tanto nas nossas orações, tanto no nosso convívio, que nos deixa bem um com o outro.

Entrevistadora: Você já vivenciou alguma experiência de discriminação ou violência por ser umbandista?

Entrevistada: Eu não vivenciei, vivenciei explicitamente, diretamente comigo, mas ao meu lado falas e ao meu lado eu também não pude me expressar, porque eram a maioria no caso, né? Então, eu ouvi coisas sobre esses conceitos da Umbanda, mas que também não era o momento para eu explicar, porque a falta de entendimento da pessoa e da complexidade que seria para eu explicar algo que para ele já está impregnado, não tive oportunidade. Agora, quando eu era jovem, quando eu estudava quinta série, sexta série do ensino fundamental, eu tinha muito receio, porque as professoras sempre perguntavam a religião e, na minha sala, todos eram católicos e eu era espírita. Então, eu ficava com bastante receio de falar, porque ao falar em cada sala, em cada ano que eu passava, menos amigos eu tinha. Mas eu falava!

Entrevistadora: E o que você ouviu na situação anterior que você falou?

Entrevistada: Isso foi agora, semana passada, várias eu já ouvi! Eu trabalho em um local que 90% dos colegas são evangélicos, então é natural que eles falem mesmo. E a pessoa tinha um exemplo muito bonito, ela perdeu a filha e ela estava muito triste contando essa história para outro colega e eu estava sentada ao lado, não tinha como não ouvir lanchando ao lado. Aí ela falou que ela estava muito triste com a perda da filha e aí outra pessoa em um determinado momento criticou ela e ela ficou muito

nervosa e queria ser agressiva com a pessoa, ir atrás da pessoa. E aí nesse momento que ela falou: “Você já pensou se eu for atrás dessa pessoa e ela é da Umbanda e ela fazer uma macumba para mim? O que eu faço com essa macumba?” Foi isso. E nesse mesmo dia com essa mesma pessoa, ela estava contando outra ação, outra situação lá e ela foi bem afirmativa, né? “Que a gente tem que respeitar as religiões, que a gente tem muitas pessoas de outras religiões que saem do centro de oração e fazem ao contrário, então não é para a gente ir atrás da religião, porque tem muita gente boa que não tem religião e é boa, né?” Que a gente não deveria discriminar nenhum, nem ninguém da Umbanda. Então quando já fala assim, né?

Mas é falta de entendimento mesmo, é questão cultural, era uma pessoa bem, com o coração cheio de amor, mas com falta de entendimento do que é a Umbanda. Mas o respeito em si ela entende, né? Que a gente tem que se respeitar, mas ainda assim acredita que a Umbanda possa fazer alguma coisa de mal.

Eu tive outra situação também, aí a gente pode falar, eu falei de uma pessoa que culturalmente não tem acesso a informação, mas eu posso dizer de uma pessoa que tem, né? Que é o líder lá da empresa e que numa determinada reunião, ele falou assim que ele respeita todas as religiões, “inclusive da Umbanda, todos os macumbeiros, que não tem importância de ter funcionário colaborador macumbeiro”. Então é isso.

Entrevistadora: E como que você lidou com essas situações?

Entrevistada: Bom, quando eu entrei nessa empresa aí, e eu sei que eles são evangélicos, eu já me situei que realmente eu posso levar a mensagem da Umbanda, mas no momento certo, com uma parcela maior de cautela, né? E que à toa eu não estou lá. Como umbandista, ou as pessoas que são espíritas em geral, a gente veio aqui para semear isso. E, às vezes, a sementinha você aduba, aduba, aduba ela e ela morre, mas a gente pega outra, compra outra semente e assim vai. Mas eu não tive como, nesses exemplos, de me manifestar, porque uma era uma reunião com vários outros colegas, não era o assunto, mas a pessoa infelizmente não tem respeito, questões éticas de mencionar isso. E essa pessoa, mais na hora que a gente estava lanchando, não tinha como realmente falar. Eu ouvi ela, não veio falar para mim também.

Entrevistadora: Você se lembra de algum desafio que você experimentou na sua vida e que o Terreiro te ajudou a superar?

Entrevistada: Eu acho que o maior desafio, para mim, foi com a minha filha. E o Terreiro me ajudou, porque ela estava, ela tinha tentado suicídio, eu não conseguia

levar ela no outro Terreiro, e aqui eu trouxe ela e a partir daí os Exus falavam que era para eu acreditar no que eles iam fazer com ela, que eles iam transformar a vida dela no sentido de sair dessas crises que ela tinha, dela acreditar que ela tinha uma vida pela frente. E eles sempre perguntam, “você acredita no que eu estou falando? Você acredita em mim?” E a partir daí eu realmente comecei a observar cada vírgula que eles me falavam e tudo que eles falaram realmente aconteceu. A minha vida se transformou quando eu conheci o Irmão Mais Velho, quando eu vim para esse Terreiro. Eu consegui, eu estava num processo que eu tinha conseguido sair de um relacionamento de 27 anos, desacreditada que eu poderia encontrar um amor, jamais achei que pudesse, que eu encontrava um companheiro. Não desacreditei da minha religião, nunca deixei de procurar uma casa de oração espírita, umbandista, mas a minha vida estava uma catástrofe. Foram anos de dedicação no casamento, dedicação para minha filha, porque filhos são isso, e estava tudo dando errado. Trabalho eu não conseguia, os que eu conseguia, eu tive que sair do trabalho porque a pessoa queria que eu mudasse a minha índole, fizesse coisas muito ruins para os colegas de trabalho se eu aceitasse crescer profissionalmente. Então estava num momento muito ruim de não acreditar que poderia melhorar, que eu só teria que ir trabalhar, comer, pagar minhas contas e seguir numa via, uma luz, no sentido de ter uma perspectiva.

Mas nunca deixei de ter fé, nunca deixei! Mas a Umbanda acendeu ainda mais a minha fé, que as coisas podem ser diferentes, que a gente pode ser feliz até com menos do que eu tinha, materialmente falando. Com menos pessoas, porque a gente acha que a gente só é feliz tendo um monte de amigos, que a gente só acha que vai ser feliz tendo um emprego que te pague muito bem, que tenha status, enfim, coisas que esse mundo faz com que a gente acredite. Na verdade, a gente é feliz com bem pouco e eu sou feliz com menos ainda do que eu tinha. E a Umbanda me fez mostrar isso.

Entrevistadora: Irmã Mais Velha, *pra* você, qual é a importância dos pontos cantados durante a gira?

Entrevistada: Os pontos, eles são orações, né, no ponto de vista. A primeira coisa que eu acho é que eles são orações. E depois, eles também carregam as nossas energias. Para cada ponto que é cantado a gente sente a energia da entidade que já está ali presente. Não significa que a gente canta o ponto e é por isso que ela vai vir.

Mas ela favorece bastante manter a energia, trazer novas energias, trazer alegria, né, e é a forma de oração.

Entrevistadora: E qual é o seu ponto preferido?

Entrevistada: Os meus pontos preferidos? São tantos. Eu não sei o nome dele, Fer, eu só canto, é *pra* Ogum.

Entrevistadora: Pode cantar.

Entrevistada: Eu sou péssima *pra* cantar.

Entrevistadora: Só o comecinho.

Entrevistada: Eu vou cantar uma parte dele. Eu cantava muito em casa, quando tudo estava difícil. *“Abra meus caminhos Ele é o senhor das estradas, Ogunhê. Abra meus caminhos, Ogunhê. Ele é o senhor das porteiras, Ogunhê. Ele é meu pai, Ogum Chorokê! Ogum Chorokê!”*

Entrevistadora: E o que esse ponto significa para você?

Entrevistada: Força, libertação. E que eu nunca estou sozinha.

Entrevistadora: É isso, Irmã Mais Velha. Tem mais alguma coisa que você quer falar?

Entrevistada: Eu gosto de muitos outros pontos, viu, Fer.

Entrevistadora: Você quer cantar mais algum? Pode cantar se quiser, não tem problema. Eu perguntei um, mas pode ser mais.

APÊNDICE E – Entrevista Irmã Mais Nova

Entrevistadora: Tá, então, meu nome é Fernanda de França Gato, hoje é dia 11 de dezembro.

Entrevistada: 12 de dezembro.

Entrevistadora: É verdade, é 12? Nossa, *tava* com o dia 11 na cabeça agora. São 20 horas e 40 minutos, eu vou realizar a entrevista com a Irmã Mais Nova. Por questões de registro, essa entrevista está sendo gravada. Irmã Mais Nova, você está de acordo com a gravação?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Obrigada. Então, eu vou pegar algumas informações que são mais um perfil geral mesmo, primeiro. Irmã Mais Nova, qual é a sua idade?

Entrevistada: 23 anos.

Entrevistadora: E a sua escolaridade?

Entrevistada: Eu sou bacharela em tradução.

Entrevistadora: E a sua profissão?

Entrevistada: Sou tradutora.

Entrevistadora: E qual é a sua autodeclaração étnico-racial?

Entrevistada: Eu sou branca.

Entrevistadora: Obrigada. Então, Irmã Mais Nova, você acompanha e se mantém atualizada sobre discussões políticas?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Você pode comentar um pouco sobre a sua visão?

Entrevistada: Visão política nacional?

Entrevistadora: É, de forma geral.

Entrevistada: De forma geral, a gente está num momento de transformação da dualidade que a gente existe entre extrema-direita e esquerda nacionalista. E com a mudança agora, com a nova eleição, a gente vai ter novas mudanças. E a minha visão é positiva quanto às mudanças para o ano que vem. De forma geral Brasil e mundial também.

Entrevistadora: O que você acha que pode mudar?

Entrevistada: Acredito que vai mudar positivamente em relação à sociedade. Também vai ter coisas ruins, como o outro lado vai ver as mudanças. Mas eu acredito

que todas as esferas, educacional, social, na saúde, voltaremos a ter as coisas que foram tiradas de nós. E a visão de algumas pessoas vai ter que mudar por isso.

Entrevistadora: Irmã Mais Nova, como você conheceu a Umbanda?

Entrevistada: Eu conheci pela minha mãe. A gente era espírita e ela houve a necessidade, dentro dos trabalhos como médium, de trabalhar dentro da Umbanda. Aí eu fui junto com ela.

Entrevistadora: E como foi essa experiência para você?

Entrevistada: Ah, foi estranha primeiro, porque dentro do Espiritismo a gente via a Umbanda como algo ruim, algumas esferas que ela trabalhava. Também os rituais, para mim foi estranho no primeiro momento. A música, a dança, enfim, as expressões. E medo causava também. Mas depois que fui conhecendo, o olhar foi mudando.

Entrevistadora: E o que a Umbanda significa para você?

Entrevistada: Hoje é família. Vinda da fé, mas é família. De confiança, laço, de relação.

Entrevistadora: Você diz isso em relação aos irmãos do Terreiro?

Entrevistada: Ah, é tudo. Em relação aos Guias, aos Orixás, às energias da natureza, aos irmãos também. Mas é de relação a laços, né? Que tem o mesmo laço familiar.

Entrevistadora: E como você entrou para o Terreiro Guardiões da Lei Divina?

Entrevistada: Ah, pelo mesmo jeito que eu entrei na Umbanda. É, do mesmo jeito. Minha mãe conheceu o Irmão Mais Velho, que é um dos integrantes, e a gente começou a frequentar lá, por essa necessidade.

Entrevistadora: E quando que isso aconteceu?

Entrevistada: 2018 para 2019.

Entrevistadora: E por que você escolheu participar desse Terreiro?

Entrevistada: Ah, vocês me acolheram. Não tinha por que escolher o outro. Por todos os sentimentos que envolveu o Terreiro, os irmãos, a Umbanda em si. Não tem por que eu procurar outro lugar se lá é onde eu me sinto bem. Onde é a família mesmo.

Entrevistadora: E quais sentimentos você costuma sentir lá?

Entrevistada: Ah, são muitos. Primeiro é de alívio, sempre, né? Porque a gente sempre vai com todas as energias da semana. Ou com o medo em si do que vai acontecer no dia, muitas vezes, né? Porque a gente vai sem saber de nada. Somos surpreendidos, né? Então tem a surpresa também. Às vezes é amor também, por todas as trocas. Gratidão, muitas vezes, também, pelo que a gente ouve. Ou por se

tocar que realmente a gente não tem que, porque a gente veio de energia negativa, não existe. E a gente acaba agradecendo por ela não existir. E conforto, por tudo isso.

Entrevistadora: E qual é a sua função no Terreiro Guardiões da Lei Divina?

Entrevistada: Eu sou cambona.

Entrevistadora: E o que você faz como cambona?

Entrevistada: Eu auxilio os irmãos e também aos Guias que estão lá. Então eu sirvo eles, bebida, charuto, eu acendo as velas que necessita, se precisa fazer algum atendimento de fora, que vai vim conhecer a casa, eu faço o atendimento. E todas as surpresas que aparecem na gira.

Entrevistadora: Como é essa experiência *pra* você?

Entrevistada: Ah, de início foi, era estranho, né? Mas meio que eu já fazia mais ou menos isso dentro do Espiritismo, sem esse nome, sem todas as funções determinadas, mas quando eu estudava, a gente já estava ali *pra* fazer tudo que tinha que fazer *pra* sessão ocorrer. Mas de começo, eu ainda sinto medo, né? Por não saber o que vai fazer, o que tem que fazer, e por eu estar conhecendo coisas novas, ainda dá essa sensação. Mas é bom no final da noite, porque a gente ajudou, de certa forma.

Entrevistadora: Irmã Mais Nova, você falou um pouco do Espiritismo. Qual é a diferença que você observa entre o Espiritismo e a Umbanda?

Entrevistada: Na minha experiência, eu cresci no Espiritismo Kardecista. Até por isso esse contraste muito grande, por ele ver que a Umbanda é algo ruim em alguns aspectos. Mas o que eu vejo de igualdade, um pouco é essa parte de amor ao próximo, de se doar, a energia muito parecida em certos momentos, por ser de amor, por ser de caridade. E os ensinamentos em si. A essência, a base do Espiritismo, a gente leva ainda *pra* você entender o que é Umbanda e saber levar na vida todos os ensinamentos.

Entrevistadora: E por que você acha que, no Espiritismo, a Umbanda é vista como algo negativo?

Entrevistada: Um pouco porque as pessoas têm medo da carga social que deu *pra* Umbanda pelos rituais afro-brasileiros. *Pra* não ser umbandistas, as pessoas colocaram que é algo ruim. E eu acho que é um pouco também de, sei lá, de querer pegar as pessoas *pra* si, igual qualquer religião. Nos lugares que eu frequentei, as pessoas que eu conheço que frequentam, um pouco é por isso. Por achar que apenas o Espiritismo é correto e que outras maneiras de ver o mundo não são. Ou que só

espíritos da luz fazem a caridade. Espíritos que ainda não estão na luz ou que não dizem de luz, não usam essa palavra, não fazem o bem.

Entrevistadora: Você acha que a Umbanda tem a capacidade de mudar a vida das pessoas?

Entrevistada: Com certeza, né? Com certeza! Eu sou exemplo, você é um exemplo. Eu só continuo na Umbanda porque mudou a perspectiva de vida, de me ver, de ver a sociedade, de levar as coisas na vida. Então, sim! E tem vários outros exemplos e várias outras experiências.

Entrevistadora: O que você acha que a Umbanda mudou em você?

Entrevistada: Ah, eu sou mais positiva agora. Eu já era, já não via muitas coisas, não levava tudo num ponto negativo, mas quando eu levava, me destruía psicologicamente. Hoje, eu acho que não vejo tudo como negativo. Eu fico ansiosa, obviamente, mas essa negatividade que muda tudo em volta, eu acho que não tenho mais. E eu não agradecia antes, eu não tinha esse sentimento, mesmo que tinham me ensinado, né? Quando a orar, agradecer e tal, eu acho que era feito só porque a oração fala “obrigado”, e eu tô falando “obrigado”! Acho que era mais isso.

Entrevistadora: E qual é a sua visão sobre a importância da Umbanda no Brasil?

Entrevistada: Ah, ela é parte da nossa cultura, né? Igual, tanto faz mudanças, além da parte cultural, igual faz mudanças na minha vida, faz de várias pessoas. Só por estar presente já é uma parte muito importante *pra* sociedade, porque ela enquadra a vida dos brasileiros. Mas também por contar a história de várias etnias que compõem os Brasis que existem, por ser também ponto de vista e ponto comportamental da sociedade, que vai me influenciar a ver a política, ver a sociedade em geral, os comportamentos da sociedade. Então é muito importante. Igual a qualquer outra religião, mas acredito que essa é mais forte, porque tem ligação mais com a história da construção do Brasil, do que o cristianismo também, mas do que outros.

Entrevistadora: E como você acha que a Umbanda pode influenciar esse olhar sobre a política, assim como você mencionou?

Entrevistada: Eu acho porque traz esse setor de liberdade. E aí, às vezes, quando a pessoa é muito restrita a um pensamento político, ela não vê o contexto social, ela pensa só no seu círculo. E às vezes na política você não tem que pensar só no seu círculo, você tem que pensar em toda a sociedade que você vai votar, no Brasil inteiro, por exemplo. E a Umbanda traz um pouco nisso. Você não vai pensar só em mim, eu vou pensar no meu colega, eu vou pensar no irmão do meu colega. Eu vou pensar na

família que ficou no Nordeste, que ele veio *pra* cá, que meu colega não tem acesso à saúde, mas eu tenho, porque eu ganho mais, vai influenciar em tudo. É um pouco o que mudou também a minha visão e das pessoas que eu conheço, fazem parte também. Às vezes não, mas uma vez sim.

Entrevistadora: Irmã Mais Nova, *pra* você, qual é a importância das giras *pra* Umbanda?

Entrevistada: Ah, é a prática! A gente não tem. Eu aprendi nesses anos que a Umbanda também é exercício, né? Não é só, diferença do Espiritismo de novo, não é só ler, você tem que praticar. Então, agir é muito fundamental *pra* gente entender essa essência do que é a Umbanda, do que é a família, a caridade e também *pra* evolução. Se eu não tô ali agindo e tendo essa troca de energia, de conhecimento, eu não tô fazendo a evolução que se prega mesmo, não tô me evoluindo como ser, não tô ajudando outras pessoas a evoluir, além de toda a energia que tem, que é muito importante e é a Umbanda, né. Então, tem que ter.

Entrevistadora: E você pode me contar um pouco mais sobre o que é uma gira da Umbanda?

Entrevistada: É uma forma que a gente faz de trabalho. Vou fazer a comparação com o Espiritismo de novo, não tem como, porque não sei se. E é assim que eu aprendi, é assim que eu cresci e vai ser. É um trabalho que a gente realiza entre os irmãos na Casa. Cada um tem uma função específica, determinada, às vezes não. E os médiuns trabalham na Casa *pra* trazer conhecimento através dos Guias, dos Orixás, *pra* todas as pessoas que estão participando, seja nas giras ou convidados externos. E aí nessa troca, durante a noite vai tendo trocas de conhecimento, ajuda, as energias que a gente sente, positiva ou negativa, que a gente vai aprendendo. Muitas vezes também é conscientização, tempo *pra* gente pensar nas coisas que a gente veio, foi buscar, coisas que estamos em dúvidas, nas negatividades que estão trazendo *pra* gente, o que a gente tá fazendo. Então é uma ação coletiva do espiritual e do ser humano na Terra, *pra* que todos evoluam de uma certa forma. O espírito trocando informação, ajudando os encarnados, e os encarnados buscando ajuda e tendo uma consciência sobre si.

Entrevistadora: E como funciona esse conceito de evolução?

Entrevistada: Eu vejo a evolução, agora que eu tenho as duas linhas sobre evolução, que ela é um pouco dinâmica, assim vamos dizer. A gente encarna na Terra *pra* aprender, passar sobre provas, e *pra* nos exercitar como seres e aprender com nossos

erros e com os dos outros. E aí quando a gente morre, que a gente desencarna, nós aprendemos de novo no plano espiritual. A gente tem uma visão geral do que a gente fez, do que não fizemos e era *pra* fazer, por exemplo. E encontramos ou não todas as pessoas que a gente teve contato. E também a gente pode sofrer pelas coisas que a gente fez, em alguns momentos. E aí depois de um certo tempo que a gente teve realmente aquela, aquele acalmo espiritual, assim, eu fiz, eu não fiz, consciência de tudo, a gente tem a oportunidade de novo de passar por um processo de recuperar o conhecimento que a gente não adquiriu na vida passada. Então é dada essa oportunidade de evoluir, de aprender de novo, de conhecer, ter novas experiências, conhecer novas energias, novas pessoas, criar laços e aí é um ciclo. A gente vai vivendo isso *pra* sempre aprender coisas novas, sempre evoluindo na essência da palavra evoluir mesmo. Em todos os lados, negativos e positivos.

Entrevistadora: E qual você acha que é o resultado?

Entrevistada: Eu acho que não tem resultado, por ser realmente um ciclo dinâmico. Porque tem pessoas que acham que a luz superior é Jesus e a gente vai se sentar do lado de Deus, não fala isso? Eu acho que isso não existe, eu acho que aí no momento que a gente tem um conhecimento a mais que o outro, a gente vai fazer igual na gira, a gente vai lá trabalhar, igual realmente acontece, né? Alguém que tem mais conhecimento que a gente espiritualmente vai nos ajudar e passar esse conhecimento. Então eu acho que é sempre assim. Até porque o mundo muda, a humanidade muda, os outros planetas, os outros seres que vivem nos outros planetas mudam, o conhecimento sempre vai surgindo de novo. Então sempre tem coisa *pra* aprender.

Entrevistadora: Irmã Mais Nova, como uma pessoa vinculada a uma casa de Umbanda, qual é a principal responsabilidade das pessoas iniciadas na Umbanda com as pessoas que frequentam o Terreiro?

Entrevistada: Qual a relação?

Entrevistadora: Isso, qual é a principal responsabilidade? Assim como uma pessoa da corrente, com quem frequenta lá, sejam os irmãos, seja a assistência?

Entrevistada: Eu acho que de respeito, primeiro, *pra* você não julgar as ações do outro, o que o outro foi buscar, as ações que vão ser feitas ali dentro. Eu acho que respeito, aí o respeito vai girar em tudo, todas as decisões que vão ser tomadas, as palavras que vão ser ditas ou não ditas. É muito de respeito.

Entrevistadora: E como funciona quando uma pessoa chega de fora no Terreiro *pra* buscar ajuda?

Entrevistada: Como que funciona, de que forma você fala?

Entrevistadora: Assim, como que os irmãos recebem essa pessoa, como a Casa, o Terreiro em si, recebe essa pessoa?

Entrevistada: A gente sempre recebe de braços abertos, a gente tenta explicar como é o funcionamento da casa, mas deixa assim a pessoa confortável. Acho que a gente consegue fazer isso bem, deixar a pessoa confortável, até pela casa ser simples, não ter nenhum luxo, nenhuma obrigatoriedade da pessoa fazer tal coisa, não fazer tal coisa, só mais seguir o que a gente já faz no momento da parte ritualística. E aí dentro da gira em si tudo muda. Como a gente não sabe o que realmente vai acontecer, não tem muito o que Guiar eles naquela hora, mas acredito que o objetivo é realmente a pessoa ficar à vontade, igual a gente já fica *pra* que ela possa absorver tudo que tem que absorver.

Entrevistadora: E você pode comentar um pouco como que é a relação com os irmãos da Casa, assim, entre os irmãos mesmo?

Entrevistada: Ah, eu vou lá na Casa, no meu ver, a gente é família, mas é desconstruída essa palavra de família de sociedade. Então a gente tem momentos que discordamos como cidadãos e influencia na nossa relação, mas isso fora da casa, não dentro da casa, porque existe o respeito, como perguntou. E também fora e dentro a gente sempre troca os conhecimentos, os pontos de vista, seja agressivamente ou não. E eu acredito que a gente é, a gente consegue ser, nós irmãos lá, o que a gente espera que irmãos de gira sejam, sabe, de discordar, mas respeitar, de auxiliar quando o outro *tá* chorando, mesmo que as palavras sejam ditas não sejam entendidas na hora, mas são palavras de apoio, são palavras de ajuda, mesmo que não expressadas bem. E sempre que a gente precisa, alguém *tá* lá, sempre! Nunca vi que a gente precisou de ajuda e não fosse um irmão do nosso Terreiro que estivesse lá ajudando.

Entrevistadora: Qual você acha que é a principal diferença entre uma família, como a sociedade entende, e uma família de Terreiro?

Entrevistada: Ah, eu acho que a família de sociedade vê muito que é, fora o sangue, que ainda não consegui desvincular que família é de amigos também. Fora a necessidade de ser consanguíneos, ter registro e tudo mais, acho que com elas vê uma relação muito fechada, família sou eu e três pessoas, meu marido e meu filho, meus filhos, ou sou eu, minha mãe e meu pai, fechou. Acho que a família de Terreiro

é aberta, porque as pessoas são abertas, estão em transformação, em evolução, e outras pessoas surgem. Acho que na família se não tem relação de consanguíneo, de casamento, de registro, ela não tem mais membros, e a evolução é fechada, se um não evolui, a outra evolui sozinha. E na família de Terreiro não é assim, a gente está evoluindo juntos.

Entrevistadora: Você já vivenciou alguma experiência de discriminação ou violência por ser umbandista?

Entrevistada: Eu não descreveria como. Não, foi discriminação! Uma discriminação foi que eu fui fazer uma entrevista de emprego, e aí perguntaram, que eu já acho que não tem a necessidade de perguntar, teria a necessidade se onde a gente vivesse não existisse discriminação, não vou contratar porque é uma pessoa umbandista, que foi o que aconteceu. Mas tem outros exemplos que eu não vejo como discriminação, eu vejo como a pessoa quis se preservar pelo que ela acredita, mesmo me conhecendo, que poderia se enquadrar com discriminação. Mesmo a pessoa conhecendo, sabendo que eu não faria o mal para ela, que eu não faço o que ela acha que a Umbanda pratica de errado, ela prefere não fazer ou não me acompanhar em certos casos. Como não comer comigo, porque acha que estou comendo alguma coisa diferente, não aceitar presentes, porque não pode. Enfim, essas coisas. Não ter essa *desassociação* da pessoa que eu sou, significa o que a minha religião é, mas focar que a pessoa é umbandista, então as coisas que eu ouço que ela faz errado, essa pessoa faz também.

Entrevistadora: Como você enfrentou essas situações?

Entrevistada: Ah, o do emprego eu já imaginei, porque o jeito que a conversa virou depois que eu respondi já intui que a pessoa não ia, e por eu conhecer que existe a discriminação, eu falei: “tá, não tem muito o que eu fazer”. E depois para frente eu entendi que não era para ser, era uma experiência que eu tinha só que passar por aquilo e conhecer aquelas pessoas, aquela situação, mas que não era toda aquela carga positiva de eu preciso desse emprego, não era aquilo. Enquanto as ações das outras pessoas, eu respeitei, porque eu sei que isso ocorre mesmo, que o que é passado dentro de outras igrejas daqui, que deve se dar valor só aquilo que aprendido lá, na instituição, e não do que as outras igrejas falam. Que existe só uma lei, existe só um jeito de agir. E porque eu faço a dissociação: a igreja que a mulher segue e fala que ela não pode comer comigo, não é o que ela é, então não tem que ver que ela é uma pessoa ruim porque ela segue isso.

Entrevistadora: Você lembra de algum desafio que você viveu e que o Terreiro te ajudou a superar?

Entrevistada: Quando eu fui no Terreiro, eu estava com depressão. É um desafio, então, de estar com essa carga negativa que te move. É um desafio, de fazer escolhas e de ter coragem de fazer escolhas, sair da bolha, tomar coragem de ter ações que você não tem normalmente quando você mora em família social. Ter essa coragem, então, que aí tendo essa coragem, acho que *pra* mim é sempre ter coragem de fazer alguma coisa. Mas em relação à depressão em si foi esse ato mesmo, essa reviravolta.

Entrevistadora: Como você acha que a Umbanda contribuiu *pra* sua saúde mental?

Entrevistada: Tudo! É igual a outra pergunta que eu respondi, da positividade. Influencia muito a carga mental, né? Uma vez que eu sou positiva e eu vejo o copo cheio, não vazio, já muda totalmente a situação. Já muda a escolha do que eu vou comer com esse copo cheio e não do que eu não tenho *pra* comer com esse copo meio vazio. É tudo, até o estigma de solidão, sabe? Porque muitas das vezes a carga mental era por isso, ou eu tenho que fazer muitas coisas. Não, não tenho que fazer muitas coisas, porque o que eu já faço já é bom. Se é muitas outras coisas, eu vou fazer também com as coisas que eu já faço. E de solidão ela não existe, porque eu fiz tudo isso *pra* estar aqui, então eu só tenho que agradecer que eu fiz tudo isso. E arrumar alguma coisa *pra* fazer agora, porque se eu *tô* me sentindo só, entendeu? É de ter outra visão. E aí toda vez que a gente faz os encontros, a gira, que vê os irmãos de novo, volta isso. Aí eu tenho que ser grata, gratidão que eu não senti isso. E aí eu sou positiva por todas as coisas e tenho menos carga mental.

Entrevistadora: Irmã Mais Nova, *pra* você, qual é a importância dos pontos cantados durante a gira?

Entrevistada: Acho que primeiro *pra* me conectar com a fé. Com a energia, a natureza dos Orixás, dos irmãos também. Mas com a fé em si, de cantar e ter certeza do que eu *tô* cantando, que o Orixá vai me ajudar, que o Guia vai me ajudar, que vai estar presente. Ou que eu tenha aquela força, que eu posso ser justa, que eu posso levantar as coisas ruins, que eu posso ajudar as outras pessoas, que o tempo vai mudar. Então, acho que é de fé assim.

Entrevistadora: E qual é o seu ponto preferido?

Entrevistada: Difícil. O ponto preferido? Nossa! Ah, eu não sei o meu ponto preferido.

Entrevistadora: Pode ser mais de um, se tiver.

Entrevistada: Nossa! Eu gosto do, eu gosto do ponto de Oxóssi, o Senhor das Matas. Ah, não sei. O tradicional, Oxalá criou a Terra. Não sei qual é mais que eu gosto. Eu acho que não tenho um preferido. Eu não tenho um preferido, eu acho que cada hora um ajuda uma situação, se torna preferido, acredito. Você acorda com o ponto na cabeça e ele é o preferido do dia.

Entrevistadora: Hoje, qual o ponto que acordou na sua cabeça?

Entrevistada: Hoje, eu acordei cantando *pro* Seu Tranca Ruas. “O sino da igreja faz belém bem bom”, mas eu cantei outros durante o dia. Então, acho que foi esse, que eu acordei com esse.

Entrevistadora: E o que esse ponto significa *pra* você?

Entrevistada: Ah, um pouco eu acho que porque a gente canta ali no ritual da gira de, de início, né? Então, *pra* mim quando vem isso, acho que até por isso que eu *tava* com ele de manhã. De início, vamos começar de novo. E ele *tá* aí, o Seu Tranca Ruas *tá* aí, não fica preocupada. Ou tem alguém com você, *tá* bom? Você não *tá* acordando sozinha, só com os cachorros. Eu acho que é isso. Mesmo se eu cantar ele à tarde, na hora do almoço, acho que ele significa isso: começar de novo, não estar sozinho.

Entrevistadora: Irmã Mais Nova, quando eu te perguntei sobre o seu ponto preferido, você mencionou um ponto de Oxóssi. Qual que é ele mesmo? Pode lembrar?

Entrevistada: É o Senhor das Matas. Fala sobre, de forma literal, todo o território que Oxóssi cuida e tem conhecimento. E também como que, na minha perspectiva, como que ele influencia no cuidado com a gente. E como que a gente tem que se cuidar. Então, todas as formas que fala no ponto de correr livre, não é só que Oxóssi corre livre, é que eu também posso correr livre. Que as águas me banham, não é que apenas com a permissão dele as águas me banham, mas que eu tenho as águas para me banhar. Que as folhas vão me proteger do frio, é que tem alguém do meu lado, Oxóssi ou não, me protegendo do frio. Então, acho que é por isso que eu falei dela.

Entrevistadora: Ó Senhor das Matas. E você falou também sobre o ponto de Exu, Seu Tranca Ruas. O que é Exu?

Entrevistada: Para mim, Exu é, além de tudo que se fala como comunicação, como o caminho que ele abre para as interações comunicativas de conhecimento, que é mais literal, sobre a função de Exu. Eu acho que é mais proteção, mas não da palavra que a gente conhece de proteção, de te cercar, de força bruta. Mas pelo contrário, é proteção de segurança, em relação à coragem e confiança. Então, ele me passa coragem e confiança e por isso eu me sinto protegida. E também porque de saber

que, igual o outro ponto, que é um amigo leal. Então, eu tenho alguém que é realmente um amigo leal, que às vezes eu não percebo, mas que existe e que dá segurança, que eu posso ficar mais tranquila por ter segurança, coragem. E por eu ser tradutora, que é comunicação, eu entendo através de Exu o que realmente a comunicação é. Para nós, para a humanidade, para o planeta, para as conexões intergalácticas. Por que Exu é importante? Porque a comunicação é importante.

Entrevistadora: E quem é o Seu Tranca Ruas?

Entrevistada: O Seu Tranca Ruas é o chefão! Mas é verdade. O Seu Tranca Ruas é o chefão do nosso Terreiro! Não, ele, eu vou usar uma palavra, não sei nem se pode ser assim que se fala, como eu tenho que expressar a minha imagem que eu vejo. Eu vejo que ele é o Exu maior, entre aspas, em relação às nossas vidas, dos irmãos. Porque é ele que alinha todos os Guias e irmãos espirituais que trabalham com a gente, e como eles irão trabalhar com a gente, como a gente vai trabalhar, e também os momentos de aprendizagem que a gente tem que ter. E equilibra muito que você quer essa resposta, mas não é agora. Vou te dar essa porque é essa que você tem que ter. Então, esse “chefão” é disso, de ter essa proteção que eu falei em relação a nós e a todos os desenvolvidos ali que a gente tem, encarnados ou desencarnados. E com todos os outros Terreiros que ele participa e acolhe. A proteção de acolher também. E se sentir acolhido, seguro.

Entrevistadora: Irmã Mais Nova, o que significa Exu ser o Guardiã da Lei Divina?

Entrevistada: Ah, é pela comunicação. Eu vejo que é pela comunicação. Ele, por ter vários saberes e ouvir vários saberes, esse “guardar” eu vejo como não guardar para si, mas guardar o momento. Eu tenho todos esses conhecimentos, essas conexões e eu guardo elas para o momento adequado das pessoas e para as pessoas adequadas também. Porque às vezes não adianta eu falar com uma pessoa que ela não está no momento evolutivo apto para ter aquele conhecimento. E a Lei Divina, eu não vejo só o divino que a gente pensa em o Deus bíblico. Eu vejo o divino de Universo, que também o Universo para mim não é astrologia, planetas, é em relação a energia mesmo, conexões *evolutivos*. Então ele é o guardião das leis, das conexões evolutivas, momentos e comunicações que existem.

Entrevistadora: E por que você acha que Exu foi demonizado?

Entrevistada: Eu acho que é porque como ele é figurado, como ele é materializado, artisticamente ou não. E aí é fora da realidade de certos grupos étnicos e eles acham que aquilo era ruim. A forma de expressão corporal também pode ser mais bruta, pode

ser, é chula para alguma cultura e aí acho que aquilo é função do demônio bíblico que não existe. E também é social, né? Porque se várias pessoas têm a mesma noção de Exu que eu tenho, que é uma noção positiva, e afeta alguma pessoa superior que pode ser negativa para ela, ela vai espalhar para todo mundo que Exu é algo ruim. Para ela ainda ter esse sentimento egocêntrico, de posse, enfim. E aí historicamente foi feito isso de várias formas diferentes. Mas eu mais acredito que é porque a pessoa viu a figura feia e achou que é feio, então é coisa ruim. Porque Deus é bonitão, é mais ou menos isso. E só existe coisa boa em coisas bonitas, não é isso que acontece. Porque a chuva e o trovão é bonito, mas é cinza.

Entrevistadora: E as Pombas Giras? O que elas significam para você?

Entrevistada: Eu como mulher, é uma expressão do que eu mulher posso fazer. Eu acho que é isso. Toda vez que elas manifestam o conhecimento para mim, eu digo: “Mulher, acorda! Porque você é mulher, o que você pode fazer?” Ou às vezes “Se posiciona, sabe?” Ou é um acorda para a vida, ou é um acorda para a vida no geral. Mas acorda é *tipo*: “você é mulher, você tem uma história de ser mulher, porque nós temos uma história de ser mulher, eu, a Pomba Gira, tenho uma história de ser mulher. Então você tem também. Então você consegue fazer porque eu fiz, ou você consegue fazer porque as outras fizeram”. Então, acho que é essa força feminina mesmo. E liberdade também, mesmo que eu não tenha tanto igual elas têm em forma de se expressar, eu acho que é essa liberdade que às vezes tira da gente, de qualquer sexo biológico, que a gente tem que ter liberdade. Não pensar o que o outro pensa, porque se eu consigo fazer, é isso, eu consigo fazer, então eu tenho que fazer. Acho que é isso.